

WLADIMIR OLIVIER

# O APRENDIZ DO EVANGELHO

*EQUIPE DOS ARRANJOS FLORAIS*

ROBERTO

# ÍNDICE

Evocação ao amor .....	
1. Um grito no meio da noite .....	
2. Difícil ascensão .....	
3. O sonho .....	
4. A segunda etapa da jornada.....	
5. A passagem pelo Umbral .....	
6. Preparação e seleção .....	
7. Rumo à internação .....	
8. Despertar .....	
9. Primeiros passos .....	
10. Pequenas tarefas .....	
11. Honrar pai e mãe .....	
12. Aula noturna .....	
13. Estremecimentos .....	
14. Recuperação .....	
15. Retomando as lições .....	
16. Reunião amena .....	
17. A palavra do Professor .....	
18. Temores fundamentados .....	
19. Visões mais calmas .....	
20. Impasse .....	
21. O clima da reunião .....	
22. Identifica-se o grupo .....	
23. A classe se acerta .....	
24. Preciosas orientações .....	
25. Alegoria .....	
26. Passo importante .....	
27. Serenidade eloquente .....	
28. Formulações evangélicas .....	
29. As novas tarefas .....	
30. O novo grupo .....	
31. Preliminares .....	
32. Encontro de trabalho .....	
33. A grande reunião .....	
34. A lição literária .....	
35. Trabalho pela metade .....	
36. Sob o amparo da classe .....	
37. Seis meses depois .....	

## EVOCAÇÃO AO AMOR

A narrativa terá por finalidade orientar sobre a maneira mais correta de empregar o tempo. Não desenvolveremos o tema filosoficamente, dado que os princípios espíritas se contêm na codificação de Kardec. Mas os problemas do dia a dia irão merecer tratamento cuidadoso, tendo em vista a necessidade, durante a vida, de efetuar série incontável de conquistas morais, o que envolve a compreensão dos fatores do intelecto e do sentimento, como mecanismo imprescindível à ação evangélica.

Que lembrança mais feliz para remeter às sendas que vamos trilhar do que evocar para o amor, conforme nos foi solicitado por Jesus? *Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo* é a lei maior, da qual não há escapar, quando se quer evoluir. Evolução, no plano espiritual, não passa da incorporação aos atos da vontade, da prática do bem, com desprendimento, no aconchego da caridade, da fé e da esperança.

É nosso mestre o Professor Mário, estreante. Assiste-o Maciel, para garantia de que tudo decorra de forma a concretizar os ensinamentos. Nome para a turma? *Equipe dos Arranjos Florais*, para demonstrar que buscamos o registro literário.

# 1

## UM GRITO NO MEIO DA NOITE

Desespero dentro das trevas. Lancinante grito atravessa o espaço. Inútil. O silêncio momentâneo se desfaz em lamúrias mil. Trevas. Escuridão absoluta. Gemidos, lamentações. Horrores perceptíveis. Temores a eriçar os cabelos. Asquerosos contactos desprendem a vontade da fuga. Odores estugam o passo, atrás do infeliz. Respirações arfantes. De repente, o vácuo, a terrível sensação da queda imponderável. Suspenso, o cadáver balouça fracamente iluminado. As carnes putrefactas a escorrerem sumo viscoso.

— Sou eu, Deus meu! Que fiz? Que fiz?

Soluço o arrependimento da morte estúpida. Queria repudiar a vida. Queria instigar a dor. Queria pôr em fúria os inimigos, desfalcados, empobrecidos.

Aperta-me o laço. Sufoco. Mas consigo saber que tenho domínio sobre o ar. Respiro. A sensação íntima é de extremo desespero. Agonizo. Choro. Esperneio. Vislumbro a mão cadavérica. Ossos brancos a despejar os respingos negros do sangue coagulado. Sinto-me leproso. Chaguento. As pústulas deixam escorrer a linfa malcheirosa.

— Santo Deus! Não deveria ter sido retirado da árvore? Não mereceria ter sido sepultado? Digno cristão.

— Péfido suicida. Egoísta. Mesquinho. Como ousa empregar o Santo Nome? Quem lhe dá permissão? Não eu, a Consciência.

Lembranças, apenas. Tremendas lembranças. Quem me dera retratar o Sofrimento! Personalizado. Em carne e osso. Ainda sinto a carne lanhada, intumescida, a desfazer-se. Ao derredor, o bater de asas. Grossas asas. A ameaça de ser devorado vivo. E sabia-me suicida. Irrisão! Perversidade do destino, que grafei em letras de sangue e lavei em pranto.

— O irmão deseja seguir-me?

Era o oferecimento da libertação. Eu não sabia. Tive medo. Seguir para onde? Corri. Desabalei. Alegrava-me a separação do cadáver. Que fizessem o que quisessem com ele. Estava livre!

A penumbra foi quedando atrás e as trevas engolfaram-me. As impressões tácteis acentuaram. O que parecia áspero, tornava-se grosseiro. Feria-me. O mau cheiro punha-me tonto. Desmaiava. Caía em charcos de fezes, que penetravam pela boca. Levantava, cuspiã.

— Deus, é mentira que sois misericordioso! Se fôsseis todo-poderoso, não deixaríeis este filho nesta desgraça!

Recebia funda cutilada no coração. O ferro escaldava ao penetrar. Cheiro de carne queimada. Apanhava o agulhão e deixava nele as carnes. Buscava livrar-me. Outras formas pontiagudas me atingiam o corpo todo. Alguém me abria a boca. Derramavam fel. Ardia a garganta. O estômago esturricava. A cabeça batia o descompasso do coração. Procurava sustentar o crânio. Os ossos ficavam-me nas mãos. Sentia-lhes a dureza. Os miolos escorriam pela face.

— Quem me convida? Quem me convida? Eu quero ir. Ajudem-me. Quem me pode ouvir? Piedade, Senhor!

Recuperava a lucidez. As dores amainavam. A vista não alcançava divisar nenhuma luminosidade. Não podia reconhecer onde estava.

— O irmão deseja seguir-me?

A trégua da dor punha-me desconfiado. Repelia quem quer que se apresentasse. Naquele local, só seres malignos. Não haveria salvação. Precisava encontrar o meu caminho. Rastejava. Intenso frio subia pelos pulsos, atingia os cotovelos, paralisava os movimentos dos braços. E caía de bruços.

— Se fôsseis amor e bondade, Pai, não permitiríeis que os covardes me atingissem pelas costas. Sois vós mesmo quem me feris. Quem com maior poder? Quem mais vingativo? Quem vetou a entrada de Moisés na Terra da Promissão? Quem destruiu Jerusalém? Vós, Deus malvado!

Era levantado. Sentia o corpo enregelado. Sem movimentos. Pairava no ar. Se caísse, esfarelaria de encontro ao solo. O medo aprofundava-se alma adentro. Só o cérebro funcionava. E despencava do alto. Partia-me em mil pedaços. O olho, solto, buscava nas trevas os outros órgãos. E o castigo revelava-se integral. Via, apesar de tudo. E as pernas, os pés, as mãos, a cabeça eram gelo. E o calor aumentava. E todas as peças se derretiam e formavam pequeno lago onde vinham beber seres monstruosos. Brutais. Sugavam o meu espírito, como se desfizera o corpo. Eu era só um olho. E uma consciência.

— Senhor! A que estado me reduzis. Se tivésseis compaixão pelas vossas criaturas, séríeis só perdão! Enviai-me quem me restaure. Eu humildemente vos peço!

— O irmão deseja seguir-me?

Punha-me de pé. Esquecido da decomposição. E vagava de novo pelas trevas, caindo, sofrendo, acusando, prometendo, descumprindo.

Certa feita, desejei restabelecer passo a passo a inútil vida. Queria burlar o fim. Queria incendiar a corda que me dependurou no galho. Morri de novo, preso pelo pescoço. Em chamas. E revivi todas as cenas, com integral sofrimento. A memória participava dos horrores. As recordações reacendiam as misérias da alma.

Quanto tempo permaneci nesse estágio de dor? Jamais saberei. Nem quero reverenciar o sofrimento. Nem quero despertar para a possibilidade dele.

## 2

### DIFÍCIL ASCENSÃO

Um dia, acedi ao gentil convite.

— O irmão deseja seguir-me?

— Sim. De todo meu coração!

la estender-me em explicações, mas o generoso socorrista indicou-me para que silenciasses. Precisaria das forças restantes.

No caminho, vozes se ouviam, atemorizando-me, quase me pondo desfalecido. As energias de amparo do benfeitor, contudo, davam-me alento.

— Suicida! Criminoso! Vilipendiador das obras do Senhor! Carrasco maldito! Espera aí que vamos te pegar. Não penses que estejas a salvo, protegido. Esse acólito da luz deseja escravizar-te! Sem-vergonha! Cachorro imundo!...

E outros termos que me punham pesaroso. Ofendiam minha mãe, meu pai, meus irmãos. Falavam da esposa:

— Corno manso! Não tens vergonha na cara?

As vozes revelavam-me a mim mesmo. Era como se eu mesmo lançasse, réprobo, todas as imprecações. E a memória se fartava de lembranças idênticas, em que, no desvario, xingava os recém-chegados, como se os reconhecesse nos inimigos de sempre.

Várias vezes dobrei os joelhos. Mas a raiva se controlava. As lágrimas como que escorriam as deletérias virulências morais. Voltava-me para a necessidade de prosseguir. Apelara sentidamente por socorro. Não podia volver à negritude do sofrimento mais profundo.

— Vamos prosseguir, irmão! Vamos prosseguir!

E apanhava-me pelo braço. Sem nojo dos molambos disformes e fétidos em que as carnes se desfaziam, ao contacto.

Tempo enorme se despendeu no resgate. Houve momento em que senti a presença de outros seres a me protegerem. Formava-se à minha vista cúpula de fortes vibrações, contra a qual se chocavam formas-pensamento de todo feitio. Monstros mitológicos. Dantescas figuras, tridentes nas mãos. Vampiros a esvoaçarem velocíssimos, dando de encontro com o campo de força. Quase chegava a rogar para que me abandonassem na escuridão, tanto medo punham em meu coração aqueles seres ameaçadores enviados das profundezas.

— Que terei feito para merecer o apanágio da salvação?

— O Mestre ama a todos, igualmente. O seu sofrimento, irmão, chegou ao extremo que lhe era suportável. A cada um conforme as obras. É certo. Mas o fardo não pode ultrapassar as forças. Deus é pai de misericórdia e envia os seus anjos. Não é verdade que você, querido, recusou-me muitas vezes? Aceite, agora, os infortúnios menores. Não se embale pelo ódio, pela vingança. Faça da dor a companheira. Transforme o desespero em harmonia. Ponha sentido no sofrimento. Revigore-se ou acabará apartando-se de novo do seio da comunidade que o agasalhou nos últimos milênios.

Era a primeira lição de amor. Inesquecível lição. Intraduzível sentimento de reconforto aquecia-me o ser. Parecia erguido, afinal, perante a opinião. Os apartes afetivos da lúcida exposição causavam-me calafrios. Mas o tom em que o amigo dizia as palavras da benevolência induziam-me à paz.

Às vezes, surpreendia-me a mim mesmo, na ânsia da desforra, pensando em que me havia agredido com extraordinária revolta. Intensificavam-se os ataques das horrorosas entidades. Ouvia preces cantadas, em soturnas vozes. A cercadura tornava-se mais luminosa. Esquecia os desafetos. Continuava a caminhada.

— Irmão, ponha tento nas palavras que lhe fiz gravar na mente. Repita-as incessante, incansavelmente. Jesus ama igualmente a todos.

— O meu sofrimento está chegando ao fim, porque não poderia ir além de minha condição de suportar...

Era difícil manter o pensamento lúcido, quando as sensações eram desagradabilíssimas. Envergonhava-me do estado dos farrapos carnis que mal cobriam o esqueleto. Arrastava as vísceras pelas vias imundas. Queria protegê-las, resguardá-las do ataque dos enormes roedores e dos mamíferos vorazes. Às vezes, pedaços se perdiam atrás do globo de proteção. Mas a dor não recrudescia. Apavorava-me ver ser devorado. Mas caminhava.

Chegamos a ampla clareira, em que outros círculos luminosos se situavam.

Seres esquisitos, vestindo uniformes e máscaras impenetráveis, apresentaram-se dentro da bolha. Ajoelharam-se e estenderam as mãos para o alto. Pareciam oferecer-se à divindade. Queriam despertar piedade e comiseração. Depois desciam os braços e espalmavam as mãos enluvadas em minha direção, formando coroa de intensa luz.

Aos meus olhos, os despojos da miseranda carcaça iam unindo-se. Devagar. Trabalho de paciência, no restabelecimento das formas. Onde os tecidos se juntavam formavam-se grossas cicatrizes, até que o esqueleto desapareceu debaixo das costuras. Os pés e as mãos eram uma chaga só. Dedicaram-se a eles com extraordinário carinho. Aos poucos, tomaram forma, lívidos, exangues. Insensíveis, como se de cera. Quis tocar-me o rosto. Não havia sensação. Mas percebi na face a pressão de algo forte, firme. A dor me fez desmaiar.

Era o primeiro momento de descanso, desde que ingressara no seio da morte.

— Graças a Deus!

### 3

## O SONHO

Sem transição, imergi em profundo sono, passando-me pela mente as figurações mais estranhas. Sonhava e sabia que sonhava. Era acréscimo de benemerência de quem cuidava de mim. Antes, o nome do Pai não me saía da boca. Suja. Indecente. Agora, hesitava em nomeá-lo. Antes, agredia-o, deliberadamente. Provocava-o. Não acreditava em sua real existência. Agora, temia ofendê-lo.

Desconfiava mais de mim do que dele. Mas estes são cuidados de hoje.

Sonhava e os monstros se personificavam, se identificavam. Eram criaturas conhecidas. Eram pessoas do relacionamento. Eram parentes. Filhos. Esposa. Pai. Mãe.

Suas fisionomias adquiriam mutações. Transformavam-se à minha vista. Eu sabia que sonhava. Era alívio provindo da misericórdia...

As crianças se tornavam seres adultos. Tinham barba. A menina era moça formada. Linda. Mas os sinais do rosto se distorciam. Ficava madura. Enrugada. Feia. Chegava a não reconhecer nela a criança meiga de quando parti. Era como se fosse outra pessoa. Mas vibrava como filha. E me acrescentava mais pavor à mente.

Saber que sonhava não estava bastando. O pesadelo se acentuava. Via-me a mim mesmo, chefe e poderoso. Notava, na escuridão, brilhos de armas, brasões e estandartes. Eu levantava a destra com a espada. Apontava para o alto, expedindo a ordem. Baixava, num relance, o braço. Concomitantemente, três corpos se dependuravam pelos pescoços. Executava meus filhos. Mas era só pesadelo. Não fora a realidade da existência carnal.

Queria acordar. Sufocava-me a presença dos cadáveres. Uma mulher aparecia. Desgrenhada. Era a esposa. Não era. Era, sim. Mas revestida de outras feições. Magra. Loira. Profundos olhos azuis. Desses olhos jorravam lágrimas. A boca desdentada emitia sons horrendos. Pragas. Maldições. Saíam dela negras nuvens que me envolviam. Entonteciam-me.

Era apenas sonho. Era apenas sonho. Queria convencer-me da inutilidade do sofrimento. Como pagar pela fantasia da mente? Desespero sem causa. Chamava pelo Pai, sem dizer-lhe o nome. Envergonhava-me de estar sonhando tão perfidamente. Não deveria homenageá-lo, pela temperança do desequilíbrio que sabia irreal?

Ouvia que me pediam para repetir uma prece. Recusava-me. Não articulava as palavras. Dava com as esporas nos flancos do animal. Avançava com a turba. Atropelava a infeliz que se me antepusera. Incentivava a carga contra a aldeia desprotegida. Pedia os

espólios. Facultava o saque. O assassinio. O estupro. A tortura. Queria informações. Queria os tesouros escondidos.

*Pai nosso, que estais nos Céus, santificado seja o vosso nome, venha a nós o vosso reino, seja feita a vossa vontade, assim na Terra como nos Céus. O pão nosso de cada dia, dai-nos hoje. Perdoai as nossas dívidas, assim como perdoamos aos nossos devedores. Não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos de todo mal. Porque vosso é o reino, o poder e a glória, para sempre. Amém.*

Consegui ouvir a oração, sem repeti-la. E despertei.

## 4

### A SEGUNDA ETAPA DA JORNADA

A cabeça não mais doía. Pelo menos o sofrimento não era tão deprimente. Podia observar o que se passava ao redor, sem compreender muita coisa. Sabia, porém, que estava sendo auxiliado.

Através da tenda de luminosidade transparente, percebia que, nas outras esferas de luz, seres como eu estavam recolhidos. Eram disformes. Monstruosos. Mal reconhecia neles seres humanos.

Do lado de fora, a proteção se estendia mais além. Os rumores das entidades perversas chegavam abafados. Mas distinguia nitidamente o meu nome, em clamores que o eco se encarregava de divulgar pela amplidão:

— Roberto! Roberto! Roberto! Roberto! Maldito! Maldito! Maldito! Maldito!

Busquei o aconchego do protetor. O bom velhinho estava junto a mim. Passava os dedos por entre os meus cabelos. Como quando era bem pequeno e brincava com meu avô.

— Que bom se ele estivesse aqui!

— Quem, meu filho?

Sentia medo de magoar tão meiga criatura. Não queria dizer que o outro saberia cuidar melhor de mim. Que me afastaria dos temores infantis. Que me agasalharia e me contaria histórias de fadas. De cavaleiros andantes. De castelos medievais. De bruxas castigadas. De amores para sempre.

— Quem, meu filho?

Ousei encarar o meu salvador. Aqueles olhos. Aquela serena fisionomia. De onde vinham as lembranças? Lágrimas incontidas partiam do meu ser estremecido. Seria aquela criatura esplêndida meu avô Rogério? Por que não o reconhecia logo? Estava muito mudado.

— Seu avô Rogério está em missão. Conte-se com seu bisavô Honorato. Você não me conheceu na derradeira romagem terrestre. Mas me viu em retrato descorado, quando eu era ainda jovem e posava de soldado para as lembranças da família. Quando você nasceu, Roberto, fazia mais de vinte anos que eu havia deixado a convivência familiar. Mas sinta-se comigo como se estivesse com seu avô.

O som mavioso da voz da extraordinária criatura me comoveu, ao repetir-me o nome. Parecia encarnar a carícia suprema do amor paternal.

Naquele momento, longo toque de corneta se fez ouvir, como a anunciar a partida. Levantava-se acampamento. Uma a uma, as esferas foram congregando-se até que o conjunto se desfez em única e grande abóbada protetora. Lá fora, intensificavam-se os ataques contra as paredes energizadas. E a caravana seguiu, lenta, determinada, arrastando-se pelos caminhos ínvios, pedregosos, estreitos. Ao longe, conseguia divisar uma luz. Mas, à medida que avançávamos, a luz como que se distanciava. Quanto tempo haveríamos de permanecer naquela sinistra agonia?

O pessoal uniformizado, à proporção que nos afastávamos dos locais mais populosos, ia retirando os capacetes e os guantes. Eram pessoas como nós. Sem as cicatrizes, sem os estigmas da dor. Não sorriam. Permaneciam concentrados, como em prece. Mas olhavam para os assistidos com extraordinária boa vontade, a transmitir-nos confiança.

Olhei para as mãos. Estavam coradas. As veias enchiam-se de sangue. Os pés readquiriam a mobilidade e a sensibilidade. O restante da carcaça estava coberta por manta alvitente, impregnada de vibrações reconfortantes. Às vezes, alguém gemia, estertorava, gania. Algum dos enfermeiros acudia com medicamento leitoso, calmante. O infeliz punha-se em condições de prosseguir.

Quanto tempo mais ficaríamos naquela dolorosa caminhada? De repente, a luz da entrada se expandiu. E ofuscou-nos. Adentrávamos outra esfera, outro plano, outra realidade. Quis volver os olhos para trás, mas não percebi a porta da caverna. Perdera-se em meio à neblina esbranquiçada. Os sofredores intentaram coro de agradecimento. Ouviu-se terrível vozerio esganiçado. Súplicas e angústias, antes que graças. O velho egoísmo prevalecia.

Aos poucos, os agudos clamores foram calando-se. Estranha sonolência ia envolvendo-me o cérebro. Antes de adormecer, percebi que estava sendo colocado sobre rústico veículo. Dava-se início à derradeira etapa da jornada.

## A PASSAGEM PELO UMBRAL

Devido à curiosidade que manifestei de observar o mundo exterior, interessante fenômeno psíquico ocorreu. Adormeci ou assim sentia a tranquilidade cerebral, com todas as funções reguladas, sem atropelos dos sonhos ruins. Ao mesmo tempo, era capaz de conhecer o que se passava ao redor, como se visse diretamente com os olhos espirituais.

Um espírita diria que o perispírito estava repousando, enquanto o espírito se transportava em interesses para a realidade circunjacente.

E eu via desfilar as paisagens. Lembravam-me as secas terríveis do Nordeste. Árvores esqueléticas. Minguada vegetação rasteira. Casebres em ruínas. Cavernas escavadas no solo. Às vezes, um fiozinho d'água fétida ia acabar em paus ou charcos enlodaçados. O mangue dava a noção do imponderável, com o grosso magma borbulhando. Vinha-me a ideia de que fossem gases a emanar das profundezas. Venenosos. Estupefacientes.

A claridade foi cedendo à penumbra. O local em que fomos acomodados nas carroças era ponto luminoso que se distanciava. Parecia farol a informar a entrada para as Trevas. Na direção em que íamos, cada vez mais se caracterizava outra claridade, muito longe. Desconfiava de que, de repente, se faria inteira no ambiente, como da outra feita. E nutria a esperança de alcançar local mais aprazível.

Foram aparecendo seres ansiosos por atenção. Não eram tão horripilantes quanto os que conviveram comigo no bátrac. Contudo, igualmente, demonstravam sofrimentos intensos.

Uma mulher desfigurada aproximou-se da coluna e lançou imprecisões de ódio:

— Anjos do Inferno! Por que vão buscar esses estúrdios criminosos lá no caldeirão do Diabo? Não nos veem aqui tão mais perto, tão mais cordatos, tão mais inteiros? A nossa maldade é migalhinha, é nadinha de perversidade, diante dos descabros com que esses seres vis ofendem a Divindade. Vejam como estão estigmatizados pelos crimes. Em mim, estas poucas manchinhas negras...

Outro ser, percebendo que alguns dos assistentes se deixavam vergastar pela maledicente, afastou-a, com brutalidade:

— Sai daqui, *fazedora-de-anjos!* Vai atrás dos teus fetos moribundos. Deixa-me fazer valer as minhas razões. Os amigos estão vendo como sou afável à sua ternura, ao seu valor. Sei que sois enviados do Alto. As vossas presenças são presentidas com muito agrado e a vossa boa vontade estimula o nosso afeto e nos faz melhores. Reconheço que induzi minha mulher ao meretrício. Acuso-me. Renego-me. Ponho-me à vossa disposição para o castigo justo. Na verdade, estes últimos duzentos anos de sofrimento me ensinaram a ser amável para com os superiores.

À medida que a caravana avançava, ia a entidade ficando para trás, presa em círculo de fogo, como se estivesse cercada, incapaz de prosseguir. Sua linguagem foi modificando-se, sensivelmente. Enquanto nos foi possível ouvir aquela voz, tivemos de aturar as piores expressões. Finalmente, lançou derradeiro brado contra a justiça do Pai.

Honorato fazia questão de me amparar consciente, para que absorvesse integralmente o que o espírito pudesse configurar naquela realidade.

Dizia-me algo mais ou menos assim:

— Meu filho, ser-lhe-á muito útil guardar na memória tudo o que se passa à sua volta. Estamos no Umbral. Mais tarde, se Deus quiser, viremos juntos a estas desoladas plagas para recolher os irmãos infelizes. Muito trabalho aguarda por todas as criaturas pacificadas. Você merecerá atenções muito especiais do departamento de saúde física e psíquica. Depois, irá frequentar a ***Escolinha de Evangelização***, para aprender rudimentos das lições de Jesus e conhecer as leis cósmicas. Formado, integrará as equipes socorristas, como estas que se vestiram de amianto, para não se impregnarem das vibrações deletérias das Trevas. Em nosso plano, é assim que se manifesta a misericórdia divina. E, se Deus é infinitamente misericordioso, é também absolutamente justo. Um dia, você compreenderá tudo sobre que estou chamando-lhe a atenção.

As palavras não foram exatamente essas, uma vez que nada foi dito. Por estar imerso o perispírito em profundo sono, o espírito recebia diretamente as inflexões do outro espírito, que a custo se traduziam. Foi mais trabalho de impressão no cérebro, na memória, do que simples exposição verbal.

Notei que os carros eram puxados por muares, diferentes dos que conheci na Crosta mas com as mesmas características da docilidade e da força. Do lado de fora, negras formas-pensamento, transformadas em morcegos enormes, vampirescos, rapinantes, recebiam o ataque de nitentes aves, sob o comando energético dos protetores enclausurados no campo magnético. Eram as íbis-sagradas do antigo culto egípcio.

As ideias continuavam a se construir em meu cérebro espiritual, diretamente.

Depois de muito avançarmos, abriu-se a estrada para uma praça, onde se encontravam outras caravanas. Imediatamente, integramo-nos a elas. Os assistentes e enfermeiros encontravam-se bem menos tensos. Regozijavam-se com as notícias dos sucessos.

Delicadamente, meu bisavô me tocou, fazendo-me despertar.

Incrível bem-estar tomava conta de minha organização perispiritual. Não dava para distender os membros nem sequer me aguentaria por muito tempo em pé, mas a sensação era de conforto, mais do que de suplício. Sentia-me anestesiado, enquanto a mente permanecia lúcida.

— Aguardaremos até que cheguem as demais turmas. Depois, os instrutores efetuarão a triagem dos seres capazes de prosseguir para a esfera de atendimento. E escolherão outros internados no Umbral, em condições de tomar os lugares vagos. Gostaria de estar apto a presenciar os julgamentos, pelo menos quanto aos resultados?

Eu não sabia o que pensar. De repente, falavam-me em trabalho. Dispunham-me preparado para participar de eventos. Se a pergunta não tivesse sido formulada pelo protetor, certamente iria dá-la como galhofeira, provocadora.

— Se não me for afetar a dor alheia...

— Não se preocupe. Você não estará sujeito ao círculo das vibrações desagradáveis. Tome esta dose de fluido sedativo. É medicamento poderoso, que irá fazê-lo adormecer sem sonhos. Durante a noite, os enfermeiros lhe reconstituirão os órgãos extremamente danificados. Acordará bem melhor. Confie em mim. Se ouvir vozes, não estará sonhando. Serão os assistentes da manutenção energética, que irão cantar pontos religiosos. Não tema, para que possamos fazer o melhor possível.

— E a seleção dos que seguem? — indaguei, interessado em saber se não poderia ser escolhido para ficar no Umbral.

— Tenha calma. O processo só se dará após todos os companheiros terem retornado.

Instantes após ter ingerido o licor leitoso, adormeci.

## PREPARAÇÃO E SELEÇÃO

Foi o primeiro momento de real serenidade, desde tempos da mais remota juventude. Passei um período desacordado, sem sobressaltos. Conforme Honorato havia prevenido, cânticos soaram, como em abençoada catedral.

Ao despertar, senti-me fortalecido mas incapaz de me movimentar. Havia sofrido tremenda cirurgia perispiritual. Naquela época, não sabia designar os eventos que me circundavam. Faço-o agora, consciente de como se dão os primeiros socorros, em campanha de resgate.

Se lhes lembrar os acampamentos médicos de emergência, em plena batalha, darei ligeira ideia dos serviços que se prestam aos inválidos, nessas ocasiões. É a preparação indispensável, para que a vibração não seja tão deletéria ao se adentrar o plano espiritual correspondente à próxima esfera, onde não se permitem espíritos perniciosos, que demandariam auxílio superior às forças existentes nas primeiras linhas socorristas.

No momento anterior ao atendimento dos enfermeiros *bioplásticos*, se tivesse sido admitido no âmbito de atendimento hospitalar em estado perispiritual tão andrajoso, teria causado incalculável transtorno para todo o sistema de assistência ambulatorial.

Preciso dizer que todos esses pensamentos me foram passados pelo amoroso intercessor, para que me compenetrasse de que deveria cooperar.

— Se você não se ajudar primeiro, não alcançará ser ajudado. Mais tarde, cada pequenina sutura fluídica deverá ser retribuída, com muito amor. Paga-se a caridade com caridade e a caridade só se faz com amor.

Aceitava as palavras, contudo, sem atinar direito com o sentido delas, porque me via extremamente preocupado com o fato de vir a ser arremessado de volta à vida errante das Trevas.

— Por aqui, a existência, apesar de triste, de deprimente, não sofre os mesmos horrores. Quem perambula pelo Umbral se vê muito mais estimulado ao arrependimento. É que o sofrer se atenua na prática das ações. O inútil desta estadia está em que nem tudo o que se desenvolve se dá no sentido do soerguimento moral. Aqui, as vibrações, por atraírem seres de igual tônus sensitivo, se conjugam para o efeito da maldade. Agradecem aos Céus os que se veem estimulados a contrariar a vontade do grupo. Em todo caso, sempre há a possibilidade de se volver à Crosta, para envoltimentos com os encarnados. A maioria não se aproveita dessas viagens para o aprendizado das leis evangélicas. Mas os

que se deixam influenciar por pensamentos bondosos carregam pequeninos ganhos conscienciais, de sorte a atrair para si a atenção dos visitantes. Estes têm a função de despertar para o lado melhor da personalidade perturbada, levando muitos a fazerem jus às oportunidades de redenção.

Meu bisavô permanecia o tempo todo a meu lado, transmitindo-me por telepatia as informações que minha curiosa intuição requisitava. Conversava também comigo, principalmente no sentido de me fazer ver que o tempo está a serviço das criaturas. Enfatizava que nada poderia vir fora de época, no apressuramento natural de quem quer livrar-se do mal, da dor, da angústia.

— A lei que vige neste campo é a de causa e efeito.

E prosseguia as explicações com clareza, de maneira simples, dando exemplos que, se repetidos aqui, iriam provocar o riso. Imaginem se eu não era capaz de saber que, se tocasse em ferro em brasa, iria esturricar-me. Mas ia avante e tirava conclusões morais. Aí me perdia no emaranhado das razões, não sabendo concatenar as consequências.

Diante das hesitações, acrescentava, lúcido:

— Dê tempo ao tempo. Eu mesmo ouvi estes dizeres muitas vezes, sem compreensão. Você não pense que seja o único sofredor. Desde que o mundo, o universo, a criação se deu, os seres vivem na ânsia de juntar cada efeito às suas causas. Na verdade, os erros de interpretação nesse setor é que nos fazem incidir nas impropriedades da violência, contra o que quer que seja.

Vendo-me cansado, parava. Pedia ao Pai que me desse luz, que me compusesse perante a existência, que admitisse que dera causa aos males por que perpassara.

Eu aceitava de bom grado as observações mas não entendia por que o Criador iria preocupar-se com os seres mais insignificantes, ele, que tudo podia, que tudo sabia, que tudo administrava.

— Mais tarde, meu filho, você poderá julgar das contradições dos pensamentos.

Mudava-lhe eu o rumo dos temas. Queria saber se tudo era deserto naquela dimensão obscura.

— Nesta região, existem muitas cidade prósperas, como na Terra, onde os sentimentos mais baixos regem a intelectualidade, de forma que tudo se parece muito com o que vemos lá: crimes, lutas, rios de sangue. A guerra fratricida, gerada pelo desejo do poder, separa os irmãos. Muitos são banidos e vão constituir aglomerações, aldeias, vilas, fortes, cidadelas, urbes, metrópoles. Cada qual com as características das anteriores. Delas não nos aproximamos, que o raio das frequências hostis e degenerativas se estendem por muitos quilômetros.

Não compreendia que perigos poderiam correr os seres apaziguados pelas virtudes superiores. Achava que havia exagero nas descrições.

— Dê tempo ao tempo, querido. Dê tempo ao tempo.

Estagiamos durante três dias naquele sítio. Pelo menos foi o que me pareceu, tendo recebido a medicação leitosa mais duas vezes, reerguendo-me fisicamente a cada sono tranquilo. Mas caminhar, como fizera durante a peregrinação nas Trevas, nem pensar.

— Você começa a sentir o peso da responsabilidade e não tem condições de aquilatar se está disponível para as ações meritórias. Isso se reflete no campo perispiritual. No orbe terrestre, dir-se-ia que o mal tem origem na mente, a refletir-se na disposição do corpo. Seria moléstia psicossomática.

Não entendia a comparação nem percebia que a resposta elucidava a dúvida implícita na observação sobre o fato de não poder caminhar. Nem sempre as informações correspondiam à possibilidade de assimilação das verdades factuais. Mas se deixavam registrar na memória. Na perspectiva em que me situo, vejo-me, naquela ocasião, verdadeiramente paupérrimo quanto à inteligência e à sensibilidade.

Chegadas as derradeiras turmas, estava na hora da seleção.

Devo dizer que muito sofri com as vibrações que me envolveram. Desejava partir, todavia tinha medo de estar sendo injusto em relação às condições dos melhor aquinhoados moralmente. Lembrava-me do que fizera em vida e isso me punha arrasado. Recordava-me dos sofrimentos, intensificando os temores de volver à condição de molambo. Prometia ser fiel aos princípios da instituição que se prontificara a receber-me, mas a consciência trabalhava no sentido de me mostrar que falhara muitíssimas vezes, em termos de juras de melhoria de procedimento.

Sei, agora, que a pressão resultava do método de investigação de minhas disposições. Creio que não tenha corrido risco muito grande de ter ficado para trás, entretanto, houve momento em que desejei arremessar-me para fora do campo protetor.

Muitos espíritos se congregaram em lamentações. Diziam-se desgraçados. Não aceitavam o trabalho da recomposição mental. Não queriam se ver escravizados, livres que sempre se consideraram de qualquer influência. Rebelaram-se por causa das condições sacrificiais exigidas para a continuidade do processo de cura. Não permitiram sequer que lhes fosse administrado o soro reconfortador.

— Estão querendo sedar-nos, para nos manterem sob a chibata da lei dos mais fortes. Querem deixar-nos alienados, para fazerem de nós simples marionetes sem valor, imprestáveis para as conquistas dos bens que nos darão prazer, sorte e fortuna. Querem que toquemos harpa, enquanto eles dançam na roda das venturas. Rebelemo-nos contra todas as injustiças que já sofremos!

Minha crença era de que não tivessem tido a mesma assistência que eu. Que me fora destinado excessivo carinho, completos cuidados médicos, total complacência pelos tremendos pecados. Sabia que eram seres muito perigosos mas enternei-me. Veio Honorato em meu auxílio:

— Filho, se havia alguma dúvida quanto a você vir conosco, dissipou-se agora. Tenho muita esperança em rápida recuperação, se prosseguir dando vazão a sentimentos de tanta piedade. Fique em paz, que os melhores seguirão e você certamente está entre eles. Agradeça ao Senhor a felicidade desse arrebatamento.

Pela primeira vez, em muitos anos, recolhi-me para a prece que me fora prescrita. Queria obedecer ao conselho, muito mais do que realmente externar qualquer emoção relativamente ao Senhor. Mas consegui dizer, em voz alta, qualquer coisa como:

— Perdão, Senhor, por não saber exprimir verdadeiro sentimento de amor. Não me queiras mal por isso e dá, aos que vão ficar, discernimento, para que entendam as razões de sua desdita.

— Graças vos damos, Senhor, pela regeneração espiritual de Roberto!

Senti, na voz embargada do protetor, que fora sincero na singela prece. Por momentos, a pequena maca em que jazia pareceu iluminar-se. É que os mentores confraternizaram-se com Honorato e produziram halo de extraordinária paz em torno a mim. Estava a caminho do próximo patamar.

## RUMO À INTERNAÇÃO

Pedi e obtive permissão para permanecer lúcido o restante da viagem. Condoera-me profundamente observar que os que ficaram o fizeram com grandes aparatos de alegria. Como a maior parte proviera das Trevas, aquela situação nova era tremendamente mais confortável. Tinha, porém, o pressentimento de que o destino dos retidos na caravana seria muitíssimo melhor.

À medida que avançávamos, mais e mais iam perturbando-me os sentidos. Estranhava aquela alteração mental, aquela disposição psíquica, pois acreditava que os círculos mais adiantados trariam confiança e força física.

Honorato, sempre prestativo, intentou explicar-me o que ocorria:

— As delícias do sorvete são apreciadas por quem esteja acostumado e preparado para o gelado. Se os seus dentes estão cariados, se a sensibilidade da gengiva estiver afetada, se as papilas gustativas se degeneraram, se a boca, enfim, estiver infectada, o sorvete, em lugar de oferecer prazer, vai proporcionar dor, incômodo, insatisfação. Da mesma forma, as vibrações emanadas dos centros em que as virtudes buscam prevalecer, em que o amor estimula ao trabalho, em que a honra enobrece os espíritos, ao se chocarem contra as frequências de ondas descontroladas, desarranjadas pelo ódio, pelo rancor, pelo tédio, pela insegurança quanto aos desígnios superiores do Pai, vão transformar-se em barreiras. Quando chegarmos próximos às muralhas fortificadas da cidade, você irá observar aparelhos de intensificação dessas vibrações. São dispositivos muito avançados para sua compreensão, mas será fácil de perceber o sentido defensivo das descargas que emitem. Quando de assaltos de forças inimigas organizadas, acionamos os vibradores e dispersamos os atacantes, sem grande esforço.

Sempre ouvira falar no poderio dos malignos.

— Se os infelizes se congregassem disciplinadamente para o ataque, iriam obter êxito. Entretanto, a disciplina exige qualidades que não possuem. Sendo assim, não teme a colônia espiritual que venha a ser extinta por perigos externos.

— E como fazem para que os que chegam estropiados como nós possam adentrar incólumes?

— Você não está sentindo essa turbacão de sentidos? Dentre os demais, só mais dois solicitaram permanência em estado de vigília. Contudo, esteja certo, quando adentrarmos o recinto protegido, assim que vencermos as paredes imantadas, vocês três

cairão no sono. Aproveito a oportunidade para definir-lhe os próximos passos do atendimento.

Era o que me vinha preocupando na última etapa. Queria ter certeza de que não haveria possibilidade de ser prejudicado pelos péssimos costumes, pelas arbitrarias decisões, pelos pendores para o mal e o rancor.

— Você será recebido por equipe especializada na prognose da cura das afecções generalizadas. Sofrem de tais males todos os que se deixam impregnar pela materialidade, permanecendo tempo excessivo junto ao cadáver. É preciso que lhe esclareça que o seu corpo, há muitos anos, se desintegrou na Terra. Depois disso, prendeu-se você a simulacro criado pela imaginação, à revelia, dado que o sofrimento do suicídio inibe, no etéreo, a reflexão despojada dos arroubos sentimentais extremados. Mais tarde, obrigatoriamente, irá estudar todas as etapas evolutivas do desagregar psíquico de quem deixa o envoltório carnal nessas condições.

Desejava estimular o protetor a desenvolver mais profundamente as ideias. Não me foi possível externar o pensamento. Estávamos bem perto das altas paredes. Sobre elas, em torreões dispostos estratégica e simetricamente, as baterias, que meu bisavô apontava para que as reconhecesse.

— Quer dizer que a colônia fica dentro do Umbral ou já estamos em esfera superior?

— Fica na região limítrofe. Esta parte em que estamos está imersa no Umbral. Há caminhos internos que nos fazem ascender ao plano seguinte, também em sua zona mais extrema. Na verdade, o espaço cósmico é contínuo. Os seres é que o ocupam segundo a capacidade de domínio, pela força da união energética própria. Assim, futuramente, poderemos estar em ponto mais distante dos limites, de um ou de outro lado, dependendo de como se componham as populações.

Intrigava-me que o poderio do mal pudesse crescer.

— Suponha que o pessoal da colônia se adiante e busque círculos mais prósperos espiritualmente. Enfraquecer-se-á a resistência, pela intensidade diminuta das vibrações coletivas. Teremos de procurar outro ponto ou seremos engolfados pela malignidade, o que é impossível de conceber-se, pois os que se promovem nunca nos desamparam. É apenas um exemplo. Pode também suceder de o Umbral refluir, pelas mesmas razões.

Como última informação, disse-me que ficaria inconsciente, pelo menos, por três meses. Considerou que poderia acordar no momento que quisesse, mas que seria conveniente para o tratamento que aguardasse ser chamado. Tivesse fé na ampla experiência dos *facultativos* da instituição hospitalar, que saberiam como estimular as reações mentais, ainda que em estado sonambúlico. Que Deus estivesse comigo!

Assim que transpusemos as grossas paredes, tudo me desapareceu do campo de visão. Adormeci profundamente, como que anestesiado.

## 8

### DESPERTAR

Quando acordei, recordava exatamente de todos os sucessos da derradeira vida, tanto os fatos bons, quanto os ruins. Fui capaz de analisar friamente as razões profundas do suicídio, embora, mais tarde, devesse refazer os conceitos à luz dos procedimentos evangélicos. Mas o encadear psíquico e físico de causa e efeito foi possível deslindar a contento.

Recebi os incrementos de memória por via artificial, dado que meu estado não comportava desdobramentos lógicos autônomos. Se me permitirem a comparação, ficará fácil de compreender o que estou dizendo, quando nos lembrarmos dos analgésicos e distônicos, que tomamos quando perturbados por dores diversas ou tontos por fatores de pressão. Parece que o cérebro recebe quota de clarividência que, no estágio doentio, não se permitia. Quem experimentou os psicotrópicos (que não podemos recomendar pelas consequências alucinógenas e pelas dependências física e psíquica que criam) saberá melhor aquilatar a sensação de independência, relativamente às pressões emocionais. O êxtase aliena da realidade. Pois foi esse desprendimento que me levou a considerar todos os episódios da vida, sem cair em crises de quaisquer espécies.

Vou fugir de relatar minha vida, simplesmente. À medida que a narrativa for avançando, deverei fazer citações elucidativas, para que se compreendam os motivos pessoais, para as reações que me caracterizam como o ser Roberto, diferente de todas as demais pessoas, pela incidência dos fatores existenciais que tornam cada criatura única no Universo.

Quando acordei, embora tivesse tido essa panorâmica existencial, não juntara condições de restabelecimento. Tinha desejos de recuperação. Sentia a necessidade de participar das atividades hospitalares, adivinhando que, além daquelas paredes, a existência estuava. Mas não conseguia sequer pôr-me sentado no leito.

Começava a longa fase de regeneração perispiritual, sob a assistência caridosa de meu bisavô, coadjuvado por inúmeros atendentes, assistentes e enfermeiros, todos sob a vigilância do Doutor Castro, o médico que cuidava de mim.

Ouvi falar em pacientes que se desesperavam, não resistindo ao tormento da prisão em que se constituía cada pequenina operação perispiritual. Na ocasião, não distinguia direito a diferença entre corpo material e corpo espiritual. Tivera, nas Trevas, a

impressão de estar carregando o corpo que se dependurara na árvore. Custei, no hospital, para entender que prejudicara também, inapelavelmente, o perispírito, que é como se chama o segundo corpo a envolver o espírito.

Honorato é que me explicava:

— Segundo a frequência vibratória da *matéria* em que devemos desempenhar as funções vitais ou existenciais, ganhamos um corpo apropriado. Se você tivesse estudado a doutrina espírita, segundo as transcrições efetuadas por Allan Kardec...

— Ouvi falar desse culto ou religião...

— Pois, no estágio atual, é mais uma ciência, com fortes tendências religiosas. É que está voltada principalmente para a assistência social e espiritual, o que determina que as pessoas se voltem para a miséria material alheia e para a miséria espiritual própria. Mais tarde, iremos visitar núcleos terrestres, para que você possa observar como se promove o desenvolvimento doutrinário, junto aos encarnados.

— Será que esse glorioso dia vai demorar?

— Não tenha pressa. Quanto menos pressa tiver, mais rapidamente irá readquirindo as condições de locomoção e de trabalho. Pense estar afundando em poço de areias movediças. Se permanecer imóvel, mais tempo levará para submergir, dando oportunidade a que o socorro chegue. Se se agitar, afundará, pondo fim às esperanças de salvação.

Não assimilava direito as informações. Ficava longos períodos introjetando as noções novas, até que me dava por satisfeito.

O paciente instrutor não dava mostras de nenhum cansaço. Sempre que volvia a prestar atenção à realidade circunjacente, reatava ele o sentido da conversação, buscando atender aos anseios da curiosidade. Mas não respondia a todas as questões, somente àquelas que tinha eu capacidade de absorver. Bem pensando, ensejava-me raciocínios a cujas conclusões estava inabilitado, mas insistia com exemplificações abonatórias.

Um desses temas se deu quando me preocupei com o destino dos familiares. Tinha forte tendência a anular as lembranças relativas a eles, contudo, girava dentro do cérebro a ideia dos anos que se passaram, de sorte que tudo deveria ter mudado substancialmente na família, independentemente de havê-la deixado de forma tão intempestiva. Agora, seria capaz de dizer ingrata, injusta, imbecil, ignorante. No leito, não me encorajava a acusar-me, para não despertar autopiedade, sentimento que me arrastara pela escuridão do bárato, durante longo e lento período de sofrimento.

— Você irá saber, oportunamente, quais foram as consequências do tresloucado gesto para cada pessoa. Saiba que já se encontram conosco quase todos os parentes, restando na Terra...

Meu bisavô falava com tanta naturalidade da passagem de um estado de vida para outro que não me permitia *sofrer* com a morte de nenhum dos seres queridos. Todavia, lágrimas me encheram os olhos, em *mea-culpa* tardio e impotente.

— Não se comova que isso retardará o processo de restauração corporal. Pense nas entidades com quem você esteve após o desenlace. Não é verdade que o mundo em que estamos é tão concreto, tão sólido, tão tangencial e compreensível quanto o anterior? Sensação de perda tem quem pensa na morte como inexorável separação. De certa forma, há egoísmo nesse sentimento. Por isso, Jesus disse que deveriam *os mortos enterrar os*

*mortos*. No etéreo, nós sabemos que ninguém se enterra, mas se afasta temporariamente. Muito mais justo será lamentar-se pela internação dos entes queridos na escuridão do Umbral. Mas, mesmo em tal situação, o mais certo será trabalhar em prol do reerguimento dessas criaturas.

Sem querer, o querido instrutor dava razões para as lágrimas. Pensava nas angústias que provocara e desejava ardentemente que jamais tivessem acontecido.

— Vamos orar!

E Honorato recitava o pai-nosso, elevando as mãos por sobre minha cabeça, como a me passar vibrações de temperança, de paciência, de paz. Eu recobrava a serenidade e a conversa prosseguia, interminável.

Um dia, me pus de pé, sem que ninguém estivesse presente. Desejei caminhar, mas o máximo que consegui foi ajoelhar-me. Gesto instintivo, transformou-se na mais linda prece que dissera na existência, pela força emotiva das palavras:

— Obrigado, Senhor!

## PRIMEIROS PASSOS

Três meses depois de haver despertado, o Doutor Castro estimulou-me a levantar-me. Tivera, algumas vezes, o desejo de caminhar, mas o primeiro fracasso me inibira a iniciativa. Deveria, assim, provar a mim mesmo que estava em condições de realizar pequenas caminhadas. Se conseguisse, seria verdadeira vitória contra os males da personalidade.

Honorato estava presente, bem como diversos auxiliares paramédicos.

— Coragem, Roberto. Confie em que Deus é pai amoroso e que dá a cada um de nós forças para o enfrentamento das dificuldades.

Medo, propriamente dito, eu não tinha. Receava frustrar as expectativas de todos. Contudo, considerei que os amigos lá estavam para amparar-me e saí do leito. Levantei-me sem apoio e, tal criança estimulada pelos pais e avós, caminhei titubeante até a janela. Sucesso absoluto.

Havia uma cadeira mas rejeitei seu tácito convite. Segurei-me no parapeito e olhei para a paisagem. Havia árvores e pássaros, no recanto ajardinado. O céu apresentava-se azul claro. O Sol nascente refletia-se nos andares superiores dos edifícios, pondo reflexos de luz amarelada nos vitrais.

Chorei, sim, mas devo dizer que não fui só eu. Meu bisavô enxugava copioso pranto. Creio que só o Doutor Castro permaneceu sereno, avaliando a *performance* do paciente.

Passada a emoção, voltei sobre os calcanhares em direção da cama. O esforço foi enorme e, sobre o episódio, muito iria conversar com o generoso protetor.

Antes de se retirar, o médico receitou:

— Deverá exercitar-se duas vezes ao dia, sempre sob assistência. Se Honorato estiver disponível, deverá acompanhar o desenvolvimento da recuperação. Meu caro, você não está convalescente. Não se iluda. A doença persiste e voltará a instalar-se plenamente de novo, caso se atreva a ir adiante, antes de cumprir as etapas do processo de regeneração. Os remédios servem para a consolidação das restaurações cirúrgicas, entretanto, diferentemente da Terra, a cura só avançará à medida que o cérebro for registrando as lições que deveriam ter sido aprendidas na encarnação e que se menosprezaram. Se não estivéssemos perante sintomatologia declaradamente física,

poderíamos dizer que os procedimentos são meramente psicológicos. Não sei se você esteve a par dos tratamentos dos desvios de personalidade pela psiquiatria. O que fazemos aqui, principalmente, é o mesmo, alterando-se o prisma da importância psicossomática. O verdadeiro termo deveria ser *somapsiquismo*. Honorato está preparado para lhe responder às questões que as observações lhe suscitarem. Voltarei dentro de três dias. Fique na paz do Senhor!

Realmente, se sou capaz de reproduzir o discurso do rigoroso doutor, foi porque Honorato se deu ao trabalho de explicar cada particularidade, tintim por tintim. O que mais me impressionou foi o fato de que a degenerescência moral fosse prioritária nas preocupações dos facultativos.

— Querido neto... bisneto, se preferir...

— Trate-me de filho, que me parece mais envolvente e mais próximo de nosso real enlace afetivo.

— A sua desenvoltura sentimental não me faz senão prever rápido restabelecimento. Vou chamá-lo de filho, mas você deverá tratar-me por avô, que seu pai irá, em breve, reunir-se ao grupo familiar, para onde seremos enviados também, assim que você receber alta.

Honorato gostava de dar as informações com naturalidade, como se fossem do meu conhecimento, em meio às falas, desatento para as novidades. De certo modo, amainava as possíveis expansões emotivas e punha-me à vontade para reagir sem o constrangimento das surpresas preparadas. Descia e subia do bonde, com a certeza de nenhum movimento. Não havia o perigo de cair.

— Se praticar os exercícios, sempre pensando em que está fortemente amparado por Jesus, terá sucessos mais intensos e logo estará caminhando comigo pelo parque do hospital. Não me peça para visitar os departamentos ou as enfermarias. Isso só poderá fazer depois que for aprovado no primeiro curso de evangelização. Por enquanto, contente-se em aprender o *catecismo*, que estou obrigado a ler e a explicar.

Ato contínuo, retirou de sob a manta, como em passe de mágica, pois me dava a impressão de que nada havia ali um momento antes, dois aparelhos luminosos. Mal comparando, os modernos computadores apresentam a mesma tela, onde se leem textos e se examinam figuras coloridas, inclusive em animação ou em reprodução cinematográfica. Eis pálida ideia da maravilhosa invenção a que o instrutor chamou de *libreto*.

Apontava-se o dedo para a tela e logo aparecia a primeira questão:

— Que é Deus?

Em seguida:

— Quais são os atributos da Divindade?

— Que qualidades deve possuir a criatura para reconhecer o Criador?

— Quem está mais habilitado para adentrar o Reino do Senhor?

— Jesus pode ser chamado de *ser divino*?

— Quem foram Adão e Eva?

Não havia respostas. Mas as perguntas só avançavam quando atinava eu com o resultado mental que se aguardava. Impressionou-me o fato de que os conhecimentos de

meu bisavô não acionavam a cartilha destinada a mim, como se estivesse conectada ao meu específico tónus vibratório.

Claro que não irei reproduzir o curso que, por três meses, *frequentei*. Só posso dizer que, à vista da recomendação de ir devagar, pude concluir logo todas as lições. Preparava-me intelectualmente, contudo, deveria aplicar os conhecimentos, ao ingressar na *Escolinha de Evangelização*.

Guardo na lembrança os deliciosos momentos em que logrei andar pelos jardins. Não foram raras as oportunidades em que o amável mentor precisou segurar-me para não cair, especialmente quando as questões começaram a vasculhar as virtudes e os defeitos. Disse, anteriormente, que fora capaz de vasculhar toda a vida, com isenção emocional. Diante da testemunha, no entanto, os fatos ganhavam dimensões de ofensa, de perjúrio, de desrespeito. Já não transferia para o veículo físico reconicionado os delíquios conscienciais. Punha-me em cheque pela clarividência das exposições e pela necessidade de reconhecer que procedera em dissonância com as normas.

— Meu filho, saiba que muitos, quando chegam a este ponto das instruções, sucumbem, não pela vergonha provocada pelos malfeitos, mas por se verem sob julgamento, sem direito a defesa. Querem justificar-se perante si mesmos e argumentam contra as leis rigorosas da existência. E partem, resolutos, deixando os vigilantes em palpos de aranha. Houve casos em que regrediram até as Trevas.

— Quer dizer que a pessoa pode adiantar-se até certo ponto, para volver a cometer os mesmos erros?

— Propriamente dito, não evoluíram. Só evolui quem respeita os conceitos superiores e aspira a absorvê-los, integrando-os à personalidade, por meio de sério desempenho, no campo do bem ao próximo. Quando disse *regrediram*, entenda que perderam as oportunidades que lhes foram dadas. Nesse caso, haverão de perpassar novamente por diversas fases do processo de reerguimento espiritual. Sofriam de pneumonia e, estando sendo medicados, pensaram que se livraram da moléstia. Ao suspenderem o tratamento, recaíram. E você sabe que as recidivas soem ser mais perigosas...

Nesse ponto das discussões, deixava eu de entender pouca coisa, aberta a inteligência para a compreensão das explicações menos complexas.

*Que é Deus?*

— Deus é ser perfeitíssimo, criador de todas as coisas.

Reproduzia mal a lição das aulas do catecismo católico. Mas o libreto não liberava a segunda questão.

Intervinha Honorato:

— A sua explicação envolve o conceito de *ser*. Vamos discutir esse tópico?

Não radicalizava. Queria resolver o mistério de maneira cordata.

— Penso que ser seja tudo o que exista. Deus existe, logo é um ser.

Parecia-me o argumento mais lógico do mundo. Mas Honorato retrucava:

— O conceito de existência não lhe parece subordinado a fatores materiais? Você existe?

— Penso que exista. Ou melhor. Se penso, logo existo.

— Deixemos Descartes de lado.

— Descartes?

— Essa frase que você reproduziu foi dita por ele pela primeira vez. Em latim: *cogito, ergo, sum*.

Eu não sabia nada em latim; e mais me crescia o respeito ao caro instrutor. Em seguida:

— Você existe, logo é um ser?

— Claro!

— Mas não é Deus!...

Embutucava. Não conseguia acompanhar o raciocínio. Era evidente que o fato da existência não implicava necessariamente em que fosse Deus.

— Mas Deus tem de *ser* alguma coisa!

— Vamos considerar outros aspectos.

E íamos de ponto em ponto, até configurar a necessidade de o universo ter tido origem e que, pela natureza das coisas, essa causa deveria ser inteligente.

— Deus é a inteligência suprema, causa primária de todas as coisas.

*Quais são os atributos da Divindade?*

A alegria de superar as dificuldades punha-me na condição de aluninho a se alfabetizar. Hoje, recomendaria aos encarnados que lessem ***O Livro dos Espíritos***, de Allan Kardec, porém, naquela ocasião, o que mais desejava era progredir devagar, com boa vontade, com denodo, sem esquecer as dívidas contraídas, mas esperançoso de saldá-las em breve.

Bem considerando, não sei se conseguirei pagar o que devo ao querido bisavô Honorato. Que Deus o proteja e ilumine sempre!

## PEQUENAS TAREFAS

Assim que me matriculei no setor educacional da colônia, fui convocado pelo diretor responsável pela recepção dos alunos.

— Senhor Roberto, temos conhecimento de suas habilidades no campo da escrita criativa, jornalista que foi na derradeira encarnação.

— Modesto...

— Quanto a ser mais ou menos conhecedor da arte de escrever, haveremos de testar na prática. Mas a modéstia é das virtudes mais apreciadas pelos mentores mais categorizados, de modo que deve colocar todos os atributos à disposição do trabalho que desejo passar-lhe.

— Encanta-me...

— Não insista nessa linha de reações. Ouça calado e, depois de algum tempo, se não se considerar apto para prosseguir, satisfatoriamente, ensinando noções de linguagem jornalística, volte a conversar sinceramente comigo, que estudaremos outras atribuições. A parte técnica das funções, o protetor lhe transmitirá.

— Permita-me agradecer-lhe...

— Vá com Deus!

Saí meio desenhabido, pois não lograra dizer coisa com coisa. Pelo menos, se minhas vibrações tivessem sido traduzidas como de extraordinária felicidade, já me sentiria recompensado.

Honorato esperava-me com todas as instruções:

— Como se saiu?

— Infeliz. Não disse mais do que quatro ou cinco palavras e dei a impressão de ser o maior bajulador.

— Ninguém consegue falar perante o comissário educacional Petrarca. Cumpre as obrigações com rigor draconiano.

— Disse-me que fui jornalista na derradeira encarnação. Não me recordo dessa profissão. Pelo que me consta, fui mero professor de escola primária.

— Ensina para que séries?

— Terceira e quarta.

— Ensina redação?

— Fazia o possível.

— Alguma vez promoveu concurso ou imaginou elaborar publicação de jornal escolar?

— Duas ou três vezes. Mas desisti por improfícuo para o ensino das matérias do programa. Os alunos se tornavam dispersivos. Poucos desenvolviam as aptidões e os demais caíam no ramerrão das opiniões copiadas. Os melhores se enfatuavam. Julguei melhor deixá-los na obscuridade das correções pessoais.

— Para Petrarca deve ter parecido suficiente.

— Suponho que os alunos...

— Companheiros.

— ...que os companheiros devam ser muito fracos.

— Certamente. Os reais jornalistas estão ocupados com tarefas muito superiores. Com tempo, você poderá crescer em conhecimentos e, quem sabe, irá escrever para os encarnados, a chamada psicografia.

Santíssima previsão. Mas para chegar até aqui, quanto sacrifício, quanto sofrimento, quanta dor! Quantas páginas queimadas!

No início, não recuperado das operações, dedicava duas horinhas pela manhã a ensinar os rudimentos da escrita a trinta parceiros, um de cada vez, internos como eu. Eram broncos onde eu me achava mais sabido, mas davam-me muitas lições em todos os setores do conhecimento.

Exemplo típico era o de José, mecânico que se deixara envenenar pela toxicidade emanada da combustão da gasolina. Enquanto lhe demonstrava como é que as palavras se classificam, enfatizando os substantivos, verbos e adjetivos, exemplificava ele com pistões, bobinas e virabrequins, segundo o papel de cada qual. Cheguei à conclusão de que essa era a missão que recebera de Petrarca e lhe disse.

— Pois é isso mesmo. Não só devo ensinar a você como a todos os outros.

Depois, Honorato me esclareceu:

— A reunião dos seres no etéreo se dá por faixas de frequência das ondas impulsionadas pelos indivíduos. No Universo, a grosso modo, tudo é energia. Os semelhantes atraem os semelhantes. Não foi outro o critério que reuniu a sua turma. Todos se suicidaram, mais ou menos recentemente. Entretanto, cada qual traz, no bojo das experiências, habilidades próprias, que deverão ser permutadas, até que haja equiparação intelectual, para a administração dos conceitos evangélicos mais avançados. Todos passaram pelo catecismo da cartilha eletrônica e conhecem os pontos básicos da *religião* ou *filosofia*, que se constituirão na tábula rasa sobre que se irão registrar os conhecimentos evangélicos. Agora, é ter paciência uns para com os outros, até que se ajustem, segundo o padrão estabelecido pelo nível de realizações pregressas do grupo. Saiba que terá surpresas agradáveis, pois há companheiros que irão surpreendê-lo com conhecimentos específicos importantes.

— E como é que se entrosarão, se estão muito acima?

— Apenas quanto ao volume de informações, não quanto à qualidade moral. Um celeiro poderá estar abarrotado de espigas de milho...

— ...mas se estiverem bichadas...

Rimos ambos com a perspicácia interpretativa que aprendera, tantos exemplos me dera com tamanha simplicidade.

Três anos levamos nesse *curso* de preparação. Imperceptivelmente, a duração das sessões diárias foi recebendo acréscimos. O número de participantes das reuniões também foi aumentando. No final, passávamos mais de dez horas reunidos, organizadamente, com currículo de matérias estabelecido, horário distribuído, com a presença de todos os instrutores individuais. Voltávamos ao hospital para descanso nas acomodações imantadas.

Um dia, em meio à reunião, surgiu entidade de quem emanavam reflexos azulados, visíveis por nós, seres insignificantes e endividados. Silenciamos como se fora dar-se solenidade de muita importância.

Dirigiu-se o recém-chegado à mesa, que transformei logo em tribuna, e solicitou, redundantemente, a atenção dos presentes.

— Senhoras e Senhores, sou o representante do comissário Petrarca, com a missão de declará-los habilitados ao curso dos ingressantes da ***Escolinha de Evangelização***. Meu nome é Mário e este é meu primeiro mandato como instrutor de equipes. Devo dizer-lhes que o título de Mestre não me cabe. Se quiserem me deixar satisfeito, chamem-me de Professor, como fazem com o colega Roberto. Ou me designem pelo nome. Nada de honrarias, porque não mereço.

Ato contínuo, sacudiu as vestes e a luminosidade azul desapareceu. Era o efeito de alguma substância quimicamente balanceada.

O riso foi geral e o Professor foi aceito simpaticamente de imediato.

— Eis a primeira lição. Não se iludam com o que a vista esteja conduzindo ao cérebro. Aprendam a ver com maior discernimento espiritual. Daqui para frente, tudo o que se disser em aula merecerá ser analisado em minúcias. A regra essencial será o respeito a todas as opiniões, contudo, enquanto houver conflito de ideias, o tema perdurará e só se dará como concluído quando a equipe manifestar a respeito um só pensamento e um só sentimento.

— Haverá possibilidade de se interromper a exposição do Mestre? — inquiriu um dos colegas.

— Por favor...

— Desculpe, Professor.

— Se não houvesse, você teria sido obstado de se manifestar, mesmo que desejasse muito. Para isso, estarão presentes os protetores, que estabelecerão vínculos particulares, até que todos estejam aptos a se controlar. No dia em que se despedirem os acompanhantes, estará vencida a primeira etapa do curso. Alguma pergunta?

Misteriosamente, durante mais de uma hora, quedamos silenciosos, embora todos estivéssemos tinindo para o interrogatório. Era a comprovação de que os benfeitores individuais estavam, de fato, exercendo as atribuições de controle. Ao mesmo tempo, todas as normas, horários e matérias do curso foram sendo passados de mente a mente, para demonstração de como deveríamos resolver os pequeninos problemas pessoais, inclusive quanto à transferência para as acomodações da ***Escolinha***, para liberação dos leitos hospitalares.

Mário voltou a se manifestar:

— A maior preocupação do grupo, aliás lúdica e louvável, está concentrada na continuidade das reuniões. Evidentemente, todos os exercícios e realizações, após terem sido executados individualmente e discutidos com os monitores... Arrependo-me de atribuir tal nomenclatura aos protetores. Monitores serão os que se destacarem e só serão reconhecidos como tais, dentro de muito tempo. Os exercícios pessoais prontos serão apreciados em pequenos grupos e os destes, em assembleia geral. Essa é a metodologia mais corrente entre os professores das turmas iniciantes. Vou apresentar-lhes, agora, o meu orientador, pois, tal como cada um de vocês, também estou amparado por benfeitor.

Voltamo-nos curiosos para a entrada. Lá estava a figura bondosa e sorridente de homem alto, vigoroso, a espriar simpatia pelos modos como adentrou a sala, cumprimentando um a um, com palavras de incentivo, com carinhoso abraço. Ao receber-lhe o afago caritativo, senti-me profundamente impressionado. Todo o ser como que lhe vibrava em amor. E não senti vergonha por não poder retribuir. Pareceu-me natural que quem tivesse mais devesse espalhar pelos inferiores, sem constrangimentos, sem impingir condições, sem acusações veladas. Adquiri, naquele instante, integral confiança nas possibilidades de adiantamento.

Após haver estabelecido elo de verdadeira confraternização evangélica, o mentor assumiu posição ao lado de Mário. E se deu a conhecer:

— Meu nome é Maciel. Cabe-me a responsabilidade pelos êxitos e fracassos da ***Escolinha de Evangelização***, pela qual respondo perante as autoridades máximas do sistema educacional da colônia. Peço-lhes que me ajudem a manter elevada a estatística dos êxitos. Para começarmos, conforme foi combinado, Honorato virá fazer a preleção de abertura, o saboroso *cavaco* dos educandários da Terra.

Acho que ninguém sabia o que era o cavaco e foi por aí que Honorato principiou:

— *Cavaco* é a aula inaugural, ministrada para orientação geral dos trabalhos curriculares, em forma de bate-papo.

Falou só por meia hora, no sentido de incentivar os estudos e as responsabilidades. Elogiou-nos muito pelo desempenho até então, mas preveniu-nos de que os assuntos iriam ganhar em extensão e profundidade. Ao final, devolveu a palavra a Maciel.

— Vocês não me irão ver mais até a formatura. Portanto, fiquem com Jesus no coração e amem ao Pai sobre todas as coisas.

Este reles noticiarista pede desculpas por não ter podido reproduzir com brilho o extraordinário efeito psíquico que a presença do superior da instituição nos causou. A verdade é que até hoje repercutem suas palavras e seus estímulos no ânimo de cada um de nós.

Deus seja louvado!

## HONRAR PAI E MÃE

Não podiam faltar os mandamentos na cartilha decorada. Quando o instrutor nos pediu para que considerássemos o quarto mandamento, julgamos que o tema iria ser *moleza*.

— Vocês devem resgatar a memória dos tempos em que conviveram com seus pais, padrastos, tutores, responsáveis, ou seja, com as pessoas que os ajudaram a crescer física e mentalmente.

— E se tiverem sido prejudiciais a esses desenvolvimentos?

— Não importa. O que desejamos é avaliar as perspectivas do amor filial, tendo em vista a certeza de novas encarnações. Não é justo que estejam ainda melhor preparados?

A classe se compenetrou dessa verdade. Alguns, como eu, julgamos que seria mera revisão das normas e dos procedimentos. Talvez tivéssemos cometido injustiças desde os tempos infantis. Por certo, a rebeldia da adolescência tenha ensejado desgastes emocionais a indicar para a *desonra* e não para *honra*. Mas nada que o comportamento adulto não tivesse superado.

Quando Honorato se propôs a ajudar-me, disse-lhe que não precisava. Era questão de rememorar as situações mais críticas e relacioná-las.

Para que o trabalho se desse com maior vigor, cada um de nós se isolou em cabina impermeável às influências externas. Na verdade, conforme descobri depois, a impermeabilidade serve para que não se exteriorizem as péssimas energizações, a partir das reações negativas. Há outra utilidade para o gabinete, qual seja, a de registrar as projeções da memória, espécie de aparelho de vídeo impressionável pelas vibrações mentais. Guardam-se as lembranças para posterior projeção, caso necessário. É que os *filmes* captam total amplitude dos quadros arquivados nas mentes, enquanto a rememoração elege somente o que os interesses pessoais designam como prioritário.

Com a memória avivada, comecei pelos tempos de nenê. Nada de anormal nas lembranças. Fui cuidado com o máximo de carinho por mamãe e por papai. Era o terceiro filho e me vi arreliado muitas vezes pelos irmãos mais velhos, Isaura e Tibério. Corria a refugiar-me junto à saia ou à calça de papai até que, grandote, chegou João, meu irmão caçula, a quem dei alguns *chega-pra-lá*, por conta da perda dos privilégios.

Notei que, a partir de então, a proteção dada ao menorzinho me indispunha com meus pais. Não sabia caracterizar como injustiça, mas sentia falta do carinho anterior. Daqui a entreter-me com os brinquedos, isolando-me dos demais, foi ligeiro passo.

A paisagem não se estendia para fora das paredes da casa. Somente comecei a vasculhar o pequenino quintal, aos quatro ou cinco anos, assim mesmo constantemente repreendido.

Isaura, que nunca me dera atenção, foi encarregada da higiene e do alimento. Fazia as tarefas com péssima vontade. Quando rejeitava seus cuidados, apanhava. Se chorasse, apanhava mais. Impiedosamente. Queria a ajuda de mamãe. Não me dava atenção. Percebia que incentivava as atitudes de minha irmã, talvez para educá-la em relação aos futuros compromissos.

Não quis precipitar a análise do posterior comportamento fechado, ensimesmado, retraído, casmurro, para não atribuí-lo às negligências materna e paterna. Acostumado, nos últimos tempos, a esperar o surgimento de outras razões, de outras causas, de outros motivos, adiei a conclusão. Mas me ficou de reserva na mente essa possibilidade.

Aos seis anos, fui largado em escola tipo maternal. À época, não atinei, nem poderia, com as necessidades financeiras que obrigavam mamãe a voltar a lecionar. Nem percebi que João também ficava entregue às babás. O certo é que comecei a tomar contacto com crianças de mesma idade e as experiências foram frustrantes. Temeroso dos mais traquejados em fazer valer a vontade, sofri derrotas morais contundentes. Um dia, dei valente mordida no braço de um mais afoito, que me havia pespegado um pontapé. Em casa, apanhei de cinta pela primeira vez.

Nesta altura das recordações, enchem-se-me os olhos de lágrimas. Não estava, evidentemente, *honrando meus pais*. Se me lembrasse deles com muito amor, pelos sacrifícios que faziam para nos sustentar, certamente estaria cumprindo a lei mosaica.

Fechado na cabina, dei expansão à comisseração que senti por mim mesmo. Que imenso desejo de volver atrás e de proceder diferentemente! Busquei momento em que me visse ao espelho. Queria configurar o quão inocente era aos seis anos de idade. Não poderia ser maldoso para merecer o tratamento das pancadas. O que vi, no entanto, me aborreceu profundamente. Estava com olheiras mas não era criança aparentemente indefesa. Infundi medo em mim mesmo. Parecia trazer o estigma dos seres vingativos. A expressão refletida era a do *espera-para-ver-o-que-é-bom*.

Esse problema não soube resolver. Tomei nota para perguntar a Honorato.

Quando quis voltar às recordações, soou a campainha, anunciando o término do período de reflexões.

Fiquei contrariado. Como iria apresentar-me aos demais, sem ter chegado a conclusão alguma?

Honorato interessou-se por saber como me saíra. Ao referir-me ao curto período das memórias, não se abalou:

— Meu filho, vamos saber o que você considerou o mais importante. O que o impressionou mais no relacionamento filial.

— Acho que não fui feliz. Só por curtíssimo período. Depois, senti o gosto da inveja, do ciúme, do rancor, do medo. Pensava ter sido injustiçado, mas me vi negro, perverso, desleal, aos seis anos. Não posso garantir que tenha chegado a resultados plausíveis.

- Quer discutir algum tópico em particular?
  - Quero saber a verdade.
  - Lembra-se dos ensinamentos da cartilha a respeito dos conhecimentos inatos?
  - Perfeitamente.
  - Não acha que deveríamos vasculhar a herança existencial?
  - Mas os pendores da personalidade surgem tão cedo?
  - Quais foram as razões que o levaram a agir de maneira tão *negra, perversa, desleal*?
  - O descaso dos familiares.
  - Se não houvesse descaso, acha que teria sido diferente?
  - Sem dúvida.
  - Então, as suas reações, vamos dizer, malignas, resultaram das ações de seus progenitores e irmãos?
  - É o que penso.
  - Insidiosamente, essa caracterização inicial refletiu-se em todos os atos posteriores?
  - Acredito que sim.
  - Então, concorda em que o adulto seja o fruto da personalidade infantil e que os pais se encontram por detrás de todas as tendências psíquicas?
  - Não sei se de todas, mas de grande parte.
  - Cite uma que não seja.
  - Como assim?
  - Dê um exemplo em que você tenha produzido algo mau, sem relacionar com o aprendizado infantil.
  - Não refleti sobre isso.
  - Então, não tem certeza da afirmação quanto a ser apenas *grande parte*.
- A cerrada argumentação afligia-me. Começava a sentir-me mal. Honorato percebeu e amainou o tom dramático:
- Vamos levar essas ponderações à discussão com o grupo.
- Estava na hora.

Abro parêntese para afirmar que a demarcação de horários tinha a elasticidade própria do patamar espiritual em que nos situamos na colônia. Dada a necessidade de maior ou menor permanência no gabinete de meditação ou com o acompanhante é que se ouvia o despertar para a fase seguinte. Se não fosse correr o risco de ofender o nível de compreensão dos encarnados, poderia dizer que o tempo se condensa ou se expande, diferentemente do que acontece na Terra, onde se conta linearmente, em função das características energéticas do plasma material. Perdoem-me se dificultei o entendimento e fechem o parêntese.

Seis companheiros se reuniam em cada grupo, com os respectivos tutores, que ficavam observando, só influenciando na participação dos pupilos.

A primeira observação que fizemos reciprocamente é que nenhum de nós estava à vontade para falar abertamente a respeito dos sentimentos de respeito aos pais. Dado que houvera instruído a todos para a redação, senti-me obrigado a principiar:

— Vou falar alguma coisa e vocês deem seguimento.

Pareceu-me que os demais se acalmavam. Retomei:

— Cheguei à conclusão de que não amei a meus pais de acordo com o quarto mandamento. E que não refleti convenientemente durante a vida a respeito, levando comigo ressentimentos e mágoas jamais declarados mas que influenciaram em todos os meus atos. Julgo-me carente de informações a respeito das razões de não haver superado esses aspectos.

Lágrimas me vieram aos olhos. Senti-me, perante os colegas, culpado, em tema que não me parecera importante. Percebi que, se o vasculhar consciencial prosseguisse nessa linha, iria ter de mudar de atitude para a análise dos procedimentos.

Reconheci, nessas reações íntimas, a influência de Honorato. Eis que se definia, na prática, como é que o orientador iria atuar. Passou-me pela mente que o dia de despedir-me dele deveria estar muito longe.

Os demais apressaram-se a concordar comigo, uns mais taxativamente, outros com reservas, tendo em vista cada caso.

No final dos debates, levaríamos a plenário que os conhecimentos básicos do ponto estudado deveriam modificar-se substancialmente, para outra encarnação com maior discernimento.

Aí me veio à ideia de que não recebera qualquer instrução semelhante, antes da derradeira encarnação. Como levaria tais conhecimentos para a próxima, sem caracterizar como inatos?

Agradei mentalmente a Honorato e dei-lhe a atribuição de velar por mim relativamente a esse tema fundamental. Teria de saber mais sobre o assunto.

O plenário discutiu exaustivamente as conclusões dos grupos. A nossa colocação logrou unanimidade, mas nem todos os resultados parciais receberam a mesma abonação.

Não teria como reproduzir todas as peripécias mentais dessa primeira conflagração de opiniões. O resultado deprimiu a todos, quando Mário encerrou a reunião, determinando que os trabalhos do dia seguinte se iniciassem com reflexões sobre o amor materno ou paterno, segundo o ponto de vista dos pais. Para isso, deveríamos examinar os vídeos, excluindo deles os nossos sentimentos daquela época. Pedia aos que tiveram filhos (quase todos) que comparássemos com as nossas reações por ocasião da infância das crianças. Trabalho quase insano.

## AULA NOTURNA

Não sei se o instrutor contava com o interesse de cada discípulo, mas a verdade é que os temas faziam circunvoluções em meu cérebro. Após a reunião, o tempo que passei ajudando outra turma no hospital, naqueles mesmos tópicos primários da redação, trazia a mente presa às impressões dolorosas das investigações afetivas.

Ao me recolher, notei que os companheiros de dormitório se faziam acompanhar dos conselheiros. Honorato também lá estava, convocado por mim não só para passar-me esclarecimentos mas também para tranquilizar-me.

— Meu filho, não tenha pressa.

— Quero desculpar-me por intentar resolver a primeira questão sozinho.

— Você já se desculpou...

— Formalmente, por favor, aceite meu agradecimento pelas lições maravilhosas.

— Demonstrar alegria e reconhecimento é fator preponderante para avançarmos em direção da verdade. Entretanto, tudo devemos ao Pai. Elevemos a ele os pensamentos e façamos uma prece silenciosa.

Foram instantes dulcíssimos, em que meu espírito serenou. Aparentemente, o raio da frequência religiosa se expandiu, de sorte que os companheiros se concentraram, como a usufruírem a mesma paz.

— Qual é o seu principal problema?

— Pretendo levá-lo comigo, caríssimo mentor, para o período de reflexões, na cabina. Gostaria que examinasse a película das recordações infantis.

— Poderemos analisá-la a qualquer momento, bastando solicitar ao Centro de Documentação, onde se arquivam todos os registros de memória. É inconveniente, porém, que o façamos sob o impacto das emoções. Vamos gastar um tempinho em edificante palestra. Depois, você dormirá, condicionando a mente a que se prepare para a projeção das recordações na câmara de meditações. De manhã, bem cedinho, examinaremos o que tiver acontecido durante o sono. E, depois da sessão íntima, voltaremos a conversar.

— Explique-me a razão de me sentir tão magoado comigo mesmo, pelo tratamento dado aos parentes, quando jamais me preocupei com tais eventos.

— Não saberia expor com propriedade, até que desvendemos todos os segredos dos relacionamentos progressos, anteriores à última encarnação.

- Tive um sonho...
- Conheço essa passagem. Não se esqueça de que estávamos juntos. No entanto, a nebulosidade das lembranças não nos permitirá separar o que ocorreu na realidade do que possa ter sido mero sonho, construção alegórica que a mente projeta sobre o consciente, para advertência.
- Quando poderemos adquirir certezas?
- Não tenha pressa...
- Desculpe-me!
- Penso que o mais importante seja discutir sobre suas convicções quanto à possibilidade de não ter sido influenciado por seus pais e por sua irmã, no tocante aos hábitos geradores das atividades em contraste com os ensinamentos de Jesus.
- Ou seja, a minha herança atávica espiritual como formadora do caráter que carreei comigo durante a vida?
- Isso mesmo.
- A sugestão visa a que eu conclua que, mesmo se tivesse sido outro o tratamento recebido, poderia agir exatamente da mesma forma?
- Não precipite as ilações. Responda ao que perguntei, ou seja, se você acredita que, por ter sido preterido afetivamente pelos que amava de maneira infantil, causaram eles prejuízos irreversíveis para sua personalidade.
- Estou tendendo a aceitar exatamente essa tese.
- Vejo que não modificou o pensamento, apesar das discussões com os colegas.
- Perdi-me no emaranhado dos temas. Para falar a verdade, não me integrei, voltado para as novíssimas revelações quanto às falhas morais.
- Do jeito que você está dispondo seu ponto de vista, é como se dissesse que não existe livre-arbítrio, uma vez que a prática da malignidade consignada na consciência por ações impropriedades dos educadores fixa, determina, orienta a personalidade pelo resto da vida. Há que se ter cuidado. Quer recapitular o tópico da cartilha referente ao livre-arbítrio?
- Não é necessário. O principal é saber que cada entidade possui faixa de atuação vinculada ao nível de sua capacidade de ser responsável.
- Perfeito. Vamos raciocinar por absurdo. Pensemos que seus pais receberam, por sua vez, educação e que tudo o que aprenderam aplicaram em relação aos filhos. A última criança, necessariamente, seria a mais querida; as anteriores, as preteridas. E os pais deles, e eu, quando vivo, e meus pais...
- Percebi o *fora* que havia dado.
- Perdoe-me, querido avozinho!
- Perdoar o quê? O desejo de alcançar a verdade? *Fique frio*. Eu é que tenho de considerar sua fragilidade emocional com maior rigor, para não feri-lo com argumentação muito forte. Você observou que, enquanto os temas se agitam tecnicamente, cerebrinamente, não nos provocam desequilíbrios? Contudo, é só percebermos que alguém do relacionamento possa ter sido afetado e logo ficamos eriçados...
- Principalmente, quando o consultante acaba de ser resgatado do cancro suicida...
- Pense no que lhe disse a respeito da sua responsabilidade e da de seus pais. Se é certo que não desempenharam direito as funções que lhes cabiam, não vamos também

insinuar que toda a culpa pelos atos de perversidade decorra dessas falhas primitivas. Imagine que tenham recebido inimigo para porem no mundo e educarem. Pode até ter acontecido de que o carinho administrado tenha sido muito superior aos desejos de vingança. Vamos acreditar, sempre, que tudo possa contribuir para o progresso.

— Até o suicídio?

— Até o suicídio! Por que não?!

O tema era por demais complexo e a minha cabeça girava ainda mais, barafustando por meandros desconhecidos.

— Estou sentindo tremenda sonolência, como se tivesse sido sedado.

— Deus o abençoe, querido! Durma bem!

Ainda cheguei a desconfiar de que o protetor me houvesse dado algum *passo* magnético para dormir, mas *apaguei* em seguida.

## ESTREMECIMENTOS

— Vocês não estão vendo que eu sou uma criancinha de apenas seis anos de idade?

Acordei repetindo a frase, inconsolável. Sonhara, ou melhor, reproduzira todos os sucessos ruins da vida, sempre com a mesma figura de menino que apanhara de cinta pela primeira vez. Acometia as pessoas de poderosas mordidas e, ao receber o troco:

— Vocês não estão vendo que eu...

Honorato não me deu tempo para meditar a respeito da revelação inconsciente. Ao acordar, estava ao lado do leito, dando demonstração de estar a par do sonho.

— Querido Roberto, vamos ver o que lhe reservou esta noite agitada.

— Posso depreender que já saiba...

— Em parte. Sei que estive repetindo a idade pela vida afora. Como os acontecimentos reais se encaixaram, desconheço.

— Pois a minha verdadeira vida pareceu-me longo ajustamento ao procedimento infantil, como se todas as ações más fossem fruto do revide pelos maus tratos, especialmente em se tratando de castigo para além de minha capacidade de compreensão.

— O seu sonho se limitou até ao ato do suicídio ou você se viu dando as mesmas desculpas no plano etéreo?

— Se quiser saber, até o dia de ontem, à noite, quando lhe pedi para desculpar-me *o fora* a respeito das conclusões apressadas.

— Considera possível que tenha sido tão grande o prejuízo emocional causado por seus pais, para estender-se até a presente fase da existência?

— De maneira alguma. Acredito, bem pensando, que a consciência está a indicar que as frustrações iniciais da vida foram arquivadas para emprego oportuno, sempre que acuado, acusado, pressionado, necessitando tomar drásticas decisões, tendendo, por isso mesmo, à malignidade, já que tinha recursos de defesa armados psiquicamente para o efeito da contemplação, do prêmio, da justificação das ações deletérias.

— Está bem certo disso?

— Claro que não. Estou, de novo, explorando o campo que se abre à minha possibilidade investigante. Entretanto, só reproduzo a solução mais plausível, sem acrescentar outros fatores da personalidade. Pelo que pude depreender das sugestões de

ontem, é bem provável, quase certo, melhor dizendo, ou mesmo certíssimo, que tenha tido motivos desconhecidos, transferidos de situações dramáticas de outras encarnações...

— ...ou das correrias anteriores pelo abismo...

— Como assim? Será possível que as situações de débito com os outros seres possam adquirir-se fora da carne?

— Por que não?! Não estamos praticando ações neste exato momento? Tentamos fazer o melhor possível, para não ofender a ninguém. Mas esse pensamento é o de agora. Em períodos anteriores, quem sabe se não vagávamos em busca de concretizar aquilo que você chamou de *atos espúrios*?!

— *Ações deletérias*...

— Também.

Quando adentrei a câmara de reflexões, ia com o ânimo alevantado, crente de que avançaria nas descobertas das causas das maldades, pronto para pespegar nos defeitos de caráter as cintadas das virtudes. Não me deixaria aborrecer, ainda porque sabia que, um dia ou outro, tudo se revelaria e tudo deveria enfrentar, até atingir o domínio de todas as reações espirituais.

Revisei rapidamente a infância e a adolescência. Consignei inúmeras ocorrências de inferioridade psíquica, especialmente de medo e de impotência perante a força alheia. Percebi que, dentro dos grupos de amigos, me sentia confortável apenas quando tínhamos projetos desonestos. Em todo caso, nunca era quem se atrevia. Aliás, quando as coisas desandavam, era o primeiro a disparar de volta para o refúgio seguro do lar, nunca tranquilo, mas sempre julgando-me inocente das intenções e dos feitos.

Dei como conhecidas as causas das reações e pulei alguns anos, estabelecendo-me diante dos filhos.

Dizia à esposa:

— Leonor, por iniciativa minha, esta criança jamais irá conhecer o desgosto das palmadas. Se, alguma vez, você me vir de cinto na mão para espancá-la, corra comigo, que estarei transtornado. De sua consciência, prometo controlar-me e ensinar ao meu filho tudo pelas boas.

Queria passar adiante as lembranças até o nascimento do segundo filho, daí a três anos, mas a memória embatucava. O tempo custava a passar. Os dias se representavam inteiros. Especialmente, via-me dando aula. Crianças de nove, dez e onze anos de idade. Passava de carteira em carteira. Levava sempre a régua na mão. Queria ver os exercícios, as contas, os mapas, as cópias. Não batia com força. Tinha medo do revide paterno e do diretor, como naquela vez em que deixara vergão vermelho no braço do desafortado.

Enquanto não me compenetrei de que estava maltratando os alunos, não lhes dando oportunidade de aflorarem a inteligência, ministrando a matéria tiranicamente, impedindo as manifestações pessoais, criando verdadeiros robôs, onde os melhores eram os que reproduziam item a item tudo que lhes ditara, não avancei nas recordações.

— Terei sido péssimo professor? Terei descarregado nos alunos os rancores de outra época? As minhas classes sempre foram disciplinadíssimas. O diretor juntava os piores e mos passava mecanicamente. Gostava de dominar os mais fogosos e me regozijava quando saíam, abandonando a sala de aula, a escola.

Terrível sentimento de culpa foi assenhoreando-me da consciência. Lembrei-me da disposição de não me abater. Afinal, era para recordar-me dos filhos e não das atividades profissionais.

Súbito, vi-me perante um pirralho de seis anos de idade. Estava em prantos e suplicava por piedade:

— Ó pequeno animal, que você está pensando que é? Pensa que não sei o que você tem aprontado com seu irmão? Que história é essa de beliscar a barriguinha? Olha o que você fez. Pois vai receber a devida lição.

A memória se fixava nas palavras pretendendo escurecer a lembrança das ações. Mas não houve jeito. Desvendava-se a verdade. De cinto na mão, dei três violentas pancadas no moleque e o preendi no quarto.

— Pode chorar à vontade...

— Mas, papai, não está vendo que eu tenho só seis anos de idade?...

Era a reprodução do sonho, não a voz da criança. Esta foi largada lá, até que a mãe foi encontrá-la escondida debaixo da cama.

Naquele momento, soou a sineta. Encerrava-se a segunda sessão íntima.

Honorato percebeu que saíra envergonhadíssimo e não insistiu no tema. Se se perdesse a sessão com os companheiros de pequeno grupo, pelo menos poderíamos, mais tarde, recapitular os pontos essenciais. Não haveria perda de tempo, que o tempo se perdera durante a encarnação.

Pedi-lhe para começarmos com simples pai-nosso. Queria meditar sobre o significado de cada palavra. Na verdade, desejava reviver as sensações da prece dita nas Trevas, que era onde me achava psicologicamente.

— **...perdoai as nossas dívidas, assim como perdoamos aos nossos devedores ...**

Não quis perder o encontro com os do pequeno grupo:

— Extrapolei as orientações do Professor Mário e deixei-me levar para além das relações familiares. Contudo, penso ter achado o nexos dessas recordações. Sempre agi ditatorialmente, em todos os relacionamentos.

— Foi por isso que não desejou que o ajudasse ontem.

— E, no entanto, tenho sido muito dócil. Se estivesse em mim sedimentada a mesma personalidade, teria fugido para o Umbral com os demais.

— Julga justa essa conclusão? Não estará sendo precipitado? Terá estudado todos os aspectos do procedimento habitual? Não poderá a condescendência ter sido originada pelo temor dos castigos tremendos de que foi alvo nas Trevas? Não terá havido acomodação, à vista de não haver outra perspectiva?

— Não está vendo, querido avozinho, que tenho apenas seis anos...

A frase me saiu espontânea, como ditada diretamente pela consciência.

Antes que desfalecesse, recebi forte influxo energético. Ao redor de mim estavam os orientadores dos cinco colegas de grupo. Pelo restante do dia, dei baixa ao hospital. Romperam-se várias suturas perispirituais.

## RECUPERAÇÃO

Dei trabalho ao Doutor Castro e aos dedicados enfermeiros, mas ajudei-os, por compreender-lhes a ternura com que trabalharam. Disse-lhes, mesmo, enfaticamente, que gostaria de possuir tamanha boa vontade, na realização do bem. Procurava, na verdade, esconder a imensa vergonha pela recaída, mas era sincero no reconhecimento do amor.

Honorato não me abandonou um único instante, mantendo-se em prece, ajudando-me com conselhos e distribuindo vibrações positivas (por falta de outra explicação), para que a recomposição perispiritual se desse da melhor maneira.

Sinto-me inibido com a descrição dos momentos inconsistentes, mas alcancei compreender que a maior fragilidade de caráter se situava na região da voluntariedade. Cheguei a imaginar que os percalços para a concretização dos atos maldosos influenciaram de maneira eficaz, no sentido de obstar que cometesse atrocidades bem maiores. A defesa psíquica dos seis anos de idade incidiu diretamente sobre as manobras da inteligência, condensando as atividades em torno de objetivos meramente egoístas. Se me tivesse dado à tarefa sistemática de atacar os demais, sem medir as consequências das reações, talvez tivesse terminado a vida de forma muitíssimo pior. Suicida, talvez, porém, assassino, com certeza. Eis que se me revelava ao intelecto que até a morte pelas próprias mãos pode não ser tão terrífica.

Ouviu-me calado o padrinho e benfeitor. Às vezes, meneava a cabeça desagradado, como discordando das inferências. Mas não interferiu na linha dos raciocínios. Parecia receber o conselho que mais dava, o da paciência.

— Meu filho, nem sempre estamos capacitados a concluir sobre a personalidade como um todo. É fato conhecido que as pessoas se surpreendem, quando assediadas pelo insólito das situações. Corajosos viram covardes e vice-versa. Pacifistas declaram guerra. Ociosos passam a agir e ativos se tornam inermes. Quais as válvulas do caráter que se abrem ou se fecham e por que o fazem são mistérios milenares, até para os que ascendem a paragens angelicais. Não queira ser definitivo em nada que lhe diga respeito. Mantenha-se receptivo para novas descobertas. Contudo, caracterizada a falha, empenhe-se por

eliminá-la. Se você descobriu que as ações sempre foram tirânicas, ditatoriais, é hora de experimentar torná-las submissas.

— Isso tem que ver com a desesperação?

— Sem dúvida. Se tivesse sido mais cordato consigo mesmo, admitindo a possibilidade de não ser perfeito em nenhum aspecto, não teria ficado tão acabrunhado.

— Posso concluir pelo egoísmo?

— Só se tiver coragem de enfrentar as consequências de se saber inferior nesse aspecto.

— A falta de derrocada emocional não poderá refletir excessivo orgulho?

— Evidentemente sim, desde que o sofrimento não seja sincero. As consequências perispirituais foram por demais palpáveis, para se inferir que estivesse sob o domínio do orgulho, nesse sentido que você colocou. Entretanto, não queira correr o risco de orgulhar-se de ter tido tal reação, já que estou colocando-a no campo do egoísmo, o que é bem pior.

A análise das fissuras morais causavam-me dor. Busquei tergiversar:

— Não há meios de se apressarem os efeitos benéficos das aulas, concentrando as informações em torno dos estudos arquivados na **Escolinha de Evangelização**, já que, acredito, muitos que por aqui passaram terão tido os mesmos problemas?

— Não existem cursos intensivos. Seria bem mais fácil do que sua simplória sugestão que apagássemos a personalidade (verdadeira lavagem espiritual) e implantássemos outra, por processos equivalentes ao *libreto* do catecismo. Não estão ali todas as informações filosóficas, morais, religiosas, científicas mais importantes, essenciais para a organização existencial com bases evangélicas? No entanto, isso significaria a criação de robôs. Você não se acusou de ter usado desse método com os alunos? Veja que existe sutil contradição entre o desejo de melhorar, de expurgar os defeitos, e a própria manifestação dele.

Honorato empenhava-se por demonstrar-me que era eu muitíssimo cru quanto aos conhecimentos de todo gênero e que isso se refletia na pretensão de estipular normas para o ensino.

— Pense nos aluninhos da primeira série. Seria lógico pedir a eles que formulassem o currículo escolar? Vamos mais longe. Pense nos recém-nascidos estabelecendo critérios de criação e de educação.

Demorava para pedir desculpas. Pouco tempo antes o fizera de imediato. Será que me endurecia a compreensão, à medida que se revelavam as fraquezas morais?

— Querido Roberto, não pense que estou ofendendo-me com os incrementos de preocupação e de trabalhos que as resistências psíquicas tendem a oferecer-me. Nem suspeite de que tenha todos os cordames de sua personalidade sob domínio. Quando estiver calejado na orientação de seres em crescimento nesta colônia, verá que cada indivíduo é único nas reações e aspirações. Desse modo, perceberá que o seu próprio aprendizado fluirá dos ensinamentos que for ministrando. Nunca lhe ocorreu, como professor, que as crianças lhe passavam noções novas, mesmo inconscientemente?

— Vovozinho, sinto-me perdido, sob o influxo de tantas informações.

— E dizer que foi você quem sugeriu que se desse ensino concentrado...

Sorrimos ambos. O esforço do conselheiro valera a pena. Estava em condições de voltar a interessar-me pelo andamento das sessões de estudos:

— Como foram as reuniões dos companheiros?

— Não pude acompanhar. Sei que tive de concorrer com vibrações de sustentação energética para sete colegas seus, internados em condições idênticas às suas. Descanse esta noite, despreocupado com o curso. Tenha certeza de que está aprendendo pela maneira mais convincente e não estranhe se lhe perpassar pela cabeça que o delíquio sentimental possa estar a indicar para o caminho das virtudes. Deus é pai de misericórdia e sempre há...

— ...de escrever certo por linhas tortas.

Gostava de antecipar as conclusões de Honorato. Na época, fazia-o para demonstrar argúcia. Hoje, desconfio de que ele é que me dava as deixas, com finalidades de incentivo.

Aquela noite passei sem grandes agitações, mas sonhei com prados e vergéis floridos sendo destruídos pelo pisotear pesado de grandes paquidermes. E sofria, vendo as plantas indefesas sendo dilaceradas. Ao acordar, trazia filhote de elefante preso pela coleira. Fora o que alcançara domesticar.

## RETOMANDO AS LIÇÕES

Fui para a câmara informado por Honorato de que deveria estabelecer contacto com as regiões da memória que guardavam os desprazeres de todo tipo: dores de barriga, cortes e machucaduras, febres, doenças infantis, cáries e sensibilidades diversas, problemas emocionais, frustrações, tudo, em suma, que me tivesse constrangido a sofrer.

— Com que objetivo?

— Estabelecer o *quantum* de sofrimento vital. O que se passou nas Trevas será tópico mais avançado no rumo das pesquisas psíquicas. Esqueça tais agruras.

Tive a intuição de que a recapitulação seria leve, dado que, para o mesmo crime, não haveria dupla punição. Mas não fiquei sossegado inteiramente, por causa das experiências anteriores. Haveria a consciência de descobrir falhas de formação do carácter para evidências angustiosas. Enfim, se quisesse evoluir, que me submetesse às lembranças das dores.

Fechado hermeticamente na cabina, intentei o processo inverso, ou seja, em vez de gravar as imagens das recordações, quis visualizar o que se registrara anteriormente. Imaginei que seriam atenuados os efeitos mórbidos sobre o espírito.

Obediente, o aparelho iniciou a reprodução, desde a formação do feto no ventre materno. Não havia grandes desconfortos, mas sentia-me premido por certa ânsia de libertação. Via claramente na tela as contrações corpóreas, ao mesmo tempo que as reproduzia na mente. Percebi que o método não me aliviaria das impressões de dor. Contudo, conformei-me e prossegui a experiência.

Devo esclarecer que a visão do feto não se fazia segundo os aparelhos terrestres de ultra-sonografia, cujas imagens se projetam em monitores de vídeo. A visão se dava a partir de ponto interno, sem o auxílio das retinas, como agora, quando observo o mundo exterior por meios próprios do corpo perispiritual, bastante diferente do processo carnal. Desse modo, não presumam que esteja sendo incoerente. Antes, acertem os seus ponteiros pelos meus, para avaliarem como é que pude chegar às dramáticas conclusões do relacionamento interno com o espírito de minha mãe.

Na verdade, as contrações incômodas se davam por influência de ondas energéticas desagradáveis, provindas de fora da bolsa em que se formava o corpo. Se não

tivesse tido as informações da cartilha, certamente teria passado batido pelas causas desses primeiros sintomas de desconforto. Mas sabia que os relacionamentos entre mãe e embrião têm toda a gama da afetividade. E atribuí as péssimas influências à rejeição daquele espírito que concordara em me receber do etéreo, para me transportar à luz da vida carnal.

Ao contrário do que poderia eu mesmo esperar dois dias antes, isolei-me, naquele momento, quanto aos influxos sentimentais, decidido apenas a observar. Parecia-me que as reações maternas não poderiam ser diferentes, se tivéssemos sido inimigos, em encarnações anteriores. Fazia questão de recordar o sonho em que enforquei as pessoas. Se tal fato fosse verdadeiro, era justo esperar que houvesse ondas de rejeição.

Fui capaz de distinguir outras manifestações de desagrado, apesar das paredes protetoras do útero. Vinham de mais longe e eram mais intensas. Os efeitos, contudo, não se mostravam tão intensos, como se fossem contrabalançados por ações energéticas positivas. Pensei nos protetores espirituais e me tranquilizei.

O pensamento de que não poderia resolver nada dentro do gabinete atenuava os impulsos de defesa e o interesse em saber a procedência das vibrações. Deixava-me, simplesmente, envolver pela suposição de que poderiam provir de meu pai ou de meus irmãos.

O momento da expulsão para o mundo exterior foi sumamente desagradável. Senti fortemente a queda de temperatura e a rudeza com que me apanharam, me limpavam e me deram os primeiros cuidados terapêuticos.

A partir de então, as sensações ruins eram as da fome. Às vezes, agudas dores de barriga. Uma vez, algo horrível nos ouvidos. Havia maus-tratos nos braços, efeito das vacinas.

Comecei a meditar se tudo isso teria qualquer importância. A fita adquiriu velocidade de câmara rápida. Não houve um só dia que não tivesse deixado marca de dor.

Interessante, no desenrolar dos acontecimentos desagradáveis, era que não me estimulava para a revolta, para a insatisfação, para o desalinho das coisas normais ou naturais. Cheguei a pensar que, ao ingressar na carne, o espírito assina o compromisso de aceitar todos os pequeninos sofrimentos, como parte da sentença cominada pelos males anteriores.

Os reverses infantis, os castigos e cintadas passaram rapidamente pela tela. Os tratamentos dentários, o engessar de um braço quebrado, as diversas contusões esportivas não me oprimiam o cérebro, de sorte que não sentia as dores pela segunda vez. Contudo, sempre que me sentia ofendido por palavras, os estremecimentos morais eram revividos em plena intensidade.

E assim foi o restante da vida, acelerado o processo talvez por ter perdido demasiado tempo com as reflexões iniciais. A dor final foi a mais lancinante. Senti o estralar dos ossos do pescoço pela queda do alto galho e o sufocamento quase me deixou sem ar. Salvou-me a sineta, indicando o final da sessão.

Ao me ver saindo sério mas não transtornado, Honorato deu graças a Deus:

— Vejo que meu pupilo está crescendo perante as próprias desventuras. Vamos agradecer ao Pai e, depois, discutir os pontos que lhe pareceram os mais importantes.

Enquanto orava, agradecia o poder de superação das dificuldades interpretativas. Qualquer que fosse o resultado da análise, iria sujeitar-me ao trabalho de composição com os adversários e desafetos. Adverti para a forma como tratava meus progenitores e me lembrei de que as aulas estavam sob a insígnia do quarto mandamento. Abaixei a cabeça e pedi desculpas pelas vibrações que de mim emanavam. Era como se meus pais estivessem em gestação dentro de mim. Compreendi que deveria enviar ondas de amor se quisesse, como disse Honorato, crescer em virtudes.

— Penso que terá tido tempo para avaliar os relacionamentos com os filhos...

— Continuo atrasado nos exercícios. Limitei-me a sentir as dores recebidas, sob o influxo dos ajustamentos da idade de seis anos. Mas creio ter avançado no entendimento de como se constituiu minha primeira família, em função dos carmas cruzados.

— Considera definitivas as conclusões?

— Acho que não cheguei a nenhuma solução. Mas estou encaminhando-me para a equação dos problemas. Os cálculos, faremos juntos.

Honorato teceu elogios pela deliberação de não colocar o carro adiante dos bois e passou a descrever os processos mentais de aceitação dos defeitos sem incidência de mágoa ou de culpa. Devo confessar que, por serem intrincados os conceitos técnicos, não absorvi nem cinco por cento das explicações. Ainda hoje, não fui admitido às aulas no nível da formação pós-graduada, de sorte que vou ter de contentar-me com simples resumo.

Quando os indivíduos percebem a inutilidade do sofrimento para a compreensão dos atos falhos, passam a admitir a hipótese de que tenham perpassado por conjunturas desagradáveis, para compensarem as dores provocadas nos inimigos. Intuem que estejam no caminho certo, tanto que muitos exageram na prática do suplício, imaginando que o sangue possa lavar os crimes. Honorato deu outros exemplos de sacrifícios incruentos: eremitas, vestais virgens, sacerdotes castos. Mais tarde, após muita reflexão, as pessoas, julgando-se quites com os adversários e com Deus, solicitam outra vida e quedam admirados de terem de sofrer de novo. Os que dão um passo além põem-se de resguardo contra a utilidade da flagelação e requerem entendimento, acima de tudo. Daqui a necessidade curricular do esclarecimento da lei de causa e efeito, não no sentido da prevenção das consequências, mas no da descoberta das causas. Aí é que os sintomas das dores são examinados com muito rigor, pois as vibrações emotivas provocam a energização dos centros sentimentais, onde se localizam as fontes do prazer e do desconforto. Tudo se passa no âmbito da consciência, mas como reflexo das ações e reações, dos impulsos energéticos de boa ou má natureza que se encaminham para o mundo exterior ou que de lá se recebem. Há indivíduos que conseguem colocar carapaça protetora, por não suportarem o sofrimento correspondente ao que provocam nos entes odiados. A partir desse princípio, inúmeras são as fórmulas de despistamento das intenções. O mundo da ciência, no plano espiritual, conhece as particularidades de cada ajustamento, tendo em vista a maior ou menor carga energética aplicada em cada reação e o tipo de cada vibração. Mas esses estudos exigem do pesquisador absoluta isenção emocional, o que somente consegue quem atinja a perfeição de não possuir inimigos declarados, nem mesmo no âmbito dos ressentimentos. Chegaremos todos lá.

Não preciso dizer que Honorato cresceu em importância. Se Mário não queria ser chamado de mestre e meu bisavô era simplesmente instrutor, como deveria apelidar-me a mim mesmo, insignificante regente de primeiras letras?!

— Anime-se, meu filho, porque, há algum tempo atrás, nós não passávamos de humílimas mônadas. E agradeça a Deus possuir inteligência provida de recursos para estabelecer ordens de grandeza. Acredite em mim e compeetre-se de que o saber irá crescendo geometricamente, daqui por diante, se você se mantiver interessado em evoluir. Lembre-se de que a lei do progresso...

— ...está inscrita nos anais da Criação.

## REUNIÃO AMENA

Seja pelo influxo da tristeza coletiva, seja porque estivéssemos cansados das trágicas revelações das consciências, o pequeno grupo de seis parceiros não se sentiu com ânimo de debater os pontos do programa. Cada qual esperava que alguém começasse, sem, contudo, estimular-se para as lembranças custosas.

Os instrutores permaneciam silenciosos, concentrados, como em prece. Pareciam-me alheios ao desenvolvimento dos trabalhos. Não desejei interromper a meditação de Honorato e não lhe encaminhei nenhuma vibração perquiridora. Entretanto, para que não perdêssemos a oportunidade do encontro, propus aos demais ligeira questão:

— Eu não tenho vontade de prosseguir sofrendo. Vocês viram o que me aconteceu ontem. Sei que outros também precisaram ser atendidos pelos médicos. Que tal se dêssemos atenção aos pontos mais tranquilos das descobertas? Por exemplo, posso dizer que encontrei motivos para acreditar em que o fato de ter-me levado ao suicídio evitou que me tornasse assassino.

Foi um riso geral. Desanuviava-se a assembleia. Todos imaginaram que estivesse brincando.

— Onde se viu falar em suicídio ao invés de assassinato como algo mais leve, mais ameno?

— Que tal falarmos em doentes em estado terminal?

— E se nos referíssemos ao abalo sísmico no Peru que nos trouxe mais de mil pessoas?

— Falemos de crianças e de flores... Quem vai enviar a coroa à família que perdeu os três filhinhos no acidente?

Atentei para a alegria fúnebre que provocara. Não quis desdizer as impressões que transmitira, mas aderi às brincadeiras com muito bom gosto. Afora ter completado alguns pensamentos aos de meu bisavô, fazia muito tempo que não tinha instante de esquecimento dos problemas. Penso nos leitores, que me tiveram de aturar as narrativas enlutadas até aqui, e sinto necessidade de arrefecer a forte pressão emocional das penosíssimas descrições.

De qualquer modo, o pessoal instou para que os temas pudessem, realmente, partir para as impressões menos dramáticas. Podíamos lembrar-nos de algumas teorias filosóficas do prazer e da dor incluídas no libreto.

— Como dizia Sócrates, o prazer maior está no contraste que se sente após o alívio das dores. Quando o sapato nos aperta o calo, nada como a sensação de prazer ao tirá-lo do pé.

José quis partilhar as observações:

— Vamos pensar bem para a frente. Parece claro a todos que iremos, um dia, obter sucesso nos tratamentos e que iremos suplantar a tristeza e a dor? Pois, então. O nosso motor está arreado. Estamos buscando substituir as peças arruinadas. E para que desejamos de volta o carro em condições de trafegar? Para passear, para trabalhar, para avançar em nosso caminho. Não nos custa imaginar que estejamos preparados para adentrar o próximo círculo de luz. Que tal sentirmos a prévia dessa alegria transcendental?

Mariana, enfermeira na Crosta, morta por dose letal de barbitúricos, achou que José estava querendo ir longe demais:

— Para mim, bastava ficar uns dez anos dormindo, tranquila. Emendava o desejo de encarnada e dava tempo a que todas as suturas perispirituais se solidificassem. Iria ser o Paraíso.

Alfredo, terrível assassino, em recuperação há mais de quinhentos anos, lembrou-se de como partira em sua última viagem:

— Olhem que me satisfaria um tonel de aguardente. Cairia de borco, com a condição de me sentir bêbado pelos próximos quinhentos anos.

Todos acharam que deveriam, de certa forma, ridicularizar a tolice do derradeiro ato. Eu mesmo participei:

— Pois em lugar do sapato apertado, eu me contentaria em desapertar o nó da gravata...

Com o bulício, os protetores voltaram da viagem consciencial, para aconselharem-nos um pouco mais de recato. Pelo menos, que falássemos algo importante sobre as descobertas da sessão das dores e sofrimentos.

Não é preciso dizer que, incentivados pelas ondas de amizades que se formaram, todos pretenderam dar contribuição para o grupo bem apresentar-se junto à classe reunida.

Comecei eu, que me achava *em estado de graça*:

— Sei que a conclusão a que cheguei todos devem ter chegado, mas a verdade que vi nesse sistema de lembranças das dores foi relativa às influências mútuas que se exercem os seres em processo de represália. Quando as pessoas da mesma família se rejeitam por questões cármicas, pelos sofrimentos de outras épocas, tendem a pressionar o ânimo dos outros para baixo, ou seja, o ambiente fica carregado de energias negativas e as pessoas agem de forma a se prejudicarem a si mesmas, através do processo psicossomático.

As palavras me soaram muito falsas. Penso até que não as tenha dito com tanta clareza. Contudo, repercutiram nos demais como ducha de água fria. Notei que tocara em ponto crucial e pedi para dar mais algumas explicações:

— Senti, em relação aos meus parentes, que, apesar de tudo, por compaixão, por hábito, por defesa coletiva, talvez mesmo por se acostumarem com minha presença, algum afeto lhes despertei, da mesma forma que me afeiçoei a eles, vendo, principalmente, que todos tínhamos fraquezas e que não éramos todo-poderosos, santos ou tremendamente perversos. Colocando de maneira aproximada das lições da cartilha, posso dizer que todos os indivíduos têm aspectos bons, até mesmo quem tenha passado quinhentos anos nas Trevas...

Dava a deixa para que Alfredo completasse o raciocínio, pois julgava que tanto tempo lhe deveria ter administrado alguma lição diferente. Não se fez de rogado:

— Vocês não sabem o que é ficar afastado da convivência dos inimigos que se encontram em processo de restabelecimento. Quando estão conosco, os sofrimentos que nos impingem e os que recebem de nós trazem razões para nos mantermos em atividade, de forma que a consciência não nos pesa tanto. A cada supressão por adiantamento, cada vez que alguém desaparece dos arredores, ficamos mais pobres, mais desesperançados.

Mariana interferiu:

— Realmente, a gente, na situação de desespero, não pensa em que os outros estejam melhorando e que nós mesmos podemos também progredir.

Houve concordância unânime.

Alfredo prosseguiu:

— O isolamento é terrível. O sofrimento cresce. Entramos em crise. Tudo parece ser eterno. O que vocês não sabem é o flagelo que representa a volta à Terra, deparando com tudo absolutamente modificado. Imaginem Colombo voltando para esta época, em que os transatlânticos cruzam os oceanos sem qualquer possibilidade de desvios de rota, de encontro com tempestades, de batidas contra rochedos, de abalroamentos sequer. Eu, à vista das pessoas compreendendo os procedimentos técnicos, mordida os pulsos. Até o vocabulário, o idioma era totalmente estranho. Foi um deus-nos-acuda. Vocês podem não acreditar, mas pedi, veementemente, para ser reintegrado às Trevas. Foi assim que vim parar aqui.

Ninguém do grupo havia passado por experiência semelhante. Sendo assim, julgamos excessiva a dramatização, mas pusemo-nos de sobreaviso, especialmente quem, como eu, não tivera o ensejo de saber quanto tempo havia transcorrido desde o passamento.

Nesse momento, soou o alarme, indicando para a reunião geral.

## A PALAVRA DO PROFESSOR

Preveni-me Honorato de que a turma não estava obtendo o sucesso almejado por Mário. Tivera diversas experiências com outros instrutores e sabia quando o planejamento não estava sendo seguido. Que me preparasse para alguma raspança.

De fato, contrariando o hábito de iniciar, depois da prece, pela descrição dos resultados dos pequenos grupos, Mário assumiu a tribuna (a mesinha) e pôs-se a realizar considerações a respeito das tarefas que tinha determinado:

— Meus amigos, temo que deva observar-lhes os princípios gerais dos trabalhos, pelas normas superiores estatuídas para este tipo de encaminhamento evangélico. Ontem, diversos de vocês se deixaram envolver sentimentalmente pelas lembranças, ficando à mercê das péssimas vibrações. Caso não hajam desconfiado de que tais sofrimentos tenham sua origem no egoísmo, é bom conversarem com os padrinhos, para definirem melhor se pretendem caminhar segundo o currículo. Temos opções mais demoradas, para seres intelectualmente desprovidos de acuidade. Seria perda de tempo. Tenho os relatórios dos monitores, digo, dos conselheiros, e precisamente sessenta e oito por cento revelam que vocês mesmos se reconhecem atrasados em relação aos exercícios.

Olhei para Honorato, que me passou, rapidamente, a ideia de que a turma vibrava em uníssono e, por isso, sem surpresas, caminhava junta.

Prosseguia Mário:

— Os relatórios parciais estão sofrendo contestações emotivas desprovidas de cabimento. Era para que todos tivessem compreendido a função analítica dos exames empreendidos, sem atropelos, sem delíquios, sem tolas presunções de que esteja na hora de descansar. Sei que a maioria agendou para esta manhã amenizar os debates, com a desculpa de que o desafogo é necessário para reequilibrarem as atividades psíquicas. Mas isso deveria ter ficado para trás, na concepção de que erros e acertos constituem fatores existenciais que se inter-relacionam, uns servindo aos outros, no aperfeiçoamento técnico da moralidade evangélica. Vocês só pertencem a esta turma por terem demonstrado proficiência no aprendizado da cartilha. Devem, pois, aplicá-la em todas as circunstâncias.

De novo busquei socorrer-me de Honorato. Queria saber se seria possível vencermos em condições tão precárias.

— Esteja certo que sim. Admiração decorrente dos fatos insólitos da vida se permite. O que se deseja evitar é a energização dos vetores existenciais pelo negativismo e pela consideração de excessivo penar. Eis a base do suprarreferido egoísmo. Preste atenção à palestra.

Via-me enleado em teia de superiores conceitos. Tentei serenar as ânsias e realizei brevíssima oração, para que Mário e Honorato conseguissem abrir-me a mente para o entendimento.

Mário continuava:

— Vocês estão impressionados vivamente por estarem descobrindo a si mesmos. Estão achando razões que não poderiam indicar outros caminhos senão aqueles com os quais se depararam na Terra. Então, devo preveni-los de que o diabo não é tão feio quanto está sendo representando por vocês. Ainda é muito cedo, mas haverá, para quase todos, possibilidade de se conhecerem através de quadros registrados por pessoas de seus relacionamentos. Terão visão mais completa das ações, a partir dos efeitos provocados nas psiques dos demais. Poderão avaliar que muitos atos que estão julgando infelizes tiveram consequências úteis, embora, na maior parte, desagradáveis. E terão a faculdade de sentir, de maneira quase integral, como as pessoas agiram em relação a vocês. Para lá chegar, entretanto, treinarão muitíssimo o autocontrole emocional, porque, se desandarem como têm feito, irão perder esse aspecto fundamental do enredamento das existências.

Quando pensávamos que iríamos poder inquirir o Professor a respeito de temas que não nos ficaram claros, noticiou-nos ele:

— Para amanhã, depois de conferenciarem com os orientadores, deverão ingressar na câmara de pesquisas conscienciais com o objetivo de sentirem todas as dores morais da última encarnação. Mas considerem-se impedidos de qualquer julgamento. Quero que estabeleçam somente o rol dos problemas, dando prioridade aos mais graves, segundo critérios próprios, friamente, como se estivessem destrinchando cadáver de indigente, em aula de anatomia. Vocês, portanto, devem considerar-se apenas matéria morta. Caso não alcancem total serenidade, peçam para sair, que terão assistência imediata. Não se deixem desesperar.

Pensei na equipe que nos fora buscar nas Trevas. Representei os seus membros sem os grossos uniformes e concluí que Mário talvez estivesse exagerando nas recomendações quanto à isenção sentimental. E meu avô Honorato, não chorara diversas vezes?

Como que tendo ouvido a consideração, Mário encerrou os comentários:

— Se vocês estão pensando que o fracasso de cada um irá repercutir em meu espírito como derrocada do professor, enganam-se. Não estou nem pretendo *fazer das tripas coração*, para levá-los ao estágio seguinte de progresso. Quando Maciel solicitou que elevássemos a quota dos bons sucessos, estava referindo-se à alegria que toda a colônia irá obter, pelo ingresso, na categoria de cidadãos, de outra plêiade de espíritos vitoriosos. Se caírem de novo, somente irão dar mais trabalho e perderão tempo. Quanto a nós, temos os serviços obrigatórios e facultativos e não iremos desfazer-nos deles para ocuparmo-nos de entidades que não sabem postar-se perante as próprias dívidas. Os conselheiros que falaram em possíveis raspanças estavam absolutamente certos.

Quis saber se havia tremor, pelo menos, nas expressões do amigo. Honorato envolveu-me de fluidos, como um manto, e revelou-me a aura do discursante. Estava levemente azulada, enquanto cintilações não intensas de luz se desprendiam e atingiam os colegas confrangidos pelas censuras.

Honorato esclareceu:

— Mário está dominando inteiramente as atribuições. Preparou-se para todos os eventos promovidos pela incontinência dos alunos. Fala como professor consciente da necessidade de colocar os temas em dia. Nada mais.

Não passou despercebida ao palestrante a ação de Honorato. Sorriu, agradecido, e pôs fim à peroração:

— Deus esteja com vocês todos! Recolham-se em seus corações e façam sua melhor prece. Vamos ver se conseguimos a benevolência dos irmãos maiores.

O silêncio da turma atenuou-se com os maviosos sons de dulcíssima canção que um dos companheiros puxou. Tenor em vida, estava recuperando paulatinamente a condição de cantar. Muitos, sabedores da letra, *sotto voce*, procederam ao acompanhamento. Eu tinha as cordas vocais arruinadas, mas pude murmurar a prece, aspirando ver algum fenômeno abençoado. De fato, tenuíssimas partículas de luz se desprenderam do teto e caíram sobre o grupo, em forma de pequenas pétalas de rosas azuis e brancas, que se desfaziam como bolhas de sabão ao tocarem as pessoas ou objetos.

Quando encerramos o hino sagrado, Mário enxugava lágrimas de alegria. Não houve quem não se deixasse impressionar pela paz reinante. Diferentemente das sensações da reunião amena do pequeno grupo, agora sabíamos, verdadeiramente, como proceder para a felicidade espiritualizar-se. E nos compenetrávamos de que muito deveríamos aprender para lá chegar.

## TEMORES FUNDAMENTADOS

Através de Honorato, quis averiguar o paradeiro dos parentes mais chegados. Não era mera curiosidade, mas desejava pôr-me a par do adiantamento de todos, para saber como agir em relação a cada um, uma vez que, a qualquer hora, iria ter de prestar ou de receber contas.

— Meu filho, se você está temendo encontrar-se com seres mais atrasados, é justo que aprenda a lidar com vibrações deletérias, capazes de prejudicá-lo. É, por isso, justamente, que está recebendo instruções valiosíssimas. Que outros objetivos poderiam ter os mentores, senão equipar os discípulos, para que ajam evangelicamente, no serviço socorrista a quem amam?

— Sei que não poderia temer o encontro de seres mais adiantados, pois se acham acima do meu bem e do meu mal, ou não seriam superiores a mim. Contudo, vamos supor que meu pai seja entidade pertencente aos quadros da angelitude. Será que teria condições de retribuir-lhe o amor?

— Se a questão me tivesse sido proposta em tese, indicaria o caminho da cartilha evangélica. Mas vamos considerar o caso específico. Seu pai o agasalhou no lar terreno, desde o nascimento até a idade de...

— Vinte e seis anos, quando faleceu.

— Bom. Que sabia você de recepcionar o amor paterno, ainda bebê?

— Conscientemente, nada. Se for considerar o que senti dentro do gabinete de reflexões, iria dizer que poderia ter recebido dele influxos negativos de energia vital.

— Foi você quem colocou seu pai em plano mais elevado. Quer trocar de exemplo, citando outra pessoa da família ou fora dela?

— Acredito que meu pai tenha, verdadeiramente, dado muito amor a mim.

— Então, prosseguirei com os raciocínios.

— Posso tentar descobrir o ponto de chegada?

— Claro!

— Penso que irá dizer que, a partir das vibrações positivas, irei sentir-me agasalhado e terei condições de ajoelhar-me perante a entidade melhor dotada, solicitando perdão por não ter aproveitado as oportunidades de crescimento moral que me deu.

- Não lhe parece lógico que assim deva ser?
- Esse é o meu medo. Lógico, com certeza, é. Mas será *psicológico*, ou seja, não me deixarei arrastar por impulsos baixos provenientes do caráter conturbado pelos vícios de procedimentos injustificáveis, à vista das virtudes que agora conheço e não pratico?
- Não, se você fizer como durante as reflexões, quando se deixou levar por sentimentos de amor-próprio ferido, terminando no hospital.
- Sentia-me pressionado pelas dúvidas:
- Não quero ser apressado, mas poderei estar na iminência de me deparar com alguém naquelas condições de superioridade?
- Não irá depender de mim. As visitas estão sempre abertas aos que se interessem realmente pelo progresso moral dos parentes e amigos. Todavia, existem normas de segurança psíquica para os internos, de sorte que, no mínimo, se você for avisado de que possa haver quem esteja interessado em revê-lo, já terá passado pelo crivo da triagem rígida dos protetores da colônia. Em nome do amor, da benquerença e da caridade, ninguém tem o direito de perturbar o andamento dos cursos, particularmente porque os responsáveis estão cientes da fragilidade dos novatos e não permitem que se percam os trabalhos de preparação. Vamos elucidar, desde já, um tópico que há tempos vem ocupando sua mente.
- Não estarei correndo risco algum, se tentar fazer a pergunta diretamente, pois já sei a que fato está referindo-se?
- Diga lá!
- Sei que estou diante de ser muitíssimo mais elevado que eu ou que qualquer dos companheiros de grupo. Não sou capaz de discernir o quanto avançado é meu querido avozinho, mas percebo que tudo o que me passa pela mente obtém resposta cabal, como se abrisse dicionário ou enciclopédia e encontrasse as explicações de forma cientificamente correta. Assim, a dúvida que trago se relaciona com o fato de ter recebido suas influências magnéticas desde as Trevas, pondo-me à vontade para receber-lhe os benefícios da assistência. Caracterizando melhor, devo dizer que me sinto bem perante ser muito menos imperfeito, sem conhecer quais mecanismos me fizeram confiar intelectual e emotivamente em pessoa com quem não me lembro de haver tido qualquer relacionamento, embora tenhamos sido consanguíneos.
- Você me diz superior. Mas eu não seria capaz de elaborar tal discurso em tão pouco tempo. Tudo o que lhe passo é produto de muita meditação, de muito ensaio. A verdade é que nós tivemos outros encontros, cujas diretrizes não cabe esclarecer ainda, pois implicaria no conhecimento de entrelaçamentos sentimentais cármicos com outros indivíduos. Quando o procurei, assim que despertou para o sofrimento, após o desenlace carnal, fui recusado. Sabe quantas vezes isso ocorreu? Pelo menos oitocentas vezes. Dessa forma, se você não souber comportar-se diante de seu pai e o encontro frustrar-se (isto é só um exemplo), como ser superior que supomos seja, irá insistir até lograr acesso junto a seu coração. Resta alguma dúvida?
- Dúvida, não. Resta o temor de não possuir os dons de virtude...
- Vamos trabalhar juntos para resolver isso. Se me permitir adiantar conclusões, direi que deve manter o temor aceso, pois é pertinente com o estágio de seu desenvolvimento moral. O tremor resultante deve ser canalizado para o esforço de

aquisição dos itens evangélicos em falta. Como você acha que agiria, se fosse enviado de volta ao Umbral?

— Assim, a seco? Sem explicação?

— Isso mesmo.

A pergunta pegou-me desprevenido. Não soube aquilatar a intenção dela e hesitei. Talvez ficasse muito chateado, pensando em ter sofrido injustiça, pois não me lembraria de ter feito nada para merecer o tratamento da expulsão. Por outro lado, poderia estar sendo testado de modo prático, como estava sendo teoricamente. Se assim fosse, não vagaria sozinho pelo ermo e seria protegido, em caso de ataques de seres mais poderosos.

— Não sei o que responder. As ideias cruzam em meu cérebro, podendo haver diversos objetivos plausíveis.

— Pois essa seria a sua reação no descampado. Ficaria sem saber as razões de ter sido enviado para fora dos limites da colônia. Tenho certeza, considerando o seu progresso, de que iria buscar as respostas nos encontros com os seres da erraticidade, investigando qual a melhor maneira de auxiliá-los. Ninguém que tenha conhecimento do catecismo evangélico se esquece de que o caminho para Deus é longo e pavimentado de espinhos. Dessa maneira é que devemos encarar quem venha à nossa procura desde as regiões mais elevadas, isto é, com a convicção firmada de que esteja preparado para nos conduzir às sendas do amor de Jesus.

— Devo concluir, então, que preciso caracterizar cada ser com quem terei de restabelecer os vínculos...

Não sabia se podia referir-me a amor, a amizade, a companheirismo. Honorato me socorreu:

— ...os vínculos do amor, desde que tenham sido abalados por deficiências de caráter.

— Penso estar começando a entender a pregação do Professor Mário. Se nós não tivermos a frieza de analisar racionalmente as deficiências e os percalços provocados pelos seres que consideramos adversários, como iremos agir para a reconciliação preconizada pelo Cristo?!

Honorato definiu o horário como oportuno para que eu voltasse ao convívio dos assistidos hospitalizados e deu por encerrada a entrevista. Pensasse no assunto e orasse pela misericórdia divina. No etéreo, sempre está parecendo que Deus não encerrou o primeiro dia da criação.

## VISÕES MAIS CALMAS

Acostumava-me a passar as noites bem tranquilo. A ansiedade característica de quem tudo deseja saber logo cedia a vez à confiança de que *o amor do Pai cobriria todos os pecados*. Ao me deitar, orava para dormir, simplesmente. Já não me assanhava pelas revelações do repositório das lembranças. Punha a esperança em que os quadros da cabina me desvendariam o suficiente com que me entreter durante o dia de trabalho. Não dissera o Senhor que bastava o mal do próprio dia? Não propugnara que as pessoas solicitassem o pão de cada jornada? Ficava contente com a determinação de enfrentar os problemas aos poucos, para poder resolvê-los todos.

Quando me vinham à memória as solicitações que fizera a Honorato, arrependia-me do açodamento. Por que, diante do protetor, demonstrava falta de serenidade, quando, a sós, me reequilibrava emocionalmente? Seria por que me diminuísse moralmente e desejasse superar a inferioridade, dando demonstrações de altos interesses?

Meditava e chegava à conclusão de que os temas estavam acumulando-se, contrariando o desejo de ir paulatinamente conhecendo-me melhor. O templo de Delfos trazia a inscrição que o sábio grego fizera de *slogan* para a pregação filosófica, conforme lera na cartilha. Como passara ao largo de preceito tão antigo?

Orava de novo e pedia para conhecer-me a mim mesmo, assim que possível, prometendo melhorar o desempenho.

Na manhã seguinte, acordava bem disposto. Olhava para as cicatrizes. Queria vê-las desaparecer. Qual nada! Estavam firmes. Honorato explicava:

— Vamos devagar com esse andor que o santo é de barro!...

Parecia querer lembrar-me da disposição noturna.

Naquele dia, entrei na câmara de reflexões disposto a cumprir as normas estabelecidas pelo Professor Mário. Resolvera ficar isento de reações psíquicas de mau teor. A campainha de alerta para o socorro estava à vista. Resolvi ficar bem perto dela, caso me desesperasse.

A meditação deveria revelar as dores sentimentais provocadas pelas pessoas. Resolvi começar inventariando os casos em que meus pais ou meus irmãos me causaram preocupação, desde a primeira infância. Aos poucos, fui constatando que não sofrera, na

realidade, concussões emotivas. O que me parecera tão penoso no aspecto físico, resolvia-se facilmente pela vontade contrariada, pela inveja ou pelo ciúme. Se fosse atribuir esses sentimentos como reação a lídimas malquerenças dos demais, iria ser injusto. Eu é que não compreendia direito o que se passava. Inclusive aquela tremenda surra de cinto, acabei achando que mereci. De fato, ficava provocando meu irmão até vê-lo chorar. Naquele dia, deixei-lhe a barriguinha roxa.

Parei para considerar o contraste das ilações. Se meu pai me deixara marcado para o resto da vida, trazendo na alma os vergões da coça, meu irmão também não poderia carregar consigo os beliscões?

Fiquei contente por não ter iniciado a relação por tão grave acontecimento. Fui avançando a idade até os dezesseis anos. Aí, precisei parar, que houve novidade grossa nos relacionamentos sentimentais. Entrou a figura de graciosa juvenzinha, por quem arrastava as asas dos desejos, desde os treze anos. Era minha prima Leocádia, mais velha que eu, mas miúda e desenvolta. Brincávamos muito juntos e tínhamos algumas liberdades corporais, não se resguardando ela de se trocar à minha frente. Mas não tinha seios. Quando apontaram, em vão lhe pedia para que mostrasse. Talvez, se o fizesse, fosse pedir outras coisas. Camuflava minha presença e pretendia surpreendê-la em trajes menores. Jamais consegui. Aliás, o que se concretizou foi sua antipatia por mim.

Nunca lhe disse que gostava dela ou que desejasse namorar. Mas me sentia autorizado a envolvê-la com os desejos libidinosos. Naquele dia marcado para a dor sentimental, encontrei-a aos beijos com um pelintra do bairro, mais velho que eu quatro anos, com barba e bigode. Não gostaria de dizer, mas as carícias que trocavam estavam muito acima das que imaginara para nós.

Fiquei arrasado, jovem e inexperiente no trato com as mulheres. Não fui capaz de entender que nada fora para ela, além de companheiro de folguedos, de resto, sem criatividade e sem inteligência.

Na câmara, hesitei em registrar o fato como decisivo, importante, significativo ou exemplificativo de situação que não tivera outra consequência senão a de pôr-me de sobreaviso para futuras decepções, obrigando-me a pensar em ser mais direto e honesto com as mulheres.

Mas não pude deixar de assinalar que me perturbei, no sentido positivo, enchendo-me de saudade, de gostosa saudade, daqueles dias que antecederam à *dramática* descoberta.

Achei que devia vasculhar a memória para outras situações de mesma textura emocional, contudo, a consciência me alertou para o tema específico.

A reação em busca dos melhores momentos fez-me suspeitar de que estaria temendo avançar para os dias mais tristes. Medo, porém, era o que insistira em não ter, antes de adentrar o recinto protegido.

Cauteloso, fui avançando. Lembrei-me de três namoradas que me fizeram feliz e depois infeliz. Todas me permitiram as intimidades que Leocádia proibira. Isso me levava a querer experimentar mais e mais, com outras...

Os namoros tiveram fins diferentes. Duas me repudiaram, simplesmente, por não me constituir em companhia agradável. No começo, senti-me ofendido em meu orgulho de macho. Em seguida, outros encontros, outros flertes, outras aproximações mostravam-

me que os fatos ficavam no passado. A terceira, eu deixei, em prantos, ela e eu. Tinha de partir para o serviço militar. Pediu-me que desertasse. O meu amor não dava para tanto. Prometi que voltaria para os seus braços. No quartel, os companheiros de farda me proporcionaram várias aventuras mundanas. Conheci as mulheres mais um pouco. Quando regresssei, vinha com a ideia de dizer adeus à pobre abandonada. Não foi fácil de localizá-la. Quando a achei, estava esquiva. Parecia uma madalena arrependida. Mostrou-me a aliança no dedo anular direito. Comprometera-se. Disse-lhe alguns impropérios, acusei-a de infidelidade e me retirei, ofendidíssimo.

Ao examinar o procedimento, notei que, ao invés de receber os influxos negativos, eu é que estava emanando fortes vibrações contra as pessoas. Será que tais eventos contavam ou deveria insistir na descoberta das contrariedades provocadas em meu sentimento?

Observei a sineta e reconheci-me bastante ponderado para não ter de acioná-la. Quando intentei prosseguir o exame, soou o aviso de que a sessão terminara. Outra vez não alcançara cumprir o desafio proposto por Mário.

## IMPASSE

Se me retirava feliz para reencontrar Honorato, não pensara direito sobre o que expor a ele e aos colegas.

— Então, o meu afilhado está hoje mais calmo, mais compenetrado da necessidade de controlar os transbordamentos sentimentais?

Haveria algum ranço irônico nas apreciações de meu bisavô? Desconfiei.

— Verifiquei vários encontros frustrados de minha vida amorosa e cheguei ao surpreendente resultado de que não me afetaram em nada. Pareceu-me que, na vida, a gente tem contactos com seres que entram para a nossa zona de atuação e depois saem, como se não tivessem tido qualquer influência. Não deixam marcas. É bem diferente dos parentes e das pessoas que acrescentamos por compromissos sérios. Às vezes, até a lembrança é terna e a recordação prazerosa.

— Narre-me os casos analisados.

Naquele momento, não tinha a desenvoltura da descrição isenta. Quem tiver lido o capítulo anterior, deve pensar que as coisas se passam com total serenidade. No entanto, as confissões nem sempre são fáceis. Posso dizer, sem medo de errar, que todos os colegas foram capazes de relatar os assassinatos e os suicídios e todas as tropelias consequentes, até mesmo os atos de injustiça contra o Criador, com muito maior isenção emotiva. Quando, porém, se tratava de contar os eventos menores, realizados entre quatro paredes ou no escurinho do cinema ou do jardim, todos se envergonhavam, acreditando estarem pondo a nu algo que consideraram naturabilíssimo, embora não de domínio público. Lembrei-me de um amigo que engravidara a noiva. Casaram mas o fato só foi conhecido quando a criança nasceu, mesmo assim com a desculpa de ter sido prematura, imaginem, com três quilos e oitocentos!

Meu avô dava tempo para os ajustes psíquicos. Media as dificuldades, com certeza, pelas flutuações da aura. Eu é que não tinha competência para auferir o teor vibratório dos seres por esse método avançado. E deixava-me levar pelos pensamentos, constituindo o quadro provisório dos apanhados racionais dos temas em discussão.

Assim mesmo, em pouquíssimas palavras, contei-lhe o que ocorreu em relação à minha prima e às três namoradas. E terminei interrogando:

— Será preciso configurar o que se passou na intimidade dos casais, com riqueza de detalhes? Sinto-me envergonhado. Pensei em desculpar-me por tratar-se dos segredos

de outras pessoas e não só meus. Mas isso seria hipocrisia. O fato é que não me sinto bem expondo as ganâncias sexuais. Sei que a natureza determina a libido e os anseios do acasalamento, como também sou capaz de estabelecer as influências culturais e religiosas que tornam a sociedade precavida quanto à possibilidade de *pecar*. O que não entendo é por que ainda tenho na mente essa...

Honorato não quis ajudar-me com a palavra. Esperava que me definisse quanto ao pensamento. O que estava tentando passar-lhe era o fato de não estar à vontade perante o ilustre instrutor, moralmente situado em patamar elevadíssimo para minha capacidade de entendimento.

— ...esse prurido de...

Vendo que me atrapalhava, Honorato desejou pôr-me à vontade:

— Quem pensa você não ter tido relacionamentos sexuais, em qualquer das existências? Eu, por exemplo?

A observação vinha em meu socorro, no sentido da reciprocidade das confissões. Se o mestre me pusesse a par de acontecimentos de mesmo gênero, iria obrigar-me a definir os desejos meramente carnis, sem o contrapeso da responsabilidade. Se eu tivesse engravidado alguma das jovens, assumiria a paternidade da criança ou desapareceria de circulação?

Intuitivamente, Honorato me passava o fulcro da questão.

— Quer dizer, queridíssimo orientador, que as pessoas aceitam, espontâneas, o prazer pelo prazer, sem o correspondente apelo da natureza pela procriação?

— Não vá tão depressa aos *finalmentes*. Passe antes pelos *entretantos*. As pessoas não podem ser consideradas todas iguais e perfeitas quanto às decisões. Na carne, estamos constantemente sendo postos à prova pela consciência. Somos forçados pela constituição orgânica a executar os atos da procriação, da mesma forma que nos alimentamos. Isto é extremamente simples. Além disso, temos de aprender a exercer a cidadania ou a convivência em termos morais evangélicos. Esse aprendizado corresponde a série imensa de exercícios. Nem sempre a primeira pessoa que nos agasalha sentimental e sexualmente é a que se destinou por carma a nós.

— Quem tem a força de *destinar*?

— Aplicam-se as leis das afinidades e dos débitos. Nenhuma encarnação se dá isolada dos demais seres, ou nasceríamos do areal do deserto ou da profundidade do mar. Temos pais, que nos recebem e encaminham. São entidades espirituais, antes e acima de tudo. São encarnados, em segunda instância. Aí se configura o planejamento. Não concorda?

— Plenamente. Só não sei se os seres estão sempre disponíveis emotivamente, para compreenderem que estão prestes a ingressar no seio de determinada família, principalmente se têm consciência das desavenças de antigamente.

— Você está no caminho certo. Examine o fato de que possam existir seres mais adiantados e outros mais atrasados. Existem?

— Sim.

— Os mais atrasados, não tendo condições intelectuais (diria melhor, espirituais) para efetuarem projeto de vida condizente com suas necessidades, ficariam à mercê das circunstâncias, podendo obter sucesso ou insucesso. Está claro?

— Sim.

— Os mais elevados moralmente (diria melhor, espiritualmente), exercendo atribuições socorristas, se veriam coagidos a auxiliar os infelizes. Veja os mestres desta instituição.

— Os professores...

— Também.

Honorato passou batido pelo gracejo que eu intentara fazer, lembrando o interesse de Mário por ser chamado de professor. Contentava-me eu em ir à deriva? Exigia ele compenetração, que o assunto era mais sério do que me pudesse estar parecendo. Fez-me ver, de relance, que as explicações poderiam interessar-me pessoalmente.

— Ora, unindo o discernimento dos mais preparados com o desejo imanente de melhoria dos mais atrasados, chegamos a um só resultado: é do interesse de todos que se ajudem os ingressantes na carne, para que obtenham o melhor proveito da vida.

Senti que nos afastávamos do ponto essencial que era o fato de eu estar enovelado quanto à revelação dos fatos íntimos, como sintoma de tendências pragmáticas, na absorção de todos os prazeres, mesmo à custa das decepções alheias. As jovens de minha convivência poderiam ter significado apenas testes e motivos para aprender. O.K. Mas se tivesse ocorrido de uma delas, verdadeiramente, apaixonar-se por mim? Não poderia supor que, por meu intermédio, sofresse, deveras? Não há casos até de suicídios, por conta de amores não correspondidos?

— Meu caro, se você acreditar que uma única encarnação irá ser suficiente para que aprendamos tudo, é melhor voltar a estudar o catecismo evangélico. A reencarnação é fundamental para darmos prosseguimento aos projetos que estabelecemos para evoluir harmoniosamente, segundo os preceitos das leis de Deus. Talvez não esteja preocupado em ir depressa. Mas asseguro-lhe que deve ir mais firmemente. A amenidade da derradeira sessão rememorativa está pondo à mostra outra faceta do arcabouço psicológico. O gracejo demonstrou superficialidade de interesse. Será que essa não é clara tendência de seu espírito? Se assim for, eis o passo imediato a ser dado, na direção das próximas lições. Caso contrário, não absorverá com propriedade os fundamentos dos estudos.

Honorato queria, na realidade, demonstrar que estava muito longe o dia em que eu caminharia pelas próprias pernas. Dava-me o resultado da contagem da pulsação, para demonstrar-me a necessidade do medicamento. Desnudava-me ele a mim, que não tivera coragem de fazê-lo.

Aprendi a lição? Era o que restava saber, quando me deparasse diante dos colegas, para cuja companhia a sirena nos chamava.

## O CLIMA DA REUNIÃO

Quando adentramos o recinto das discussões e deliberações setoriais, notei, desde logo, que o pessoal vinha acabrunhado. Seria efeito das recriminações de Mário ou todos teriam passado por crises semelhantes às minhas?

Honorato me pediu para ouvir antes de tirar conclusões. Poderia vir a ser instrutivo.

Mariana iniciou os debates, com sincera apreciação:

— Mário foi fundo nas reprimendas. Por mim, julgo justíssimas. Mas não vou deter-me para lamentações improdutivas. Já combinei com meu avozinho — espero que vocês também com os seus — que iremos avançar nas pesquisas emocionais de minha mentalidade. Não sei se José e Alfredo estão de acordo. Penso que Roberto, sempre bom amigo, no sentido de discutir abertamente os temas, venha a corroborar minha opinião. Quanto a Aristides e a Doroteia, devem satisfazer-se com as normas estabelecidas, cordatos que são com tudo que não lhes toca diretamente.

Preciso explicar que, dos seis componentes do grupo, os dois últimos pouquíssimo falavam, julgando-se inferiores em discernimento e procurando compenetrar-se das razões dos demais, dizendo que eram novidades sobre que não tinham pensado. Aristides saíra da vida por um tiro dado no ouvido, quando surpreendido pela polícia dentro de uma loja. Não era bandido procurado. Era pai de família desesperado com recente desemprego. Na primeira ocasião, de repente, estava na horrorosa condição de malfeitor. Envergonhou-se e acabou com a vida. Não tinha como oferecer à família o respaldo da moralidade maculada. Doroteia era apenas dona de casa, analfabeta, inculta. Quando soube que estava muito doente — diagnóstico de câncer em estágio avançado nas mamas —, matou-se, tomando formicida. Aristides tinha dificuldades de audição; Doroteia, de fala.

Percebi que Mariana apenas queria espicaçar a rebelião de cada companheiro, para exposições totalmente francas dos pensamentos. Fizera referência mais específica às minhas intervenções, porque era eu quem dava início aos debates e, naquela hora, estava resguardando-me. Senti forte comichão para responder, mas Honorato me segurou.

Como ninguém se atrevesse a participar, eu, pelo medo de perturbar, já que me via inibido pelo instrutor, os demais, com certeza, para não revelarem as pequenas vergonhas das intimidades, Mariana prosseguiu:

— Considerei as lembranças e concluí que as pessoas de meus relacionamentos não foram tão perniciosas para minha formação quanto pensei de início. Vamos começar por aí. Já que estão com medo de falar, levantem a mão os que também tiveram as mesmas reações.

Todos confirmaram as suspeitas da colega.

— Então, vou abrir o jogo. Dei de mim a diversos homens, desde a idade dos doze anos. Na época, pensava que estava me aproveitando das vantagens sexuais, buscando o afeto de homens mais velhos. Não gozava, mas sentia muito prazer. Só no quinto é que atinei que poderia chegar ao clímax com a penetração. Estou sendo grosseira? Estarei chocando as susceptibilidades? Então, me resigno ao papel de enfermeira acostumada a limpar feridas, a fazer punções...

José quis ser gentil:

— Sei que está a irmãzinha querendo pôr-nos à vontade. Na vida, também tive intimidades com diversas mulheres. Era casado e, durante o casamento, me mantive fisicamente fiel. Não posso dizer o mesmo quanto aos aspectos mentais, pois desejei, sim, e muito, as mulheres dos próximos e dos distantes. Masturbava-me regularmente. Mas jamais admiti a quem quer que fosse que pudesse ser anormal. Fazia tudo escondido, inclusive de minha mulher. Quando me resguardei na cabina, esse aspecto preponderou nas dificuldades que senti para a manutenção de vida matrimonial plena de amor e confiança. Assim como cuidava das máquinas dos outros, dos motores, dos carros, também cobiçava ter o melhor para mim. E minha mulher, coitada, deu-me sete filhos, sem saber que eu os procriava pensando nas outras.

Estimulados pelas confissões, os demais pretenderam dar seus depoimentos.

Doroteia, com visível esforço, testemunhou:

— Em criança, brinquei de sexo com os rapazinhos da vizinhança. Fiquei, depois, sabendo, que o cacarejar que ouvia à minha volta significava que era fácil e que passava de mão em mão. Há muita perversidade nos meninos, quando alguma fêmea se mostra... fraca...

Mariana veio em socorro:

— Foi Jesus quem nos disse que a carne é fraca, querida.

— Mas não me desvirginaram. Eram coisas de crianças. Fui para o leito nupcial com o hímen em perfeitas condições. Mas ocultei do marido todas as brincadeiras. E passei a viver intensa vida sexual, embora não tivesse tido filhos. Esclareceu-me o orientador que o câncer dos seios talvez não se tivesse manifestado tão cedo, se tivesse engravidado e amamentado. Contudo, não estaria em mim fabricar crianças, pela natureza do meu marido. Pelo menos foi isso que os médicos nos disseram. Com a doença, fiquei muito deprimida e levei o pobre a buscar outras mulheres. Fechei-me para o prazer, acusando-me de ter desnaturado o corpo pelas intimidades de menina e pela *depravação* de adulta. Acreditava que, se contasse tudo a ele, iria sofrer gravíssimas consequências, já que não iria entender que a mulher pudesse ter...

Na iminência de desandar sentimentalmente, os instrutores todos se cotizaram energeticamente e ministraram descarga fluídica poderosa para restabelecer-lhe o tônus vibratório. Os companheiros viram quão grande tinha sido o sacrifício da querida parceira e nos esforçamos para reequilibrarmos-nos emocionalmente.

Algum tempo iria passar, até que Alfredo se manifestasse:

— Se a sessão está destinada a confissões de caráter íntimo, devo dizer que esses problemas não me assoberbam há muito tempo. No último encarne, praticava o ato sexual perante quem estivesse no recinto. Estuprei muitas mulheres e deflorei jovencinhas na presença dos maridos e dos pais. E me ufanava disso junto aos que comigo repartiam as maldades. Nunca me pus *arrepiado* moralmente, até que, nas Trevas, me vi perseguido pelos ofendidos. Não compreendia a causa da fúria. Achava que eram falsos. Que faziam às escondidas o que eu praticava à luz do dia. Necessitava eu desabafar o calor dos desejos? Ia atrás da primeira que encontrasse. Mulher, no sentido de esposa, companheira, mãe de meus filhos, nem me passava pela cabeça. Eis pequeníssima parte das culpas. Não quero estender-me muito sobre o tema, a não ser que possa ser útil na exemplificação negativa, uma vez que tenho para mim que há desejos íntimos, pelo menos no que diz respeito aos machos, de viver do jeito libidinoso que fiz. E não são poucas as mulheres que gostariam de fazer o mesmo, se lhes fosse permitido pela sociedade ou se pudessem esconder de quem se sentisse magoado. Em suma...

Mariana interferiu:

— Não vamos falar em tese. Poderemos voltar ao tema, depois de ouvirmos os dois que faltam.

Fiz sinal para que Aristides falasse. Não havia como se fazer de desentendido:

— Eu participo das ideias de José e de Alfredo. Devo dizer que desejava ter liberdade sexual com muitas mulheres. Na verdade, só conheci prostitutas, antes do casamento. Talvez por isso, desinformado de como as mulheres reagem no leito, pretendi ter com a esposa certas liberdades aprendidas com as profissionais. Entretanto, a pobrezinha, mais nova que eu dez anos, pois não admitia que a minha mulher pudesse ter tido qualquer experiência sexual, se assustou comigo e jamais deu demonstração de que gostava do ato. Mesmo assim, pusemos no mundo quatro criaturas.

Notei que o amigo fizera esforço sobre-humano para expor as impropriedades da vida sexual.

Chegara a minha vez de relatar o que compreendia como problemas de caráter particular. Enquanto os demais abriam os corações, percebi quanto útil fora a discussão com Honorato. Não tive nenhum trabalho e discorri por mais de meia hora, minuciosamente, sobre todos os *segredos* da vida com a prima, as namoradas e as meretrizes. Quando encerrei a participação, Mariana protestou:

— Espere aí, querido Roberto. Entendi a manobra. Quis demonstrar que está bem à vontade e falou sobre particularidades que nenhum de nós quis revelar. Sei que são resquícios da vergonha de demonstrar sentimentos inferiores. Haveremos de aprender a ser tão detalhistas quanto você. Mas o que nos contou não é tudo. E a vida marital? Como se houve com a esposa?

Na realidade, não havia escondido de modo proposital essa fase importante. É que não chegara lá nas lembranças. A explicação não convenceu.

Alfredo foi mais cordato:

— Roberto deve ter perigoso trauma nesse capítulo. Vamos dar-lhe mais tempo, desde que nos prometa ser verdadeiro, como tem sido até agora.

Mariana não se conformava:

— Mesmo que não tenha mentido sobre não ter tido tempo, pelo menos nos diga se está tendo a dificuldade lembrada por Alfredo.

Fui salvo pelo sinal. Estava encerrada a reunião. Rapidamente, autorizamos Mariana a falar em nome do grupo na plenária que se seguiria.

Ficou-me, todavia, a ideia de que, talvez, Alfredo pudesse ter razão. Se o tema da próxima sessão no gabinete de reflexões permitisse, iria vasculhar os arcanos da memória para decifrar o mistério. Decidira-me a vencer as resistências dramáticas da psique.

Honorato segurava-me fortemente o pulso, como a impedir-me de fugir de seu controle. Reconheci que não era a hora mais adequada para levantar suspeitas de cataclismas sentimentais e me recompus para a assembleia. Será que Mário teria motivos para novas admoestações?

## IDENTIFICA-SE O GRUPO

Estranhamos a presença de outros professores na sala. Conhecíamos a maioria de vê-los pelos corredores. Era novidade agradabilíssima, mas não atinávamos com sua função junto a Mário. Teria o instrutor solicitado socorro? Estariam os mais antigos vigiando a atuação do mais novo, assessoria obrigatória, de tempos em tempos? Levantávamos as hipóteses, cochichando uns com os outros.

Mariana conhecia quase todos pelos nomes:

— É gente importante. Não tanto quanto Maciel mas estão aí os da primeira linha administrativa da escola: João, o que se posta do lado direito de Mário. Ao lado dele, Homero, depois Álvaro e Marcelo. Do outro lado, Frederico, Marta, um que não conheço e Edmundo.

— O que você não conhece, informou José, é Hermínio. O que você chamou de Edmundo é Manuel. A ele já fui apresentado. Tenho certeza.

— Não será Manuel Edmundo ou vice-versa?

— Isso eu não sei. Sei que regem turmas mais avançadas.

Alfredo se introduziu na conversa:

— Não é tão rígido assim. Meu instrutor me esclareceu que os mestres aceitam qualquer grupo de alunos, independente de nível de adiantamento. O mais eclético não está aí. É Otávio, didata e pedagogo, capaz de ministrar aulas para o pré-primário e cursos de pós-graduação. Sempre interessado nos métodos, nas práticas, desenvolvendo bem qualquer tema. Vocês ainda vão encontrar-se com ele.

— Nós, meu caro. Nós. — Era José, sempre querendo consertar ou concertar as coisas e as pessoas.

Mário fez as apresentações, correspondendo exatamente aos nomes que lhes foram atribuídos. Manuel era mesmo Manuel Edmundo. E Mário explicava:

— Temos muitos homônimos com o nome de Manuel. Assim, o mestre presente, resolveu juntar os apelidos de duas encarnações. Há quem passe de Manuel a Emanuel e outros que aceitam as confusões, divertindo-se. Sempre há o que aprender ou ensinar com as novas amizades...

Queria o Professor passar a palavra a João, para os comentários, mas se viu solicitado a dar a vez a Marta, que faria a prece rogativa das bênçãos do Pai, para que os trabalhos se realizassem em paz:

— Senhor, estendei manto de proteção sobre a turma iniciante. Estamos muito imaturos, discutindo temas da mais elevada moralidade evangélica. É preciso que nos deis amparo, para podermos suportar as tremendas cargas conscienciais. Imprimi nos corações a confiança em vossos poderes de benignidade, de misericórdia e de justiça. E despertai-nos a fé em que seremos capazes de suplantar as deficiências interpretativas de vossas leis. Muito obrigado, Senhor, por tudo o que progredimos, em tão pouco tempo. Muito obrigado, Senhor, pelas luzes dos mensageiros, que nos conservam atentos para as dificuldades, sem tropelias e sem acusações. Muito obrigado, Senhor, por contarmos com amigos tão fiéis e sábios, capazes de orientações oportunas e precisas. Favorecei, Pai, que reconhecamos o vosso amor, fazendo prevalecer a vossa vontade sobre a nossa. Assim seja.

Terminada a oração, João ergueu os braços sobre a assembleia e vimos crescer sobre nós magnífica capa de luz refulgente, formando tranquilizante cúpula. Extasiávamo-nos, quando percebemos que os eflúvios desapareciam, como se desfaz o nevoeiro matutino. Estava pronto o auditório para as explicações superiores.

João assumiu a palavra:

— Queridíssimos irmãos, temos acompanhado o desenvolvimento dos debates entre os amigos da turma. Os que aqui se encontram vibram uniformemente pelo diapasão das culpas provocadas pelo medo da ofensa maior ao Senhor, que nada se compara ao suicídio, pela estreita visão da consciência abalada. Se pudéssemos, percorreríamos todas as almas na Terra, pondo-lhes o sagrado temor do desperdício da oportunidade de progredir. A aula do dia reservou-se para as apreciações a respeito das influências sobre suas personalidades dos desrespeitos, ofensas e crimes da sociedade, em geral, ou de pessoas, em particular. Não fazemos mistério de que temos conhecimento do que se passa em cada cabina individual, pois as vibrações que se registram são transmitidas para o núcleo de reconhecimento de problemas do ministério do esclarecimento, onde técnicos analisam os resultados parciais e deduzem o que possa vir a ocorrer nas reuniões. Estamos presentes, de maneira especialíssima nesta data, para oferecer-lhes os subsídios da experiência nesse campo. Tivemos trinta e três equipes de suicidas, de sorte que sabemos quando há riscos para a integridade sentimental dos alunos.

O que João estava contando não se constituía em total novidade, pois sabíamos que havia condutos informativos entre o departamento e o ministério. O que não esperávamos é que os temas íntimos do grupo pudessem refletir-se, como ponto de preocupação, nos planos mais elevados.

João prosseguia:

— Vamos permitir que os representantes dos grupos debatam livremente as conclusões a que chegaram. Na realidade, conforme nos alertou Otávio, está havendo excessivo descritivismo nos relatos dos problemas, sendo muito raras as apreciações de caráter conclusivo. Enquanto os orientadores pessoais se interessam em nortear os pensamentos pelas leis, os discípulos se predispõem a admirar as ocorrências, os fatos, as reações, os efeitos, os fenômenos, deixando as causas de lado. Vejam que não estamos

referindo-nos às causas imediatas, como no caso de que a dor tenha sido provocada porque se encostou no ferro em brasa. O que desejamos é saber por que o ferro estava em brasa e por que o sujeito se encostou.

Pensava comigo mesmo que o mestre era muito cômico dos deveres, desejando ver os alunos progredirem com segurança. Dava orientações que contrariavam, de alguma forma, o procedimento das descobertas através das discussões. Mas considerava as possíveis razões dele e chegava à conclusão de que o método heurístico (Honorato deveria estar exercendo o seu papel de influenciador), o método das descobertas pessoais, por meio da pesquisa e das discussões subsequentes, deveria estar sendo lento demais para a programação.

João fazia as últimas recomendações:

— Não se preocupem com o tempo. Gastem como julgarem melhor. Entretanto, saibam que existem maneiras mais perfeitas de se revelar a verdade. Aconselhamos, pois, que, antes de prosseguirem examinando os temas curriculares, se dediquem a avaliar os procedimentos que estão empregando. A maioria não tem prática nesse campo do conhecimento. Contudo, não estamos desejando que saiam para as lutas do socorrismo ativo sem terem assimilado proficientemente as melhores normas para a reflexão isenta de envolvimento emocional. Se deixarmos a impressão de que nos interessamos pelo progresso de cada um, sairemos imensamente felizes. Desculpem-nos os que estão achando que interferimos demais, especialmente porque muitos vieram preparados para debater o ponto programático e se veem frustrados. Mas nada se perde, no âmbito dos aprendizados escolares, quando o que se elabora contém a chancela indiscutível da boa vontade e da experiência. Sendo assim, tudo o que desejavam ver exposto aos colegas, será, em tempo hábil de fomentar reações adequadas para a elucidação dos tópicos. Fiquem com Jesus nos corações!

Rapidamente, os mestres se retiraram.

Mário nos chamou a atenção para um fato inusitado:

— Vocês repararam quanto tempo decorreu desde que Marta iniciou a prece?

Ficamos admiradíssimos: cerca de trinta segundos. Tudo o que se disse e se fez se condensara em trinta segundos. Impressionante!

Honorato veio em meu socorro:

— A técnica utilizada foi de absorção da atenção. Não se deu tempo a que ninguém pudesse refletir sobre o que se imprimia nos cérebros. Ajustou-se no ponto zero o relógio das emoções. Abriu-se a capacidade intelectual ao máximo. Se projetássemos o filme da sessão, veríamos todos movimentando-se com extrema velocidade. Isso é possível quando se adquire controle das energias, a ponto de facultar aos seres sob influência que permaneçam favoráveis a que os eventos decorram em harmonia com as expectativas de realização existencial. Em palavras mais fáceis: trata-se de pura empatia vibratória, em que nenhuma reação contrária se verifica.

Envolvido pelas explicações de meu avô, notei que utilizara a mesma técnica, tendo levado não mais que quatro segundos para me passar as ideias.

— Como reagirá o grupo?

— A definição de aceitação ou de repúdio da intervenção se dará em seguida. Vamos prestar atenção, para saber como é que Mário conduzirá os debates.

## A CLASSE SE ACERTA

Notei que o pessoal estava indócil.

— Honorato, o que está acontecendo, exatamente?

— O método já está impregnado na mentalidade da turma. Antes das assembleias, sempre se discutiu em pequenos grupos. Não é verdade? Os representantes estão demonstrando-se inseguros, enquanto outros, que cederam a vez para o tema preparado, querem participar da rodada ativamente.

Achei que havia lógica na ansiedade dos colegas. Não teriam os mentores previsto a reação?

— Veja como Mário atua e tire depois as conclusões.

Realmente, o Professor não chamou os representantes. Pediu que se abrisse a roda e que se postassem todos ao mesmo nível, diluindo as equipes pela classe. Ninguém no centro.

— Quem deseja manifestar-se deve inscrever-se. Chamarei pela intensidade do interesse.

Vários insistiram para participar desde logo. Eu me resguardei para as observações. Interessava-me pela postura intelectual, sentimental ou moral dos mais agitados e também pelo sentido reflexivo dos que falariam por último.

— Com a palavra, pela ordem, Onofre.

Onofre tinha sido agitador político. Custava, ainda, a admitir que se suicidara. Jogara-se de alto edifício, tendo anunciado que o fazia, para protestar contra a ordem socioeconômica. Queria deixar, como herança política, longo manifesto à nação. O período era de ditadura militar. A polícia, no entanto, recolheu todas as cópias, inclusive as que o correio não entregara aos jornais. O noticiário policial limitou-se a constatar o tresloucado gesto, tendo os repórteres suspeitado de assassinato, sem declarar, contudo, abertamente, as especulações. Os companheiros de lutas ficaram com medo e se esconderam. Quando voltou a democracia ao país, Onofre quedou esquecido. Não serviu sequer para mártir.

— Companheiros, sinto que estamos mal orientados. Longe de mim acusar o Professor Mário, diligente e operoso. Mas as diretrizes de trabalhos deveriam fazer constar todos os tópicos, para não sermos surpreendidos pela novidade da interrupção do projeto em andamento. Compreendi, perfeitamente, o que o mentor João veio fazer, pois não é difícil de reconhecer quando as coisas não estão de acordo com o planejamento. Mas até mesmo as divergências deveriam consignar-se na tabela de normas que nos foi passada. A novidade, agora, é diversificarmos os procedimentos, como se isso fosse matéria de simples reunião. Garanto que a experiência acumulada das trinta e três turmas seria mais do que suficiente para que esta situação incômoda fosse evitada. Diz meu orientador, constantemente, para confiar na capacidade dos instrutores, dos professores e dos administradores. Sendo assim, não caberia a mim nem a nenhum dos companheiros supormos que algo pudesse não estar realizando-se a contento. Proponho, pois, que interrompamos esta fase dos trabalhos e nos dediquemos ao estudo das matérias concernentes ao aprimoramento das bases psicopedagógicas sobre que estabelecer os critérios para a fixação dos projetos de desenvolvimento programático.

Mário ouvia com profundo respeito, concentrando-se nas palavras candentes do aluno, que incendiava os ânimos para a revolução. À vista de o orador ter dado um tempo, inquiriu, delicadamente:

— Nosso caro Onofre já disse tudo ou pretende utilizar ainda a palavra, para acrescentar?

— Desejo prosseguir mais um pouco. Peço, porém, que o procedimento de condensação de tempo não se aplique, já que desejo que todos consigam assimilar a propositura, através de livre e exaustiva reflexão. Só assim poderão todos reconhecer que tenho carradas de razão para propor a iniciativa. O ponto seguinte a considerar é que as inflexões energéticas de cada membro não se coadunam com as observações referidas pelo ilustre mentor, a tal ponto que percebo que muitos sequer atinaram com as dificuldades curriculares, preferindo aceitar, pacificamente, a colocação, estando dispostos a reorganizar o roteiro de atividades, segundo o padrão sugerido de cima. Deveremos sempre objetar contra as injeções culturais que não nos permitem sedimentar os conhecimentos pela experiência de vida. Afinal de contas, não estamos aqui para outra coisa, senão para melhorarmos o desempenho espiritual, no sentido de podermos influenciar quem esteja degenerado e propenso a continuar na prática do mal. As pessoas, na Terra, esperam por seres melhor estruturados, mental e sentimentalmente, para o enfrentamento das reformas que levarão o povo a crescer material e espiritualmente. Vejo que alguns colegas se impacientam. Como não pretendo insubordinar-me nem açambarcar o tempo, passo a palavra, resguardando-me o direito a responder, caso me venham a ser contrariadas as teses. Presumo que Mário e os demais estejam de acordo com esta premissa, que elevará o nível de democracia.

A contragosto, o colega se acomodou na carteira. Talvez esperasse que a turma o aplaudisse. A verdade é que as reações fisionômicas apontavam para antipatia. Ouviram-se dois ou três *apoiado!* — e só.

Mário indicou o próximo orador:

— Vamos ouvir Mariana.

A coleguinha de grupo era muito positiva. Levou os raciocínios para outro campo, de modo a não afrontar o orador que a precedera:

— Queridos irmãos, concordo plenamente com a posição ideológica firmada por Onofre. Falou em tese e disse muito bem que a programação não estipulou todos os tópicos que se enfrentariam. Para os próximos cursos, esse aspecto deverá ser melhor estudado, para o que poderemos dar nossa contribuição, estabelecendo, desde já, os princípios da reforma, de maneira equilibrada e racional. Onde é que estamos pecando? Segundo João, na formulação da lei de causa e efeito. Desde as épocas de encarnada — falo por mim, mas acredito que muitos tenham tido as mesmas experiências —, acostumei-me a levar a vida de acordo com os fatos. Não fui pessoa que se dedicasse a meditar sobre os procedimentos como resultantes das ações anteriores. Fixava objetivos, formulava prazos e realizava todos os atos em função de cumprir o projeto. Dito desta forma, vai parecer que era inteiramente pragmática. Entretanto, não enxergava muito longe. Os planos que elaborava visavam a, no máximo, um ano de consequências. Se quiserem gritante exemplo, poderei dizer que nunca me interessei em ter aposentadoria. Sendo assim, gostaria de marcar, como primeiro passo para que cumpramos as determinações do corpo docente, a regra áurea de não nos satisfazermos jamais com as implicações emocionais das recordações. Vamos engolir os sapos da insatisfação pessoal e dar como ultrapassada a fase dos estremecimentos. Para que tal aconteça de maneira desvolta e constante, que um dos membros de cada equipe, escolhido de comum acordo, se arvore em guardião dos raciocínios isentos de emotividade, sendo-lhe facultado inquirir de cada participante aonde deseja chegar. Vejam que busco ser o mais coerente possível com a tese de que as injunções sentimentais perturbam o andamento das sessões de reflexão, o que deságua, de imediato, nos resultados a que chegam os pequenos grupos. Sei que as ideias não estão suficientemente buriladas, conforme nos preveniu que ocorreria o companheiro Onofre, mas aceitem a iniciativa e sobre essa base concreta, acrescentem outras normas, sempre no sentido de atender aos preceitos de que devemos aperfeiçoar-nos para o socorrismo evangélico. Muito obrigado.

Mário, à vista das duas longas explanações, quis medir o interesse dos demais e chegou a nova lista de participantes. Muitos haviam desistido para não serem repetitivos.

— Com a palavra nosso tenor, Reginaldo.

Todos gostávamos de ouvir o amigo. Falava com voz impostada, suavizando as expressões delicadas ou acentuando as ideias mais fortes. Naquela tarde, foi sublime:

— Creio que não devemos estabelecer critérios universais, tendo em vista a especificação do tópico. É que depende de cada um esforçar-se para não comprometer as reuniões. A ideia de se eleger um vigilante é excelente e bastará para a advertência aos que fraquejarem. Contudo, se nos apoiarmos nos queridos orientadores, poderemos dar-lhes a incumbência de nos medirem a frequência *cardíaca*, avisando-nos dos disparates sentimentais. O que tem ocorrido é que muitos não acatam a indicação de que estamos equivocando-nos quanto aos cânones didáticos, menoscabando as informações que os *bons velinhos* nos passam. Concordo com Onofre e com Mariana. As teses podem ser melhoradas na confecção de diretrizes para futuros grupos de suicidas. E vou mais além, no que respeita a colaborarmos com normas e estatutos. Proponho que os anais das sessões registrem as alterações de procedimento mais significativas, tanto no acerto

quanto no desacerto das medidas corretivas do rumo, e que a história evolutiva da turma sirva para ilustração de como agimos para superar as dificuldades. Além disso, caso o querido Professor Mário aceite, quero deixar mais uma contribuição, no sentido de, uma vez por semana, inicialmente, e, depois, mais espaçadamente, reservarmos um momento do plenário para considerações metodológicas, o que se constituirá em avaliações preciosíssimas, para nossa própria orientação. Talvez, assim, possamos evitar outras intervenções dos mestres, sem, com isso, passar-lhes a ideia de que sua presença não nos seja altamente estimulante. Aliás, ao tomarem conhecimento desta deliberação — caso discutida e aprovada — poderão externar parecer sobre a possibilidade de estarem presentes para nos ajudarem. Era o que tinha para dizer. Muito obrigado.

Esvaziou-se a lista dos oradores. Procederíamos, em seguida, à votação das propostas. Ao contrário das assembleias da Crosta, ninguém encaminhou os projetos. Limitou-se Mário a considerar os tópicos, resumidamente, pedindo que nos manifestássemos levantando a mão. Queria demonstrar a todos quais as reações de cada um, evitando a leitura das frequências evidenciadas pelas auras, para o que pouquíssimos estavam preparados.

— Votos para que se lavre protesto contra as deficiências programáticas.

Nem Onofre levantou a mão. Era comum que os argumentos dos demais abafassem o entusiasmo pouco esclarecido dos afoitos.

— Votos para a eleição de membro com as funções de *super ego* emocional, nos pequenos grupos e na reunião geral.

Unanimidade.

— Votos para que os conselheiros individuais intensifiquem a vigilância quanto aos desajustes sentimentais.

Unanimidade.

— Votos para que reabramos a discussão sobre a metodologia, na próxima semana e nas demais, até que a classe delibere sobre o momento de se encerrarem tais debates.

Unanimidade.

— Votos para se convidarem os mestres para as reuniões supra-referidas.

Unanimidade.

— Votos para que o tema das influências sentimentais seja novamente apreciado, amanhã, a partir da sessão de meditações.

Unanimidade.

— Nada mais havendo a tratar, que se lavre a competente ata da reunião, para que conste dos anais da turma. Roberto, aceita a tarefa?

Como recusar quem ensinara os rudimentos da redação a muitos dos presentes?

— Perfeitamente.

— Alguém discorda da indicação?

Fiz menção de discordar. Todos riram a bom rir, como se estivessem aliviando-se da tensão do dia.

Restava-me enfrentar as lembranças que Alfredo designara como *perigosas*. Contava com Honorato, para me manter lúcido e ponderado. E com Jesus, em quem começava a confiar.

## PRECIOSAS ORIENTAÇÕES

Desde quando fizera a revisão da memória, conservava viva a recordação da fase mais dramática dos relacionamentos sentimentais. A esposa me traía, é certo, sem motivo, que não lhe dera a contrapartida de nenhum ato impensado.

Professor primário, ganhava muito pouco. Leonor era colega de colégio, onde dava aulas de Ciências Físicas e Biológicas. Ganhava um pouco melhor. O namoro foi rápido e o casamento projetado com o cálculo financeiro das péssimas economias. Uma só residência, um só aluguel, um só fogão, um só tanque de lavar roupas... Conjugação carnal costuma trazer filhos como consequência. E despesas. Muitas despesas. E trabalho. Muito trabalho.

Em cinco anos, três filhos. E não admitíamos que houvesse paixão. Apenas nos dávamos muito bem. Nunca discutimos, até que houve a descoberta...

Não estou empenhado em relatar as loucuras dela e minhas. Faço a constatação do fato para demonstrar o medo profundo de adentrar a câmara de reflexões. Precisava amainar as sensações ruins que me despertavam as lembranças dos desatinos que culminaram com o suicídio. Duplo suicídio, no sentido de que levei Leonor ao desespero, conforme vibrações terríveis que me atingiram nas correrias desabaladas do báratro.

Bendita hora em que a turma deliberou atribuir a função de vigilância emocional aos protetores. Sei que Honorato sempre esteve atento a esse aspecto, como todos os demais conselheiros. Mas a decisão me ficara demarcada na mente, tal como inexorável obrigação a que jamais se consegue furtar.

O período noturno estava reservado para atendimento dos novos amigos ainda não em condições de formar classe na *Escolinha de Evangelização*. Dava-lhes orientações individuais ou a dois e a três, sobre técnicas redacionais, a que chamava de elementos de escrita. Nessas aulas, pedia-lhes para redigirem pequenas composições de fundo moral. Sempre havia exercícios para corrigir e discussões a encaminhar. Não podia faltar. Sendo assim, enchi-me de responsabilidade e gastei as três horas anteriores ao toque de recolher entretido com a tarefa voluntária.

Logrei esquecer as preocupações. Entretanto, ressurgiram com muito maior ímpeto, assim que me vi recolhido ao dormitório.

Chamei por Honorato, insistentemente, temeroso de que o sono pudesse trazer-me novidades horripilantes, as quais, em cascatas de degeneração emocional, poderiam impedir-me de obter bons resultados, no dia seguinte.

Meu avô percebeu os distúrbios e correu pressuroso para me tranquilizar:

— Calma, meu querido! O que pode ser pior do que o fato em si? Não acha que já tenha sofrido o suficiente? Como é estranha a natureza humana! Tenho certeza de que, se lhe pedir conta das lições do catecismo, vai dar-mas todas de cor. Contudo, está desequilibrando-se sem nenhum fundamento na realidade. É pura congestão mental. Precisa pôr para fora todos esses péssimos pensamentos, que o pior que possa existir é a fobia injustificada. Não lhe parece que o que o traz preocupado é apenas a preocupação e não a incapacidade de reagir com vigor e coragem contra as insuflações do passado? Vamos orar. Concentre-se, por favor. Imagine Jesus aproximando-se para abraçá-lo, abençoando a restauração de todas as amizades, o pagamento de todos os débitos, o perdão de todas as ofensas.

Não podia ser mais amoroso e mais incisivo. Reconheci a intemperança sentimental e ajoelhei-me, pronto para repetir as sagradas palavras.

Assim que terminamos de recitar o pai-nosso, notei que já não tremia. Restabeleci o domínio intelectual sobre a personalidade e pude imaginar que Honorato deveria estar informado de todos os trágicos capítulos de minha vida. Julguei oportuno interrogá-lo, para poder usufruir outra visão dos males que pratiquei.

— Querido avozinho, quais os acontecimentos que poderei encarar mais sobriamente, em relação ao disparate maior do suicídio? Quero principiar a sessão de descobertas agora mesmo, reservando o clímax das vibrações negativas para o ambiente resguardado da cabina.

— Se você está pensando que estou a par dos acontecimentos na Crosta, engana-se. Sei o que me contaram, o que é o mesmo que nada, no que concerne aos sentimentos. Você deve ter desesperado, para atentar contra a própria vida. Mas a culminância da insanidade é mero resultado de corolário de ocorrências encadeadas desde tempos imemoriais. Você é que deve contar-me o que sucedeu entre os cônjuges, para que estabeleçamos, em conjunto, as diretrizes da investigação psíquica.

— A história, do ponto de vista dos fatos, é corriqueira. Um dia, cheguei em casa mais cedo, por terem os alunos sido dispensados por falta de água no colégio, e não achei Leonor. Maldosamente ou sofredamente, não sei direito, o filho mais velho sugeriu que fosse até a casa do vizinho. A mãe, como sempre, estaria lá. Percebi o tom de cumplicidade do pequeno e desconfiei de que se tratava de algo muito penoso para o futuro. Devo dizer que hesitei. A surpresa da situação, todavia, me levou a atravessar a rua, entrando pelos fundos da casa. O homem que me apunhalava pelas costas recebia o título honroso de amigo. Apanhei os dois em pleno rebuliço amoroso. Desculpe-me a rispidez da descrição. Não fiz nada. Não delatei sequer a presença. Saí silencioso como entrara. Sentei na soleira da porta de entrada de casa e aguardei, em prantos, que Leonor saísse. Ao me ver ali, compreendeu que me inteirara de tudo. Sem explicações, entrou e foi preparar o jantar. À noite, saiu para dar aulas. Não olhou para minha cara uma única vez. Após ter ajeitado

tudo na cozinha, pus as crianças na cama e deitei no sofá. Quando Leonor retornou, fingi que dormia. Ela foi ao quarto e só nos encontramos de novo na hora do almoço, pois saí mais cedo do que de costume para pegar a turma da manhã. Leonor comeu depressa e saiu para trabalhar. Meia hora depois, voltou o rapazelho mais velho. Trazia vergões feios nas pernas e nos braços. Suspeitei de que houvesse brigado na escola. Não quis revelar-me o que acontecera. Mas a irmãzinha contou que apanhara da mãe. Essa foi a gota d'água que nos fez brigar pela primeira vez. A partir desse dia, tornei-me macambúzio e nunca mais dirigi a palavra a Leonor calmamente. Isso durou bastante tempo, até que desapareceu, abandonando-me com as crianças. Eu, que sempre fora cumpridor de todas as obrigações, comecei a embebedar-me, descontrolado, até que pus os filhos sob a guarda de minha irmã Isaura, condoída com os maus tratos que lhes administrava. Perdi os empregos particulares e fui exonerado da função pública. Parecia temer encontrar-me com Leonor, para não assassiná-la. Um dia, deparei-me com ela voltando para casa. Vinha chorosa, pedindo perdão. Fora abandonada pelo amante. Dizia ter saudade das crianças. Mentia, claro. Queria restaurar o casamento. Irrisão! Voltaria a lecionar. Desconhecia o que se passava comigo. Havia uma árvore na rua, em frente da janela do quarto. Durante a madrugada, peguei a corda do poço, fiz um nó corrediço, subi a custo pelos galhos, amarrei fortemente a corda num galho horizontal, preendi o laço no pescoço e me joguei. Eis aí o relato, o mais isento que pude contar.

— Vejo que você venceu, pelo menos, a etapa dos episódios repugnantes. Sinto na narração, contudo, certas impropriedades conceituais, como se algumas cenas não tivessem ocorrido exatamente como expostas. Parece que a imaginação se enfronhou nos acontecimentos, adulterando os fatos. Mas não faz mal, o reflexo mental se depurará na cabina de reflexões, com certeza. Poderemos, depois, analisar juntos as mudanças. O que importa considerar com mais urgência é o fato de estar temeroso. Será por ter causado a terrível visão para a esposa, quando se deparou com o corpo deprimido?

— Sim, mas não de forma absoluta. O que me deixa sensível é a condição de órfãos dos filhos. Sei que deve ter sido muito difícil para Leonor aceitar-se a si mesma, após as acusações íntimas de causadora de minha morte. O influxo das dolorosas vibrações que dela recebi nas Trevas me provocaram inúmeros abalos. No início, considerava o sofrimento como reflexo natural das dores que deveríamos sentir os dois. Depois, percebi que os males me atingiam, quando o intento fora de só prejudicar a ela. A vingança só é deliciosa poeticamente. O que se pretende para o adversário volta-se inteiramente contra o provocador. Aí, dobram as sensações da perversidade e os remorsos parecem não ter mais fim. Veja que essas noções não se encontram no catecismo, preocupado em demonstrar as virtudes como o objetivo último da existência. Os autores, por certo, sabiam que os consulentes conheciam a parte horrível dos vícios e despautérios.

Notei que estava extremamente nervoso pelo volume da oratória. De certa forma, caíra-me a frequência psíquica a níveis próximos dos dias em que estive hospitalizado. Agora, sem o recurso da medicação leitosa.

— Veja, Roberto, que você está sendo capaz de aguentar, até certo ponto, a queda da *pressão arterial*. Perdoe-me a linguagem figurada. Acontece que os seus males provêm do coração...

Honorato propunha-me o enigma para que pudesse derivar o pensamento para outras áreas. Percebi a manobra e agradei-lhe:

— Meu bom avozinho, sem você, estaria perdido!

— Você estaria dizendo exatamente a mesma frase para outro orientador, porque, neste ponto de evolução do processo de cura espiritual, a sua aura está disponível para a aplicação dos corretivos do amor, da benevolência e da misericórdia divinas, dos quais somos meros portadores. Não lhe faltaria assistência, em nome de Jesus.

Não poderia haver incentivo melhor para a recomposição emocional. Dava-me coragem de forma indireta, sem apelos dramáticos, sem rogativas grandiloquentes, fazendo-me acreditar que tudo o que passara desde as regiões infernais contabilizara em méritos, para o enfrentamento dos piores cataclismas morais, sem provocar o ressurgimento das crises da consciência. Era o antídoto mais eficaz para o veneno das incertezas, das dúvidas, da falta de confiança, de fé, de esperança em que Deus é pai de misericórdia e infinita bondade. Punha-me caridoso diante de mim mesmo, para a compreensão das culpas. Notei que criara ânimo novo para o sono da noite e as tremendas revelações do dia seguinte.

Juntei as mãos e roguei-lhe que me abençoasse. Ao invés disso, Honorato me abraçou comovido e nossas lágrimas se misturaram, face contra face. Não sabia por que, mas me parecia que se aproximava o tempo da separação.

## ALEGORIA

Dormi quase imediatamente. E sonhei. Abria o catecismo e o mundo se transformava. Das páginas agitadas por estranhas figuras, saía esbranquiçada névoa que, aos poucos, ia dominando o ambiente. Quando toda a paisagem se encontrava mergulhada na espessa cerração, alguém abria caminho, reclamando muito do ar viciado.

Era Honorato, não o velhinho simpático, que me acendia o desejo de acordar, mas um homem vigoroso, imponente, de gestos firmes e voz impositiva:

— Sou o gênio da cartilha. Por que me chamou?

Queria dizer-lhe que me serviria, por estar sob meu domínio. Se eu quisesse, fecharia o libreto de ouro que refulgia em minhas mãos e ele voltaria ao esquecimento. Considerava-me seu amo e senhor. No entanto, sentia-me fraco, debilitado, dependente. Analisei a situação e concluí que deveria usufruir a presença do mago fantástico.

— A quantos desejos tenho direito?

— A todos e a nenhum.

A voz ressoava na amplidão, cava, grave, repetida em mil ecos.

Enigma transcendental. Se a curiosidade se tivesse na conta de estupidez, de cobiça ou de menosprezo pela importância do revelador existencial, não alcançaria resposta. Compreendia que os desejos seriam produtivos, se me manifestasse com sinceridade, com desapego aos lucros passageiros, com real intenção de valorizar e assimilar as informações.

Muito a medo, ousei interrogar:

— Terá o amigo categoria para ler-me os pensamentos, evitando, assim, incongruentes perquirições repetitivas?

— Lerei o pensamento, se esse for o seu desejo.

A resposta dava-me profunda paz. Pensei em colocar condição para o atendimento, com o intuito de não desperdiçar as oportunidades.

Honorato-gênio explicou:

— Fico-lhe grato por não insistir em que todas as dúvidas sejam elucidadas, a partir de meras preocupações egoístas. Lerei os pensamentos mas só responderei ao que for solicitado em voz alta.

A conversa se tornava interessantíssima. Vasculhei dentro do coração o que mais poderia aproveitar da inusitada oferta. Olhei para o catecismo refulgente e avaliei que toda a teoria cristã se encontrava naquele repositório evangélico. Qualquer coisa que perguntasse redundantemente afastaria o gênio. Imaginei que pudesse ter o poder de materializar os pedidos, apenas não via como fazê-lo compreender que havia sério desejo de aprender. Em todo caso, perguntei:

— Poderá representar-me o caminho que leva ao Senhor?

— Perfeitamente. É por onde todas as criaturas deverão transitar, até que consigam méritos para adentrar no reino de Deus.

Imediatamente, se abriu o nevoeiro e surgiu larga estrada pavimentada na cor rosa, com rebrilhos diamantinos. Perdia-se na distância.

— Poderei caminhar por ela?

— Sem dúvida, apenas deverá conhecer que existe indispensável predicado para não parar de avançar.

— Devo imaginar que o predicado deva ser o amor, porque Jesus nos disse que, para chegar ao Pai, só pelo caminho do amor a ele e aos semelhantes.

Honorato manteve-se calado. Parecia estar contente por ter chegado à conclusão através de meus próprios recursos. Pensei que fosse muito elementar a primeira vitória e fiz a resenha mental das lições do Mestre nazareno. Dois mil anos e a humanidade não conhecia o caminho para Deus.

Ao pensar no desperdício humano, senti-me envolto em halo de profunda amargura. Em torno de mim, a aura enegrecia. Percebi que não estava em condições de seguir adiante. Deveria purificar-me. Contudo, o gênio, impassível, se dispunha favoravelmente a que prosseguisse investigando-lhe os poderes.

— Haveria algum modo de materializar o reino de Deus?

— Há milhares de representações possíveis. Farei o possível para aproximar o quadro de suas aspirações mais sublimes.

A distância, cresceu imenso palácio intensamente iluminado. As paredes, em tons ocre, refletiam o Sol poente, em mesclas escarlates. As janelas faiscavam e as bandeiras coloridas tremulavam ao vento, sobre os torreões medievais. Não havia símbolos religiosos. Em vão procurei uma cruz, que me apontasse o local onde o Pai assistiria.

— Devo concluir que esteja em falta o sentimento religioso, em minha concepção de paraíso?

— Não coloque dessa maneira, para não receber resposta desprovida de significado. Tome cuidado com os reais interesses. Só prosseguirei atendendo-o, meu filho, porque você ignora o que se passa dentro do coração. Do ponto em que nos situamos, não há como divisar o *local* em que estaria o Criador. Vou instigar-lhe a reflexão, colocando o seguinte problema: se Deus é a inteligência suprema, não poderá participar da natureza da matéria, uma vez que deu origem a tudo o que existe. Então, Deus não poderá situar-se em *local* algum, segundo a compreensão humana.

A lógica pareceu-me superior. Espírito perfeitíssimo, Deus não se limitaria às premissas corpóreas. Estava claro, como também estava claro que deveria dedicar-me muito mais às reflexões filosóficas, para obter respostas cada vez mais completas, cada vez mais perfeitas.

Ousei mais um pouco:

— Se é o amor que conduz ao Pai, para que servem as demais virtudes?

Enunciei a pergunta e já me soou absolutamente falsa. Quis emendar, acrescentando que considerava o amor o extrato supremo de todos os conhecimentos morais, mas era demasiado tarde. Honorato principiou dramática demonstração:

— Observe o castelo. Veja que, sem solidariedade, ele se torna deserto.

De fato, tive a sensação de estar sozinho naquela vasta região.

— Sem caridade, as paredes desaparecem.

Ficou apenas estrutura de luz, delineando os ambientes que refletiam as cores.

— Sem fé, quase não sobra nada.

Desvaneceram-se as bandeiras, os móveis, os cortinados, as janelas, as portas. Restou-lhe arcabouço luminoso, esverdeado. A estrada estreitara, adquirindo tonalidade cinza-escuro e se enchera de calhaus. Aos lados, a vegetação se fechou em pontiagudos espinhos. Nada me poderia estimular a trilhar semelhante roteiro. Contudo, o reino lá estava ainda.

— O que sustenta a imagem, caro Senhor?

— Somente a esperança. Quer que reconstitua a visão?

Queria, sim, do fundo do coração.

Súbito, porém, tudo desapareceu e me vi perante Honorato, o simpático velhinho socorrista. Sonhava, tendo a ilusão de estar acordado.

— Continua o meu Professorzinho apto a me esclarecer?

— Por muitíssimo pouco tempo. O aluno está capacitado a reconhecer as tarefas, segundo as orientações do libreto. Não precisa mais de mim. Deve liberar-me, pois, para trabalhos assistenciais a quem esteja em piores condições. Ultimamente, tenho dedicado o tempo a ampará-lo apenas sentimentalmente. Agora, haverá você, querido, de resignar-se a sofrer as consequências morais, sem delíquios, sem expansões vibratórias prejudiciais para o pessoal da colônia, sem outro objetivo a não ser a correção do rumo, no sentido de ir aperfeiçoando-se.

Como por milagre exercido por minha augusta vontade, concentrei-me na figura do conselheiro e transformei-o no gênio, revivendo, em todo o esplendor, o caminho e o castelo. E fiz com que caminhasse em êxtase pela estrada, até perdê-lo de vista.

Desfez-se o sonho e me senti adormecido, absolutamente sereno. Dizia-me a consciência que poderia enfrentar qualquer monstro que se criasse na saleta das projeções da memória. Acendeu-se imensa tela e pude ler, em letras garrafais, o pai-nosso, enquanto um coro de vozes angelicais entoava a canção com que Reginaldo e os colegas haviam agradecido ao Senhor.

Na manhã seguinte, estava rejuvenescido. Olhei para a pele e muitas cicatrizes não existiam mais. Preciso dizer que chorei e que Honorato me encontrou sensibilizado pela misericórdia divina?

## PASSO IMPORTANTE

— Querido amigo, sonhei que estava na hora de você partir. Não sei se me alegro ou me entristeço. Por mim, não me separaria jamais. Que há de verdade nessa premonição?

— Não depende de mim, mas de seu adiantamento.

— Então, vai demorar muito, já que, ainda ontem, estava desequilibrado, absolutamente desorientado quanto a que fazer.

— Mas também temos conversado a respeito da relatividade do tempo.

— Como assim? Será que podemos pular etapas, alcançando progredir mais rapidamente?

— Condensando o tempo, os mentores puderam fazer os alunos se compenetrarem dos temas. Não saltaram nada, porque, segundo a cartilha...

— ... a natureza não dá saltos.

— *Natura non facit saltus*. Isso não vale apenas para o mundo físico. Aliás, por falar em matéria, vamos levantar hipótese de trabalho. Responda-me, depois de refletir a respeito de seus alunos no orbe: aprendiam todos no mesmo ritmo?

A força do hábito ia levando-me a responder que não, simplesmente. Mas percebi que a pergunta poderia conter aspecto capcioso. O ritmo poderia cotejar-se consigo mesmo, ou seja, cada aluno aprenderia sempre de acordo com a própria desenvoltura intelectual. Fui, portanto, um pouco mais longe:

— Se comparados entre si, apresentavam desempenhos muito diferentes. Havia os mais lentos e os mais rápidos. Entretanto, cotejados com o rendimento habitual, seguiam o padrão a que se determinavam desde o início.

Honorato, contrariando os hábitos, sorriu, indicando a fragilidade da resposta. E espicçou:

— Conhece você, por certo, a lenda a respeito do *estalo* do Padre Vieira?

— Dizem que era estúpido. Um dia, ajoelhou-se e rogou por inteligência. Fê-lo com tanta devoção que, a partir daí, passou a compreender todos os problemas que lhe fossem apresentados. Se está sugerindo que havia alunos que me surpreendiam, de um momento para outro respondendo a estímulos para os quais não havia interesse anterior, está perfeitamente certo. Lembro-me de alguns que, perante a reprovação iminente, punham-

se a estudar e logravam evidenciar condições de prosseguirem na série seguinte. Em compensação, outros decaíam por razões pessoais, como morte na família, economia devastada, apego às drogas alucinógenas, separação dos pais, desarranjos menstruais ao início da ovulação etc.

— O quadro está bem formulado. Mas vamos esquecer os aspectos exteriores, os fatores extrínsecos. Vamos pensar no que se passa no cérebro das pessoas. Não é verdade que o crescimento intelectual se dá *pari passu* com o crescimento físico, com quase total correspondência? Sabe por que isso ocorre? É que as partes do cérebro, ao crescerem, passam a se comunicar através de contacto mais estreito. Há infiltrações físico-químicas, há descargas elétricas do magnetismo humano que favorecem o intercâmbio de informações internas. Os neurônios ganham maior mobilidade...

Quis interromper meu avô, pois os conhecimentos dos mecanismos do cérebro não me permitiam *visualizar* as transformações morfológicas:

— Querido mentor, mais devagar, por favor. O meu cérebro ainda não efetuou todas as conexões, para entender esse palavreado novo.

— Digamos que, para bom entendedor, o que disse basta. De resto, quem está verdadeiramente capacitado a compreender todas as circunvoluções do cérebro humano? A ciência na Terra está bem pouco avançada nesse campo. E nós, neste início de aprendizagem, só podemos obter uns poucos rudimentos. Contudo, suficientes para a exemplificação que pretendia.

— Posso resumir, para ver se entendi?

— Vamos lá.

— Assim que a criança tem a cabeça aumentada, os miolos também se desenvolvem e conseguem entrelaçar os campos energéticos, transmitindo informações de um lado para outro. Desse modo, de repente, o que não sabia executar num dia, no seguinte o faz com pleno domínio. Num dia, não sabia caminhar. No outro, se solta. Num dia, não falava. No outro, articula os sons. O que parecia impossível antes, depois se torna natural. E se não apresenta o resultado desejado pelos pais, vai parecer retardada. Mostra-se competente de súbito? Merece louvores de gênio. O tempo não avançou; parece mais ter sido comprimido. Quando demora o aprendizado, o tempo dá mostras de ter sido esticado.

— Se você for escrever este diálogo nos anais da turma, por favor, não se esqueça de dizer que as expressões são francamente populares, sem nenhum rigor científico. Não servem sequer para divulgação entre os mortais menos capacitados, tão materializada está a concepção. Porém, *mutatis mutandis*, acertando o que se deve acertar, está claro que você entendeu a explicação.

Fiquei muito contente pelo elogio, no gesto amorável com que me abraçou.

— Honorato, por favor, esclareça-me o relacionamento do exemplo no mundo físico com a minha atual situação. Pelo que imagino, não tenho conexões mentais para realizar.

— Aí é que você se engana. Todo crescimento, no plano da espiritualidade, decorre de vinculações morais entre os diferentes setores que compõem ou que formam os indivíduos. Quando se aprende que o amor é a estrada que conduz a Deus, imediatamente, a consciência rastreia, como a memória de um computador, todos os fatos

registrados em desarmonia com o conceito novo. E a vontade vai empenhar-se para não mais reproduzi-los. Dá-se a transformação globalizada. Mais para a frente, você irá aprender que o mesmo processo ocorre no âmbito dos grupos de seres de mesma frequência. Daqui a importância do crescimento espiritual conjunto, porque solidário.

Olhei firmemente Honorato dentro dos olhos. Queria ler a mensagem implícita. Desconfiei de que as lições estariam chegando ao fim. Dali por diante, os acréscimos se disporiam no campo dos conhecimentos. A aplicação não poderia mais depender dos estímulos extrínsecos. Adquirira a noção essencial de que o progresso dependeria dos esforços que aplicasse na descoberta da verdade, qualquer fosse o campo em que me enfrasasse. Bastava restringir as comoções, para não afetar o desenvolvimento da aprendizagem. Rigorosamente, estava dispensando a câmara de reflexões e disse-o, sem rebuscos:

— Caro avô, deu-me o estalo de Vieira. Cedo-lhe o tempo para usar na causa de outros necessitados. Não vou dispensá-lo de vez, que não cabe a mim fazê-lo. Mas, se quiser ir, sinto-me conformado. Penso que o gabinete das meditações só poderá servir-me para irradiação mnemônica, com a finalidade de filtrar os acontecimentos a serem examinados friamente. Terei crescido de repente? Acho que não. Sozinho, estaria sofrendo as agruras do bártro. Tudo lhe devo no campo evolutivo. Muito obrigado. Que Deus lhe pague!

Honorato não se deixou embalar por emoções. Sabia em que terreno estava pisando e respondeu-me, como se esperasse a exposição entusiástica:

— Tantas vezes lhe recomendei que não tivesse pressa, observando que, quanto mais devagar, mais rapidamente chegaria. Tudo o que disse você sobre as transformações por que tem passado é absolutamente verdadeiro. Por que, então, não irá ocorrer o que está esperando, ou seja, a minha partida, para cuidar de pessoas mais necessitadas? Porque, meu filho, você não deveria ter dito nada. Deveria ter transmitido mente a mente, com sentimento real de contrição perante a misericórdia divina. No seu sonho, faltava o símbolo religioso. Se tivesse agradecido primeiro ao Pai e depois a este humílimo protetor, despojado dessa incontida verborragia, teria tido tempo (disse *tempo* como se estivesse dizendo o termo mais sagrado do mundo) para perceber a sutileza da vibração mística.

Não estava suscetível a sermões. Tomei a reprimenda como outra das lições supremas de quem se despede. Mas calei-me. Mentalmente, pedi-lhe ajuda para alcançar o benefício do entendimento sublime da noção superior. Não queria desperdiçar a valiosíssima oportunidade. Sabia que Honorato desejava condensar as informações, para que me visse, de um momento para outro, *despojado da incontida verborragia*. Se fosse esperto, íntegro, verdadeiro, honesto, puro, sentimentalmente equilibrado, intelectualmente avançado, moralmente capacitado, espiritualmente sereno, religiosamente confiante, iria preparar-me, naquele justo momento, para receber a notícia alvissareira.

— Roberto, meu filho, você está em condições de prosseguir sozinho. Fique com Deus!

Ajoelhamos compungidos e oramos com muita devoção, agradecendo ao Pai. Honorato nada disse em voz alta. Nem precisava. Nossos pensamentos se entrelaçavam, vibrando no mesmo diapasão, na mesma frequência de ondas. Pela primeira vez, captava

plenamente, inteligivelmente, a mensagem codificada através do fluxo cósmico, sem necessidade de palavras, de linguagem. Não chorei, nem sorri. Admitia a verdade do universo como imanente nas ações de quem se coaduna com as leis e mandamentos evangélicos. Pedi perdão por me julgar tão evoluído e reconheci que não sabia coisa alguma. E fiz a solene promessa de amparar todas as pessoas que havia ofendido.

Quando terminamos a prece, abraçamo-nos de novo. Honorato arrematou:

— Não se esqueça de que Mário lhe passou um dever. Cumpra-o.

E se afastou, lentamente, como se perlustrasse o caminho róseo, em busca do reino de Deus.

## SERENIDADE ELOQUENTE

Adentrei a câmara de reflexões sem ansiedade. Transformara-se a análise do *ego* em estudo isento de emoção. Sabia exatamente qual era o trabalho do dia e me punha com o máximo de boa vontade para realizá-lo, em prol do desenvolvimento da personalidade. Tinha certeza de que todo acréscimo positivo iria redundar em benefício da função socorrista a que aspirava.

Era para sentir os efeitos danosos dos relacionamentos sobre a psique? Muito bem, iria visitar o passado, desde o tempo em que me interessei por juntar-me maritalmente a Leonor.

A época do namoro fora conturbada por descobertas desagradáveis, no campo das experiências sexuais de ambos. Adquiri, mais tarde, a convicção de que nem tudo me fora contado por ela, como também omiti diversos acontecimentos importantes, especialmente a paixão adolescente pela prima Leocádia.

Tais *esquecimentos* não teriam importância, não me acusasse a consciência, mais tarde, de guardar segredos, o que me impedia de cobrá-los.

Simple recordação de conclusões anteriores me indicaram que as pessoas devem manter certos acontecimentos resguardados na memória, mesmo em relação aos mais íntimos, para que possam preservar a identidade psíquica. Todos sabemos o que se passa nos processos fisiológicos. Bem por isso é que não saímos a proclamar que a digestão está sendo fácil ou difícil. Se houver degeneração prejudicial à saúde, há que se procurar profissional médico competente. As patologias com consequências no comportamento é que devem ser motivo de preocupação.

No campo dos relacionamentos afetivos, a exigência de absoluta revelação de todos os incidentes com as pessoas é que deve ser tida na conta de procedimento alienado dos interesses vitais. O ciúme, recrudescido por desejos de domínio sobre o ser que se dá por amor, revela incompetência sentimental, própria das pessoas inseguras.

Essas considerações, eu as fazia, aplicando os conceitos à atitude de posse sobre a esposa. Levantava o quanto havia de aprendizado sociocultural subliminar e chegava à conclusão de que a opinião pública tinha poderosos elementos de estruturação mental, objetivando a defesa dos valores correntes, como forma de manutenção do *status quo*. Contudo, não me abstinha de culpar-me pelos exageros, de sorte que o exame se fazia

ponderado e lúcido. O enfoque da tragédia final demarcava os limites dos excessos e o prisma das múltiplas encarnações abria a perspectiva para a herança emotiva.

Revi a tarde da descoberta da infidelidade. Intrigava-me o fato de não haver investido contra os amantes em pleno ato sexual. Punha-me atento para as misérias psicológicas e percebi que Leonor não se satisfazia plenamente comigo. Imaginei que, se fosse feliz com outro, poderia amar-me mais ternamente. Afastei-me tristonho do local da cena erótica, não por me sentir traído, mas por reconhecer que meu desempenho na vida era inferior. Rapidamente, perlustrei as diferentes situações que exigiam vigor intelectual e me encontrei estúpido, interesseiro, medroso. Se retirasse o tónus pejorativo da expressão, poderia concordar em que era, realmente, *cornio manso*. Quando me sentei à soleira da porta, decretava que o futuro seria acomodado às frustrações.

Refiz o desejo de resolver os problemas pessoais, para implementar as virtudes que me levariam ao socorrismo evangélico, e percebi que evoluíra, significativamente, no campo das deliberações inteligentes e corajosas.

Em breve prece, agradei ao Senhor o discernimento atual e perdoei, de coração, aqueles dois seres. Restava-me saber se fora perdoado, mas isso não se anteciparia em relação à conclusão do curso que frequentava.

Deixei a saleta antes de ouvir o sinal e prossegui a meditar sobre os acontecimentos, pondo de lado a representação imagética. Importava-me com as deduções morais, espirituais. Algum tempo antes, desfecharia contra mim mesmo tremenda descarga de verberações, transformando as atitudes da fraqueza ou as da força em sentimento de culpa. O interesse daquele momento era voltado para as soluções.

Quando recompus o momento terrível do enforcamento, dei por mim perpassando os sofrimentos das Trevas, buscando justificar as mágoas, como feridas provocadas no amor-próprio pela incompreensão de como se dá o entrelaçamento afetivo entre os seres que se deveriam amar.

Cheguei a reproduzir, um a um, os impropérios que atribuí a Leonor. Não me pareciam já a manifestação da dor ou do ódio da esposa. Poderia ser, como também poderia não ser. Consignar como vibrações prejudiciais da parte dela, estava verificando ser mera precipitação.

Concentrei-me na possibilidade de todo o castigo provir da consciência. Eliminava, desse modo, a existência de local, no mundo objetivo, onde os espíritos em falta para com as leis do amor, do progresso e da solidariedade sofressem o revide justificado dos agredidos, em ondas vibratórias dolorosíssimas, porque de mesma frequência. Se tinham tais verberações o mesmo teor, por que não caracterizá-las como resultante da mesma concepção errônea que me levava ao suicídio?!

Por mais que me estivesse incrustada na mente a ideia de que me matara para ferir Leonor, tinha de reconhecer que me voltara contra mim mesmo, na constatação permanente de ter fracassado na vida. Punha na bebida e nas condições sociais adversas a responsabilidade pela vertiginosa queda, chegando ao cúmulo de acreditar-me o anjo vingador das *Escrituras*. Esquecia-me da existência como dádiva do Senhor. Materializara-me absurdamente e fizera de mim o que deixara escrito no código genético a partir da formação espiritual, da qual não soubera fugir.

Para superar a perspectiva de novos insucessos em encarnações vindouras, teria de compreender as causas últimas do procedimento, desde tempos muito antigos. Mas essa compreensão não necessitaria ser ilustrada pelos vídeos da memória. Bastava-me saber que as pessoas que me rodearam deveriam ter recebido assistência, na qualidade de familiares e de amigos. E essa tinha sido a pior parte de meu desempenho. A rigor, cheguei a pensar, o suicídio não recebera penalidade alguma. Todo o sofrimento deveria imputar pela sofreguidão com que desejei impor-me a todos.

Analisei o sonho em que determinava a morte de tanta gente, inclusive de familiares. Poderia ser a recordação de outro encarne ou a alegoria de como tratei, concreta ou mentalmente, os entes com quem convivi em época recente. De qualquer modo, a atitude de mando, que havia visto refletida na docência, é que causara todos os transtornos. Precisava aprender a humilhar-me perante a vontade de Deus, para fazer viger a verdade nos relacionamentos.

Teria amado a esposa e os filhos? Teria amado os pais e os irmãos? Teria amado Leocádia e as outras? Teria amado os alunos e os companheiros? Teria amado a vida e a humanidade? Teria amado a Deus sobre todas as coisas?

O toque do sinal me despertou para a próxima etapa do dia. Quem sabe os amigos, os irmãos de grupo pudessem esclarecer-me. Notei que, espontaneamente, não requisitara a presença de Honorato. Graças a Deus!

## FORMULAÇÕES EVANGÉLICAS

A turma se reuniu extremamente alegre. Dos seis orientadores pessoais, quatro tinham deixado os pupilos entregues a si mesmos. Restavam os conselheiros de Doroteia e de Aristides.

Notei que ambos logo perceberam estar em desvantagem, embora se empenhassem por não demonstrar. Penso que devam estar supondo ter escondido muito bem o desapontamento. É que começávamos, os demais, a observar a coloração da aura, variável de acordo com os sentimentos. Há muitos encarnados que demonstram insatisfação, dor, aborrecimento, indisposição moral de forma clara, traduzindo, na fisionomia, as reações psíquicas. Mas há também os que disfarçam com perfeição. No etéreo, só é fácil de esconder as emoções para quem se reja por idêntico padrão vibratório ou para quem tenha menor desenvolvimento espiritual.

Dava as explicações, como se conversasse com Honorato. Mas era eu mesmo quem explorava os conceitos. Habituar-me ao conversar íntimo, recebendo as respostas insufladas telepaticamente por meu avô. O procedimento persistia, mas quem falava comigo era a consciência, no papel de *alter ego*.

Os quatro apaniguados pelos melhoramentos recentes arrefeceram a demonstração de alegria e propuseram-se, silenciosos, a ajudar os dois menos felizes.

Mariana quis introduzir o tema de modo sutil, para não emocionar os outros:

— Esperamos, desde ontem, uma explicação de Roberto. Alfredo havia suposto que o drama talvez lhe fosse muito forte. Entretanto, como Honorato não se encontra presente, posso imaginar que o amigo se tenha desvencilhado do sentimentalismo pueril...

— Perfeitamente, cara amiga. — Compreendi que desejava que eu interferisse. Se desenvolvesse o tema da puerilidade emotiva, certamente afetaria os que se faziam acompanhar dos mentores. — Posso, se quiserem, relatar todas as contrariedades de minha vida conjugal. Peço-lhes, porém, que confiem em que tenha ultrapassado a fase de sofrimento. É que, para relatar os fatos, deverei envolver outras pessoas que também falharam na vida e isso não irei permitir-me. Pensam que só vocês é que podem observar os dizeres dos outros? Eu também fui sagaz o suficiente para notar que todos evitaram fazer acusações. Em suas descrições, falaram somente dos males que praticaram. Não se referiram pejorativamente a nenhuma outra pessoa.

Não esperei o efeito dos comentários e prossegui:

— Arrojé-me de cima da árvore, com a corda no pescoço, porque pretendia ferir os que julgava terem sido meus algozes morais. Mas essa foi a desculpa que dei a mim mesmo, naquele momento culminante e durante muito tempo, nas andanças pelas Trevas. Alfredo, mais experiente, sabia que eu não estava preparado para contar as desventuras. Mas Honorato conseguiu fazer-me ver a necessidade de melhorar o padrão dos sentimentos, em função das lições que todos estamos recebendo há cerca de três anos.

— Bendito catecismo! — Era José, caracterizando a fonte de meu arrazoado.

— Se estiverem satisfeitos, poderemos iniciar os debates a respeito das conclusões morais inadiáveis, já que temos sério compromisso com a assembleia.

Doroteia, titubeante, quis manifestar-se espontaneamente:

— Meus amigos, minha irmã, conselheiros. Quero pedir perdão a todos por estar sendo peso morto no grupo.

Aristides estendeu a mão e pegou-a pelo pulso:

— Fale também por mim, querida.

Ambos se encararam, olhos lacrimejantes, como se se amparassem mutuamente.

Mariana tirou um lenço do bolso e passou a Doroteia:

— Se você quiser chorar, chore, mas não perturbe o ambiente sereno. Se não quiser ter dó de si mesma, devolva o lenço, que só pretendo usar para as lágrimas da alegria. Você não acha que sofreu demais nessa peregrinação horrorosa pelo Umbral? Respeite a obra do Criador e seja durona consigo mesma, como estou sendo eu.

Aristides fez um gesto de impaciência, mas a ex-enfermeira foi categórica:

— Você também, Aristides, mantenha-se impassível perante a dor. Não dê sustentação lacrimosa à companheira infeliz.

— Mas...

— Nem *mas* nem *meio mas*. Exerço o meu direito de vigilante dos sentimentos desprovidos de motivação. Estou categorizada pelos demais a chamar a atenção dos que hesitam e perturbam o grupo. Não foi o que se combinou na última reunião geral?

Não havíamos designado ninguém em votação específica. Mas, assim que Mariana percebeu que os companheiros iriam desandar emotivamente, consultou os demais e recebeu de nós a incumbência por meio da linguagem áurica.

Pretendi dizer algo relativamente à necessidade de conformação às regras estabelecidas pelo próprio grupo, mas Alfredo se antecipou:

— Sei que os amigos estão envergonhados por se fazerem acompanhar dos benfeitores. Temem que estejam atrasados mas não se esforçam por melhor compreender as lições. Ambos se fazem de mártires, porque não conseguem ver razão para que o castigo persista. Afinal de contas, suicidar-se por estar condenada pelo câncer ou por ter sido surpreendido roubando para comer deveria ser segura atenuante. Não é assim que pensam? Pois estão errados. Fugiram do compromisso maior da vida, deixando de fazer o máximo que podiam.

José contemporizou:

— Vejo que temos dois vigilantes e não apenas um. Pobres amigos! Mas não devem ficar preocupados. Agora, vocês estão tendo mais quatro guardiães para ajudarem no aproveitamento das lições. Vamos abandonar o roteiro do Professor Mário, mesmo que

nos atrasemos. Não tem importância. Apanharemos o próximo ônibus para a redenção. Não faltarão oportunidades de integração em outras turmas. O importante é progredirmos juntos.

Não me contive e, ex-abrupto, participei, falando rápida e claramente:

— Vinha com o intuito de pedir aos irmãozinhos que me auxiliassem a decifrar o mistério do amor. Perguntava-me a mim mesmo se havia amado alguém na vida. É que não sabia caracterizar o amor. Mas as explicações todas acabam de ser dadas, enfaticamente, cabalmente, por todos. Amar é preocupar-se pelo outro; é responsabilizar-se pelo crescimento alheio; é sacrificar-se, sem esperar reconhecimento. Se Mariana, Alfredo e José expuseram, de forma categórica, três aspectos desse desprendimento essencial, Doroteia e Aristides também se propuseram ao auxílio, quando intentaram dizer-nos que não estavam à altura do desenvolvimento dos outros. Por mim, concordo plenamente com José em adiar, indefinidamente, o curso, até que todos estejamos integrados nos mesmos ideais evolutivos. Se não atendermos às necessidades dos mais próximos, que socorristas iremos ser? Perdoem-me a sofreguidão. Deveria falar macio como Honorato, para dar a impressão da ponderação e do equilíbrio. Sinto-me, porém, perfeitamente cômico dos impulsos e valho-me da oportunidade para inquirir se minha aura está apresentando algo que não seja o verdadeiro interesse em acertar.

Aristides havia parado de soluçar e olhava espantado para mim. Queria dar testemunho de que sua visão se aperfeiçoara:

— Ouvi com extrema acuidade tudo o que se disse na reunião. Sabem os amigos que o tiro que dei no ouvido me afetou seriamente a audição. Aprendi, todavia, que não devo lamentar o mal que cometi. A sua aura, Roberto, está a indicar que Doroteia e eu devemos permanecer serenos e confiantes. Vejo reflexos róseos e azuis. Não posso interpretar se são cores de qualidade moral superior. Mas lhe garanto que me transmitem muito amor.

Doroteia não disse nada. limitou-se a levantar-se e a me abraçar com força. Observei que estremeceu, mas não senti revolta ou sofrimento. Beijou-me no rosto e fez o mesmo com os outros quatro.

Aristides nos apertou efusivamente as mãos.

Quis acrescentar que estaria muito perto o dia em que iriam despedir-se dos orientadores, mas me calei, lembrando-me da lição do tempo concentrado e do agradecimento ao Pai. Pedi para fazer a prece de reconhecimento da misericórdia divina. Todos se recolheram espiritualmente e endereçaram pensamentos de muito respeito pela instituição que nos acolhia para o bem e para o progresso.

— Pai, estamos diante de vós para depositar a vossos pés as primícias do que colhemos. Sabemos que não temos condições de exprimir em palavras os sentimentos de alegria e de conforto moral, por acreditarmos que estamos muito longe do primeiro degrau da escada que leva ao vosso reino de amor. Pedimos que nos abençoeis, porque vossa graça irá propiciar-nos força, coragem e discernimento para seguirmos juntos, nesta fase importante da formação espiritual. Aceitai esta prece e enviai os vossos mensageiros ao Planeta, ao Umbral e às Trevas, para o resgate das pessoas que magoamos, pecadores que somos.

Não sabia como prosseguir e encerrei com o tradicional *assim seja*, envergonhado pela oração desgraciosa. Quando levantei os olhos para a plateia, fiquei surpreso de ver reunidos os seis protetores, concentrados em pensamentos que se irradiavam refulgentes, abarcando os pupilos, impondo-nos respeito e contrição.

Não saberia definir quanto tempo absorvemos os eflúvios regeneradores que emanavam. Posso dizer que estava em êxtase, como nunca me ocorrera antes. Se não era o prenúncio da eterna felicidade, estava bem próximo disso. Aos poucos, foram atenuando-se as impressões de superior estabilidade emocional e retomei o peso do corpo, com suas cicatrizes visíveis.

Saudei meu avô, que correspondeu ao aceno com sorriso de imensa compreensão. Reunidos os conselheiros, cada qual endereçou palavra de adeus aos pupilos e todos se retiraram, deixando-nos sós, com a obrigação dos estudos. Doroteia e Aristides haviam, enfim, obtido o alvará para caminharem sozinhos, ou melhor, na companhia do pequeno grupo.

Mariana fez o comentário que todos desejaríamos externar:

— Eis como é que se ama ao Pai sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo. Qualquer dia, chegaremos lá. O que temos pela frente, agora, é mais uma reunião geral. Será que todos terão novidades como as nossas?

Quando ingressamos no amplo salão, notamos o Professor Mário rodeado de todo o corpo docente da ***Escolinha de Evangelização***. A classe havia vencido a primeira etapa do curso.

## AS NOVAS TAREFAS

Pareceu-me que o respeito da turma pelos mentores e professores havia crescido. Não havia displicência nas atitudes e todos nos organizamos na fileiras rapidamente, como para não perdermos nenhum momento do tempo disponível.

Mário assumiu a responsabilidade dos esclarecimentos:

— Queridos amigos, folgamos os professores com o avanço da turma. Não se bateu recorde algum de desempenho, mas devo dizer que estes últimos três meses...

Honorato não estava presente, para que me pudesse explicar como é que alguns dias pudessem ter sido tão esgarçados. Aliás, não havia um só conselheiro. Tive tempo de observar que todos os colegas lá estavam. Éramos quarenta. Continuávamos quarenta. Oito fileiras de cinco.

Como se estivesse esperando que o grupo se ajustasse à informação, Mário retomou as explicações:

— ...estes últimos três meses foram de grande aproveitamento. Com certeza, a muitos deve ter parecido que o tempo medido não correspondeu à impressão da rapidez com que passou. Seres mais adiantados nos conhecimentos diriam que o decurso englobara muitos anos. Para Jesus, teria sido uma eternidade. Se alguém teve a real impressão de três meses, parabéns. Diríamos que está em compasso harmônico com o desenvolvimento exterior.

O Professor fez um gesto indicando os colegas e acrescentou:

— O corpo docente da **Escolinha de Evangelização** agradece a lembrança do convite para as reuniões deliberativas sobre a metodologia de ensino e sobre as atividades curriculares, entretanto, à vista do crescimento verificado desde a última sessão, recomenda que tais providências sejam esquecidas, por desnecessárias. Como veremos, as tarefas diversificar-se-ão, conforme o nível de conhecimentos dos alunos. Não podemos ignorar o fato de que existem os mais aplicados e os menos aptos. Iremos recompor os pequenos grupos, impedindo que se juntem os mesmos de novo, para que todos tenham oportunidade de conviver com todos.

Não posso dizer que houve *onda de desagrado*, mas pudemos sentir que muitos emitiram vibrações de insegurança. A impassibilidade dos docentes, contudo, obrigou os mais contrariados a se concentrarem nas razões que os levaram a rejeitar a ideia, sem considerar os objetivos maiores da instituição.

Eu não tinha motivos para me considerar diferente, mas aplaudi a determinação, interessado em participar do mesmo grupo do tenor Reginaldo. O que me deixou afetado negativamente foi a possibilidade de me encontrar face a face com o revolucionário Onofre.

Tendo avaliado as preferências dos alunos, Mário ponderou:

— Se estivessem no meu lugar, iriam atestar o fenômeno dos agrupamentos naturais. As suas auras puderam ser lidas, quanto às preferências e rejeições. Poderíamos elaborar o próximo sociograma diretamente pela vontade de todos. Contudo, havemos de seguir as diretrizes do curso, que determinam a associação dos integrantes da turma segundo padrões de adiantamento. Ao retornarem para os dormitórios, seguirão a numeração que lhes está sendo passada telepaticamente. À vista do resultado dos novos conjuntos, aposto que haverá surpresas agradáveis e desagradáveis. Alguém deseja observar?

Onofre, sempre Onofre, manifestou-se.

Mário lhe passou a palavra.

— Não tenho de reclamar das oportunidades de encontro, segundo o desejo do Professor...

Mário interrompeu:

— Pela ordem...

— Pela ordem...

— Não conta o desejo do professor. As normas estão estabelecidas e serão cumpridas. Não haverá revisão das regras, a menos que o grupo se manifeste solidariamente desfavorável.

Onofre não se perturbou. Sabia que Mário era capaz de resumir as opiniões pela leitura áurica e conformou-se:

— Perdoem-me o hábito de inculpar as pessoas. Vou ter de aprender a considerar as oportunidades de encontro pacientemente, até que os meus preferidos venham a formar comigo na mesma equipe. Obrigado.

— Há quem queira objetar?

Não me contive:

— Não quero, realmente, dizer o contrário do amigo Onofre. Mas vou oferecer um tópico de minhas experiências. Confesso que rejeitei o colega, quando pensei nele no meu grupo. Contudo, a ideia me espicçou para o inverso, ou seja, opondo-me ao sentimento espontâneo, refletindo sobre o tema, percebi que, principalmente, deverei estar junto do instigador de revoluções...

A aura de Onofre exteriorizou ondas de satisfação pela descrição psíquica.

— ...para aprender a admirar e a respeitar o amigo. Diria corrigir-me pela sua influência ou corrigi-lo pela minha, mas não quero precipitar conclusões.

Mário cedeu a palavra a Reginaldo.

— Quero agradecer os eflúvios de aceitação da classe. Fico constrangido ao dizer que mais de noventa por cento dos colegas desejaram trabalhar comigo. Como sei? Mário me informou, para que pudesse avaliar o grau de desenvoltura social que adquiri. Espero fazer jus a tanta amizade.

À vista do desinteresse dos colegas pelo uso da palavra, o Professor reassumiu o comando:

— O próximo passo da turma será o atendimento moral de grupo ingressante. Farão o papel de conselheiros. Não se assustem, porque se trata apenas de oferecer os subsídios para a compreensão dos dizeres da cartilha.

Percebi arrepio de susto a varrer o ar do ambiente. Mário sorriu francamente:

— Perdoem-me a falta de jeito. São entidades que regressaram da Crosta recentemente, tendo permanecido bem pouco tempo no Umbral. Não há nenhum assassino ou suicida entre eles. São pessoas pacatas, sensíveis aos mandamentos do Mestre, algumas com conhecimentos superiores de teologia, de medicina, de física, de música. O que se espera dos instrutores é que conduzam as explicações para o campo do respeito às leis naturais, sem conflitos com arraigadas concepções mundanas. Isto nos traz a importância da presença aqui dos professores. Vocês, por certo, estarão desejosos de verem esclarecidas muitas dúvidas. É normal. Assim, abram espaço para os mestres, pois ficarão juntos, dois a dois: um mentor para cada aluno.

Não esperávamos por assistência pessoal. Pensávamos, conforme rapidamente nos informamos, que iríamos meditar, debater em pequenos grupos e reunir-nos em assembleia. A novidade era graúda.

Desconfiei, logo, de que os orientadores iriam testar as habilidades de cada um, para a aproximação do assistido ideal. E disse a Homero, antes de mais nada.

— Roberto, esteja certo de que não levaremos ninguém a deparar-se com tarefa superior à capacidade. O desempenho dos instrutores é responsabilidade de quem os indicar e isso nos torna cuidadosos. Prefere você o sistema de perguntas e respostas ou posso fazer digressão geral, respondendo aos incrementos de seus interesses?

Calei-me, a ver se conseguia transmitir que desejava que fosse devagar, no meu ritmo.

— Muito bem, o amigo irá defrontar-se com as dificuldades iniciais de quem se vê às voltas com mister desconhecido. Haverá período de adaptação em que o grupo simulará o aconselhamento doutrinário, imaginando as personalidades dos futuros orientandos. É tarefa lúdica, agradável, mas deverá ser levada a sério. Tenho-lhe a ficha, onde consta que o interesse por aprender é elevadíssimo. Sem ser indiscreto, há indicações para a monitoria, se vencer a etapa seguinte com perfeição. Dentre os da turma, foi o que melhor compreendeu a necessidade de silenciar, perante os obstáculos, aguardando que as soluções fluam do amor do Pai e o discernimento, da verdade. Futuramente, todos os alunos serão levados a redigir a respeito dos acontecimentos em que se envolveram durante o processo de aprendizagem, desde o resgate, nas Trevas. As presentes instruções deverão ficar registradas indelevelmente, para que resultem em indicação de experiências aos leitores, do ponto de vista de terem sido bem ou mal aproveitadas. Quanto a ser modesto ou imodesto, não dependerá do que escrever mas do nível de adiantamento do leitor beneficiado. Faça-o o mais tecnicamente possível, da mesma forma que se dedicar a ajudar o seu pupilo. Estou reconhecendo que o seu influxo de interesse não se prende ao temor de fracassar, perante o novo desafio. Quanto aos colegas, estão, pelo que sei, desenvolvendo tópicos muito diferentes, cada qual dispensando ao tema a atenção

possível, segundo as personalidades. Eis a razão de estarmos dando instruções particulares. Assim que se reunirem, haverá troca de informações.

Homero notou que havia interrogações em meu espectro mental para as quais não poderia oferecer respostas. Mas esclareceu:

— O momento do reencontro com os familiares irá tardar um pouco. Sem desejar ser indelicado, espero que reconheça que o afastamento deles foi você quem provocou. Tal é a premissa da dor de todos os do grupo. Haverá tempo para dedicação extracurricular, em círculo diferente do encaminhamento redacional dos internados. Sugiro que busque ler as mensagens dos antecessores, adiantando as lições da terceira etapa. Se conseguir ler dinamicamente, absorvendo os pensamentos, discutindo-os racionalmente, poderá buscar as obras dos autores consagrados, levadas ou não ao conhecimento dos encarnados através dos processos mediúnicos. Esse será outro ponto importante a ser considerado programaticamente.

Homero fez uma pausa, enquanto eu meditava a respeito do que dissera a Onofre. Temeroso, gostaria de saber como lhe repercutira a atitude. E lhe pedia desculpas, por não saber conter-me, humilde.

— Roberto, a fase pela qual passam os do grupo não é propícia a que se tenha certeza das reações intelectuais, emocionais ou morais. Há nível de expectativa muito forte pela aprovação de todos os atos. De certa forma, os alunos, nesta altura, como que retrocedem à idade escolar, aspirando aos elogios e às recompensas dos mais velhos. Você deve meditar a respeito disso.

Lembrei-me do comportamento dos seis anos. Senti que persistia. Precisava livrar-me das cintadas, mas provocava recriminações ainda mais contundentes, apesar da lhanura de trato do mentor. Vi o quanto estava ele distante espiritualmente de mim e lhe agradei a boa vontade, solicitando que me desse *passé* magnético para arrefecimento da perturbação.

Homero me olhou com ternura e disse:

— Fique em paz, irmão. Jesus está com os que querem, de coração, melhorar, para poderem contribuir. Não vejo dificuldade que não possa enfrentar e vencer, se mantiver o ritmo crescente de trabalho. Conte comigo, quando estiver liberado para a visita aos parentes e amigos. Deus nos abençoe a todos!

Quando devolvi os olhos para a sala, vi que estava quase deserta. Havia poucas duplas confabulando. Mário não estava. Lembrei-me do número do novo alojamento. Quem estaria à minha espera?

## O NOVO GRUPO

Quando adentrei o ambiente alegre da turminha, fui recebido com muito agrado.

— Chegou quem faltava!

— Viva o nosso Professorzinho querido!

— Os bons, para serem melhores, só com o amigo Roberto!

Reginaldo se levantou e veio apertar-me a mão, abraçando-me afetuosamente. Fora dos poucos que prescindiram das instruções redacionais, de modo que não o conhecia de perto. Três outros eram velhos conhecidos.

Valdemar, mecânico como José, trabalhara em companhias de aviação. Um dia, aborrecido com o fato de ter recebido a notícia de que iria ser processado, juntamente com a empresa, por ter caído uma aeronave, cheio de problemas familiares, decolou e despencou. Correu a notícia de acidente, porque pensaram que estivesse realizando testes. As missas o puseram desesperado. Passou a refletir na verdade da determinação teológica de se considerar irremediavelmente perdido quem apaga a vela da própria vida.

Maria, como Doroteia, fora modesta dona de casa. Também sofrera muito com a saúde, sem, contudo, contrair doença letal. Mas incapacitara-se para vida ativa, tendo sido sexualmente desprezada pelo marido. No início, aceitou que tivesse ele atividades extraconjugais. Chegou mesmo a reconhecer muito mais afeto e carinho no esposo. Quando, porém, descobriu que sua irmã era a predileta, arranjou um revólver, com o propósito de matar os dois. Esperou o momento do enlace amoroso e se apresentou, anjo vingador, para pôr fim ao incestuoso romance. Não teve coragem. Voltou a arma contra o peito e disparou. O que mais lamentava, quando entendeu as premissas do resgate, era a necessidade de reencarnar, possivelmente com problemas no coração. Por isso, prometera estudar muito, para ver se conseguia respaldo intercessor, a fim de cumprir todas as obrigações cármicas no etéreo.

João sempre fora esquivo na apreciação das vicissitudes. Não gostava de falar de si mesmo. Mas estava diferente. A etapa anterior do curso fizera-lhe muito bem. Foi ele quem fez questão de esclarecer:

— Agora que estamos todos, devo demonstrar aos companheiros que assumi inteiramente a responsabilidade pelos malfeitos terrenos. O que sabiam de mim, especialmente o caro Roberto, que, malandramente, me dava temas pessoais para desenvolver, era que me havia jogado do alto da ponte. Sim, mas não morri pela queda.

Morri afogado, porque não sabia nadar. Debati-me muito para me livrar da água, arrependido em vida do ato tresloucado. Isso é que me pôs excessivamente pesaroso, pois fui arrastado ao Umbral na qualidade de suicida, sem que se levasse em conta o desespero da última hora. A causa de me arremessar para a morte é irrelevante. Fora simplesmente tédio. Desde criança, era um rebelado, mas sem causa. Se quiserem comparar-me ao Onofre, irão estabelecer a diferença quando souberem que me drogava regularmente. Morri jovem, imbecilizado pela cocaína. Isso fez com que acordasse aqui apenas pela metade, sempre com a mente confusa. Graças a Deus, tive o apoio dos familiares, que se tornaram espíritas e pediram que houvesse intercessão pelo meu restabelecimento.

Apesar da vivacidade do relato, cansamo-nos, já desacostumados ao episódico. João percebeu a reação da turma e concluiu:

— Tenho as rédeas na mão do que me levou a essa situação de inferioridade. Qualquer dia, iremos ver que lições poderemos extrair desse encadear de causas e efeitos.

Restava conhecer a quinta figura. Era uma morena alta, puxando para o mulato. Mantinha as esplêndidas formas femininas com que seduzira muitos corações. Marlene, nome de guerra, escondia o Sebastiana do batismo e do registro do morro, em cuja favela nascera, filha de português enamorado por crioula clara. O pai tinha aspirações a rico mas permanecia residindo miseravelmente, mercê de empório, onde vendia toda espécie de produtos. Por mais que a conta no banco crescesse, não se abalanchava a mudar de vida. Um dia, assassinaram-lhe a esposa e o português, com medo, voltou para a terra natal, abandonando os filhos. Marlene se deixou conduzir pelo proxeneta que controlava o meretrício na região, para quem rendia bom dinheiro. Aos dezoito anos, quatro depois de ter caído na vida, em plena refulgência carnal, apareceu nos estúdios cinematográficos de famosa companhia, participando, imediatamente, das filmagens de *pornochanchada*, como bailarina exótica. O disfarce da maquilagem não foi suficiente para esconder-lhe os traços, tendo sido reconhecida pelo antigo patrão. Precisou fugir do Rio, aparecendo nas boates de São Paulo, em espetáculos pornográficos. Foi requestada por rico cavalheiro e manteve-se fiel a ele por três anos. Mas acabou sendo descoberta pela família do amante. Jovem, não teve estrutura psíquica para enfrentar, de novo, a vida no meretrício. Tentou várias profissões, em todas precisando valer-se dos encantos físicos para conseguir alguma coisa. Adquiriu doenças venéreas e não se tratou, ignorante e sem orientação. Acabou nas malhas da lei, tendo sido estuprada várias vezes, nas delegacias de polícia. Quando soube que a irmã mais nova havia sido presa por tráfico de droga, voltou ao Rio armada. Daria cabo da vida daquele que a explorara. Mas não precisou arriscar-se. O traficante fora morto por rivais. Escreveu ao pai, através da Embaixada de Portugal. Não obteve resposta, embora tivesse logrado o endereço. O mais foi uma loucura de subir e descer, no morro e na vida. Aos quarenta e um anos, com três filhos de pais diferentes, o corpo arruinado e a saúde em frangalhos, comprou soda cáustica, ministrou aos pequenos junto com a comida e ateou fogo na casa.

Ao surgir do outro lado da realidade, estava desfigurada. Se eu me considerava em frangalhos carnis, a irmãzinha, esturricada, não passava de molambo flácido, verdadeira esponja negra a perambular pelas Trevas, carregando os corpos idealizados dos filhos.

A história da recuperação mereceria narrador de maiores recursos. Diante do grupo, voltara à carnação vigorosa dos dezesseis anos, com a madureza intelectual dos quarenta.

Estranhei que não passara pelas minhas aulas elementares, no hospital.

— Caro Professor e demais irmãos, mantenho-me *colored* por deliberação íntima, até que possa reunir-me aos filhos, aos irmãos e, principalmente, a mamãe. Sei que sou a única presente com conhecimento de duas vidas pregressas, nas quais desfilei com pele rosada e cabelos louros. Dona de escravos, pratiquei todas as ruindades próprias da riqueza depravada. Mas tive educação e sou capaz de me expressar graficamente tão bem como qualquer escritor moderno, o que não é grande vantagem. Vejam que lhes passei toda a minha história, sem precisar exercitar as reflexões filosóficas, apoiada, naturalmente, no conhecimento evangélico que todos desenvolvemos. O que me resta suplantar, como não é difícil de supor, é persistente e incrustada imodéstia. Sufoco os sentimentos através de forte imposição intelectual. Estejam certos de que, apesar da desenvoltura perante a plateia, sou a menorzinha dentre todos, apaniguada pelo Professor Mário para prosseguir aprendendo com quem obteve os melhores resultados. Estou certa, pois, de que não os envergonharei e me dedicarei integralmente a conquistar autodomínio, no campo das sensações.

O discurso, ao contrário da exposição do colega João, absorveu-nos por completo. O infeliz narrador protestou, bem-humorado:

— Tenho certeza de que, se minha presença fosse tão deslumbrante, todos iriam prestar mais atenção em minha história.

Valdemar também participou das brincadeiras:

— Com um *avião* desses, iria pousar bem longe do local onde caí.

— Isso me lembra todas as árias de amor das óperas. Cuidado, filha, que você não está a salvo de ser *cantada*. — O tenor sentia-se obumbrado pela fascinação causada pela amiga.

Humildemente, tive de reconhecer que nada poderia ensinar a tão brilhante e loquaz criatura. Ficara eu, deveras, nas primeiras letras.

Foi Maria quem pôs um ponto-final nas apresentações:

— Se parecer inveja, paciência. Precisamos, contudo, pensar em nos prepararmos para a próxima fase dos trabalhos. Marlene, caríssima, por favor, ajude-nos a concentrar-nos, orando ao Senhor para que nos abençoe.

Fiquei a pensar se tínhamos competição entre as almas femininas. Devo dizer que o pensamento me estimulou a desvendar-lhes os segredos de formação. Eu era absolutamente másculo e não atinava com as combinações metafóricas que realizavam o ideal das mulheres. Mariana e Doroteia me haviam dado pistas, porém, Maria e Marlene traziam a experiência das reflexões formuladas. De repente, me vi envolto em séria desconfiança. E se a entidade que me fosse destinada para orientar fosse do sexo feminino?

Ao final da prece, estava seguro de que aconselharia a prima Leocádia. Se assim viesse a ser, ficaria alegre ou triste? Queria levantar o problema mas o sinal encerrou a reunião preparatória e indicou que estava na hora de me dirigir aos pobres alunos de redação.

## PRELIMINARES

Sem a constante presença de Honorato, ganhava mais tempo para estudos particulares. Se o instrutor me poupou muito trabalho de pesquisa, também me inibiu a desenvoltura. Claro está que, anteriormente, não tinha condições emocionais para percorrer a biblioteca. Por isso, não reclamava mas sentia pontinha de mal-estar, vendo tantos companheiros liberados para...

Suspendia as reflexões sentimentais, diante do impasse da falta de perspectivas. Que temas primordiais me chamariam a atenção, se sabia o catecismo de cor? A base teológica, doutrinária ou filosófica estava estabelecida. Não punha dúvida em que tudo o que se registrara na cartilha era fundamental e verdadeiro. Quando estava ministrando os rudimentos da redação aos infelizes recentemente recolhidos do Umbral, me veio a ideia de estudar a linguagem literária. Pobre professor, ou melhor, mestre-escola, não lera obras importantes. Ficara em dois ou três romances naturalistas e, assim mesmo, deixando de lado as longas descrições, querendo saber logo como se desenrolava a ação, dedicando-me às partes mais *cruas*, mais *verdes*, para estímulos não propriamente estéticos.

Assim que me vi livre da atribuição noturna, dirigi-me ao centro de estudos, para saber como poderia realizar o aprendizado.

A pessoa encarregada do encaminhamento dos novatos deu-me prospecto da organização do departamento e me atribuiu um número de código, para as consultas. Não havia sala de leituras. O consulente digitava os números e letras correspondentes à obra de interesse e a recebia, dez segundos depois, no setor de entregas. O que me surpreendeu foi o fato de que poderia receber livro impresso, simplesmente, ou disquete, para introduzir no computador que todos possuíamos nos alojamentos, ou fita, para que a obra se reproduzisse na tela da televisão, que também tínhamos.

A maior parte das obras poderia ser apreciada do ponto de vista do autor, ou seja, a representação mental vinha impressa no disquete, em diferentes versões, segundo as edições revistas. Quase todas, conforme esclarecia o texto, continha a lição definitiva, redigida no plano espiritual, onde se informavam as razões das emendas.

Não esperava tanto. Queria algo técnico, como se fosse possível ensinar alguém a ser escritor. Não encontrei na relação nada que se assemelhasse ao que supunha ser o bê-á-bá da literatura. Também não queria obras alentadas sobre a história da escrita literária.

Estava para desistir, quando, ao final das instruções, havia importante anotação:

*Se o consulente não encontrou o que desejava, acione a tecla **ajuda**.*

No painel em que se encomendavam as obras, encontrei o botão assinalado. Acionei-o. Quase imediatamente, apareceu-me solícita entidade, propondo-se a ajudar-me. Expliquei o que desejava. Sem dar resposta verbal, acionou o aparelho e me fez sinal para que aguardasse.

Enquanto esperava, olhei ao redor. Havia vários colegas de turma retirando obras. Sorriam para mim mas não se detiveram para prosear.

Chegou a encomenda. Era uma fita. Título: **A Arte de Escrever em Dez Lições**. Julguei que houvera engano, que a obra era elementar demais. Em todo caso, aprendera a calar e a julgar somente após verificar os fatos. Não fora assim que Mário introduzira o sentido do conhecimento, com aquele pozinho azul?

No dormitório, coloquei a fita no aparelho e preparei-me para assistir a monótono filme a respeito das técnicas de como mergulhar o protagonista em crise vital. Entretanto, a apresentação do conteúdo foi surpreendente. Em rápida sucessão de imagens, mostraram-se dezenas de escritores, quando crianças, a ensaiarem as observações do mundo. Havia os que sofriam, os que se divertiam, os que gozavam, os que se angustiavam, os que demonstravam insatisfação, os que fantasiavam, os que imergiam no universo das palavras, os que devoravam as obras que lhes caíam à mão e, principalmente, os que meditavam sobre os acontecimentos. O filme cortava para o centro nervoso do cérebro e demonstrava que, nos indivíduos propensos à literatura, havia muito maior riqueza de ligações eletromagnéticas, no setor da inteligência relativo à fluência e à lógica verbais. Demonstrava-se, em seguida, como é que os escritores desenvolveram os temas escolares em comparação com os alunos comuns. Quando não estava fortemente incentivado, por não me reconhecer aluno especial, a projeção foi em busca de outras encarnações, evidenciando que os seres mais equipados para a literatura tinham experiências diferentes, em campos outros das atividades humanas. Essa fase das evocações terminava analisando o interesse como fator primordial, para que os indivíduos comessem o trabalho de aquisição dos elementos fundamentais da arte de escrever. Em seguida, passava dez exercícios de redação, que deveriam ser elaborados no computador pessoal, para serem enviados à central de estudos. Dava dez dias de prazo, exigindo que se redigisse um texto por dia.

Quis prosseguir assistindo ao que se continha na fita, mas estava bloqueada. A informação que li considerei por demais curiosa:

*O interesse em aprender a redigir deve passar pelo interesse em redigir. A fita oferecerá a segunda lição somente após ter você cumprido os exercícios. Com o resultado dos trabalhos, receberá a chave para prosseguir. Deus nos ajude a encontrar o nosso caminho! Obrigado.*

— Ora essa! Se eu soubesse escrever, não procuraria aprender!

A pequena reflexão me deixou profundamente envergonhado. Veio-me à mente a cartilha. Lá se registrava o conceito essencial do progresso:

***Todos os seres atingirão a perfeição, contudo, precisarão trabalhar para isso em todos os setores existenciais, aperfeiçoando os sentimentos e ampliando os conhecimentos, segundo as leis cármicas.***

Desde algum tempo, vinha meditando a respeito do que poderia saber Jesus, para exercer a atribuição de mentor galáctico. Se o instituísse como alvo a atingir, talvez falhasse pela pequenez de meu espírito. Sendo assim, tentei estabelecer escala de seres superiores. Não consegui, pois, além dos professores, de Maciel e de Honorato, não tinha ideia exata do que seriam as entidades de luz, os mensageiros do Alto, os anjos guardiães, os serafins, os querubins...

Liguei o computador e redigi parte de minhas memórias: *De como interpretei mal o meu poderio sobre a vida e me suicidei.*

Nessa primeira redação, busquei concentrar-me na estupidez de quem se vê acima das leis, acima do bem e do mal, plenipotenciário do Senhor, com direito de matar e de morrer. Insisti em que fizera tudo para deixar a viúva com remorsos e concluí enfatizando as dores conscienciais que me arrastaram para as Trevas.

Havia a possibilidade de refazer o texto. Cortei quase todas as frases. Não me satisfiz com a primeira edição. Queria castigar o estilo. Não tinha, todavia, recursos fraseológicos, ainda mais quando me faltavam os termos apropriados e apelava para as palavras assemelhadas, dando sentido metafórico às expressões para retratar os pensamentos.

Examinei os parágrafos e determinei-me a não encaminhar a primeira tentativa. Podia guardá-la na memória do computador, para trabalhar mais tarde sobre o texto.

Cansado e desapontado, deitei-me, orando ao Pai que me perdoasse, por ter sido presunçoso. Lembrei-me de Honorato. Se o padrinho estivesse presente, não me teria deixado dar tamanha cabeçada. Enfim, não perdera tempo, pois fora capaz de julgar quão frágil era no setor literário. Prometi empenhar-me nos estudos. Ao encerrar a prece, solicitei forças para contribuir com o desenvolvimento da prima Leocádia. Foi aí que observei que a perspectiva do serviço não me produzira qualquer preocupação. No campo da cartilha, sentia-me seguro. Graças a Deus!

## ENCONTRO DE TRABALHO

Diferentemente da turma anterior, pondo de lado as exposições pessoais, o novo grupo se aboletou nos assentos, determinado a progredir no conhecimento do assunto que nos fora proposto. Deveríamos auxiliar alguém a absorver os ensinamentos da cartilha? Deveríamos imitar as reações plausíveis dos seres que iriam ficar sob jurisdição espiritual? Então, deveríamos iniciar imediatamente.

Reginaldo assumiu a coordenação e estabeleceu as diretrizes, em linhas gerais:

— Quem teve a indicação de que receberá pessoa conhecida para adestrar no catecismo evangélico descreverá, sucintamente, o que espera encontrar e fingirá ser essa pessoa. Vamos avaliar o nível de expectativa, relacionando-o com as eventuais dificuldades.

Ninguém se manifestou. Ou aguardavam melhor oportunidade ou não tinham mesmo indícios dos pupilos. Não pude escapar de ser o primeiro.

— Veio-me bem clara a ideia de que a prima Leocádia seria a aconselhada.

Maria se interpôs:

— Não gostei do termo *aconselhada*. Vamos definir a perspectiva de instrutores. Sendo assim, não somos conselheiros. Exercemos o papel de conselheiros, como nos disse Mário. Logo, não temos *aconselhados*. Digamos alunos, ou melhor, companheiros necessitados de ajuda, pupilos ou discípulos, caso não nos confundamos com professores. Ou seja, nós não iremos ensinar mas auxiliar na leitura e absorção dos conhecimentos que se registram na cartilha.

Valdemar sugeriu *afilhados*. Reginaldo preferiu *amigos*. João não opinou e Marlene concordava com qualquer nomenclatura, desde que o que fizéssemos fosse o melhor possível.

— Pois bem, prossegui, Leocádia era mais velha que eu três anos e por ela nutri minha primeira paixão juvenil. Devo dizer que fiquei na contemplação e no despeito, quando me vi colocado para fora de seu círculo amoroso por *gavião* bem mais velho.

Maria, de novo, interrompeu:

— Leocádia morreu antes ou depois de você?

— Depois.

— Então, estou vendo certa impossibilidade de que seja ela a escolhida como sua... Engasgou na designação. Eu quis esclarecimentos:

— Por que impossível?

— Quantas vezes você voltou à Crosta?

— Nenhuma.

— Como estão os seus parentes?

— Honorato me disse que quase todos estão desencarnados.

— Aí está! Se você for instruir a prima, irá interessar-se pelo destino dos que lhe eram caros e irá perturbar-se no que tange ao serviço.

A lógica pareceu-me transparente. Maria continuou:

— Conseguiu o irmão Roberto vencer a *paixonite* ou considera que esse amor adolescente lhe possa morar no coração?

— Penso em Leocádia com muita ternura.

— Quem foi ela, em encarnações anteriores?

— Desconheço.

— Esse é outro óbice ponderável. Haverá muito mais curiosidade para restabelecimento dos vínculos e o trabalho poderá descair para o sentimentalismo. Não é o que se pretende dos novéis instrutores. Não vejo nessa sua *intuição* nada mais que o desejo inconsciente de burlar as diretrizes socorristas, no sentido de antecipar o conhecimento do mundo externo. Bem pensando, existe a possibilidade de o amigo estar até suspeitando dessa verdade e esteja vibrando para alcançar ser o diretor espiritual de pessoa que lhe seria infensa emocionalmente, no campo dos sofrimentos. Por que não pediu para orientar a esposa, o pai ou a mãe?

Reginaldo percebeu que a colega buscava descobrir-me as fraquezas mas não concordou com o sistema:

— Se estamos querendo embaraçar o companheiro, fazendo-o desconfiar de que haja malícia em sua postura perante o trabalho, não seria melhor fazê-lo de maneira lúdica, como nos sugeriu o mentor?

João aproveitou a deixa:

— Se quiserem, faço as vezes de Roberto e ele, da prima.

Todos concordaram. Eu protestei:

— Não saberia responder de maneira feminina. Meus atributos são masculinos; posso até dizer: infelizmente. Mas não sou capaz sequer de saber como é que ela me tratará, depois de me ter visto suicida.

Marlene corroborou-me os pensamentos:

— O teatrinho tende a descambar para a fantasia. Se quiserem, participo da representação na qualidade da prima, contudo, todas as intervenções de Roberto hão de ser analisadas pormenorizadamente.

Não pude fugir à proposta. Marlene exercia poder de fascinação também sobre mim.

Reginaldo perguntou se alguém gostaria de apartear. Silêncio geral.

— Então, principiemos.

Marlene perguntou-me como gostaria de encontrar a prima:

— Posso dar-me a feição de mais jovem ou de mais velha. Loira ou morena.

Observei que eu não tinha nenhuma condição de me metamorfosear, permanecendo no corpo marcado pelas cicatrizes, como dentro de armadura. Mas a questão merecia ser refletida. Não sabia com que idade Leocádia teria desencarnado. Arrisquei:

— Clareie a pele, deixe os cabelos castanhos e puxe os olhos para o azul.

— Poderemos pedir à central de informações para nos enviar o retrato que Roberto projetou nas sessões de reflexão.

Valdemar tinha achado a resposta.

Em pouco mais de dez segundos, estávamos com a figura na tela, a querida Leocádia dos quinze anos.

Maria quis saber:

— É essa a última imagem que tem da prima?

Puxei pela memória. Evidentemente, eu a vira frequentemente até completar os vinte anos. Mais tarde, encontrei-me com ela esporadicamente. Recordei-a aos trinta e dois e aos trinta e seis. Voltei a encontrá-la aos quarenta e dois.

— Vamos requerer essa fotografia.

A contragosto, solicitei do serviço de informações o envio do retrato.

Surgiu na tela uma Leocádia madura, envelhecida, com ar tristonho. Muitos dos traços estavam esmaecidos, por não ser clara a recordação.

Maria entrou em contato com o centro e pediu para limpar a imagem dos embustes emotivos. Queria a fotografia viva e colorida.

Marlene se concentrou e, em pouco tempo, conseguiu imitar a fisionomia e o porte físico de Leocádia. Diante dela, estremei. Muitas lembranças me passaram pela mente.

Reginaldo, atento para as sutis evoluções do plasma de minha aura, pediu-me atenção:

— Roberto, querido, é preciso controlar as emoções. Se, diante do simulacro, você demonstra insegurança, que dirá perante a prima!

Reconheci que deveria manter-me calmo. Em pouco tempo, dominei-me. Até João gostou da reação:

— Juro que, se fosse comigo, não me arrumaria tão pronto. Por isso é que estou rezando para que o meu assistido, ou como se deva chamar, seja alguém alheio ao meu mundo particular.

— Pois eu acho — era Maria ponderando — que todos devamos aprender com esta demonstração. As lições não servem só para Roberto. Servem para todos.

Reginaldo contemporizou:

— Vamos esforçar-nos para entender a situação criada. Eis que Roberto, que nunca esteve na Crosta nem contactou nenhum conhecido do último encarne, de repente se vê perante pessoa muito querida, por quem nutria afeto verdadeiro.

Desejei objetar:

— As sensações não disseram respeito, propriamente, ao fato de estar diante de Leocádia. É que restabeleci, de certa forma, as vibrações materiais, como se estivesse preso à carne. Foi recordação mais global. Tanto que a figura de Leocádia mais velha não me desperta o mesmo interesse que a da jovem do primeiro retrato.

Valdemar quis ressaltar:

— Tenho para comigo que a observação é importantíssima. O estremeçamento, ou melhor, os estremeções resultantes da vontade de capitalizar o que foi bom na vida são momentos de felicidade que se não podem desprezar. Nós, suicidas, tendemos a ver tudo negro, sob o prisma da sensação de dor que nos conduziu ao ato desesperado. Não sei como explicar direito, mas sinto falta de meu orientador, que me daria palavras mais próximas do que estou realmente querendo dizer. De qualquer modo, tenho a certeza de que todos ganharíamos muito se nos déssemos a mesma oportunidade de estar perante alguém que amamos.

Foi Maria quem não concordou:

— Está parecendo que a ovelha negra do grupo seja eu. É que não aceito desviarmos, agora, da experiência. Vamos realizar as observações em função do que ocorre na psique de Roberto. Depois, tiraremos as conclusões.

Valdemar concordou e demos prosseguimento à cena do encontro.

— Leocádia, querida prima, como está?

— É você, Roberto?

— Sim. Venho com a incumbência de orientá-la.

Foi uma revolução no grupo. Todos queriam falar ao mesmo tempo.

— Está fora do programado!

— O orientador orienta, não diz a que vem!

— Estamos perdendo tempo, se formos levar isso a sério!

— Eu diria outra coisa, completamente diferente!

Reginaldo pediu silêncio:

— Vamos ouvir o que Roberto tem a dizer.

— De minha parte, dada a intimidade na carne, qualquer coisa que diga terá o cunho do afeto, da boa vontade, da amizade. Se não estiver consignado o rigor doutrinário, o tom da voz, a vibração do sentimento, o envolvimento dos fluidos da simpatia irão suprir a deficiência. Por isso, disse diretamente o que iria fazer.

Maria me interrogou:

— Se não estiver diante da prima, irá dizer outra coisa?

— Evidentemente.

— O quê?

— Direi: *“Meu irmão, venho a mando da administração da colônia para lhe proporcionar assistência no que diz respeito ao aprendizado das normas evangélicas. Eis aqui o seu catecismo. Iremos estudá-lo juntos, até que tudo se lhe fixe indelevelmente no cérebro. Jesus velará por nós!”* Que tal?

O grupo permaneceu silencioso por algum tempo. Marlene, restabelecendo a própria fisionomia, ajuizou:

— Caríssimo Roberto, é melhor que peçamos, como sugeriu João, que a entidade que iremos orientar não nos tenha vínculo sentimental.

Naquele instante, o sinal nos avisava de que era hora da reunião da classe.

No caminho, meditava sobre as razões que me levaram a supor que iria encontrar-me com Leocádia. Conservava forte a esperança de que viesse a ser ela a orientanda. Mas a segurança do ensino da cartilha abalara-se um pouco. Era preciso que o grupo se

reunisse outras vezes, antes de começarmos o trabalho. Seria essa a conclusão a que se chegaria, na presença do Professor Mário?

## A GRANDE REUNIÃO

Apontaram-me para representar o grupo. Realmente, fora quem mantivera acesa a atenção para o tema por mais tempo, pelo menos, no que respeitava ao envolvimento com as tarefas de doutrinação e de elucidação dos recém-chegados.

Dirigi-me ao centro do círculo, com mais seis colegas, um para cada equipe.

Mário permanecia de fora e pediu para que cada qual relatasse o que havia sucedido nos grupos. Que a turma do centro deliberasse sobre quem seria o primeiro. Outra vez deram-me a iniciativa. Desconfiei que era por estar no grupo de Reginaldo. Comecei:

— A turminha chegou à conclusão de que deveremos discutir muito para alcançarmos condições mínimas para o exercício real do socorrismo, mesmo que as pessoas sob influência sejam afáveis e tenham tido vidas exemplares. Concluímos, ainda, que não devemos orientar parentes, amigos ou conhecidos, dado o comprometimento emocional tender para relacionamentos particulares, quando o que se almeja é o aprendizado da cartilha.

Mariana estava na roda do centro e se manifestou favorável a que os temas por mim levantados fossem levados para os diferentes grupos, uma vez que o seu pessoal se ativera a outras teses:

— A minha turma esteve interessada em interpretar as diferentes reações perante os assistidos...

Nesse momento, recebi instantes apelos de Maria para apartear. Tínhamos sistema de comunicação, de forma que, sem perturbar o andamento da reunião, éramos capazes de trocar informações. Não quis atender para retificar o *assistidos* e pedi à colega que se mantivesse calma. Haveria momento oportuno para a reflexão.

Mariana prosseguia:

— Representei velha senhora religiosa, absolutamente surpreendida com os eventos cármicos. Houve quem se fizesse de jovem atropelado. Outro preferiu ser homem maduro, vítima de doença do coração. E assim por diante. Vimos que houve dificuldades no estabelecimento da psicologia apropriada a cada indivíduo, mas, de modo geral, foi possível concatenar as ideias e oferecer respostas convincentes das boas intenções da

instituição e do membro designado como orientador. Contudo, não nos sentimos preparados para responder a pessoas mais inteligentes, capazes de argumentação fundamentada nas premissas do pensamento teológico ou filosófico de seitas ou religiões que fanatizam os simpatizantes e cristalizam os pensamentos dos sacerdotes. Iremos querer de Mário que nos esclareça quanto a termos conhecimento prévio dos... como é mesmo que devemos chamar o pessoal novato?

Deu no que desejava Maria. Pretendi intervir, mas o representante do próximo grupo teve prioridade:

— Pela ordem, querido Professor.

— Esteja à vontade.

Lá estava Onofre, a desafiar que se quebrassem as normas dos debates.

— Vamos dizer que os que vão aprender sejam aprendizes. Vão aprender o quê? O evangelho, a doutrina, a filosofia, a verdade espiritual. São, portanto, aprendizes do evangelho. Quem irá ensinar? Nós, instruídos e instrutores. Assim, somos monitores. Poderemos chamar o pessoal ingressante também como monitorados. Se aprendizes ou monitorados não forem palavras que soem bem, proponho assistidos, alunos, pupilos, irmãos, amigos, aconselhados...

Maria, insistentemente, rogava que pedisse a palavra. Queria que desse à classe a ideia de que o assunto devesse ser discutido com maior rigor. Onofre, segundo ela, estava a desfeitear a precisão terminológica, mercê da capacidade oratória. Eu me vi atrapalhado, pois não tinha argumentos para rejeitar as apreciações do colega revolucionário. E disse-o com franqueza à companheira. Diante de minha pusilanimidade, aquietou-se. Mais tarde, por certo, iria manifestar-se favorável a que Reginaldo fosse o escolhido do grupo.

Nessa troca de informações, perdi as observações que se fizeram em torno do tema principal. Guardei apenas que Onofre considerava, ao contrário do grupo que o enviara, muito cedo para assumir responsabilidade socorrista. E se o *coitado* não tinha sequer condições de assimilar a leitura do *libreto*? Desconfiei que perguntava mais ao Professor do que aos parceiros. Mas não recebeu resposta. A palavra seguiu adiante.

Carlos Ênio, excelente aluno das aulinhas de redação, suicida por enraizada convicção materialista, tomou a palavra:

— Somos de parecer que o tema proposto está à altura do desempenho moral da classe. Se assim não fosse, os mentores não se teriam inclinado a determinar que chegássemos tão depressa ao socorrismo prático. Entretanto, quero ressaltar, em nome do grupo, com quem mantive contato durante as apreciações anteriores, que devemos receber informações exaustivas a respeito das entidades que iremos instruir. O treinamento teórico está a ensejar-nos *programar* as pessoas com quem melhor desempenharíamos as funções. Esse é o objetivo curricular. Feito o levantamento dos problemas, somos capazes de indicar as deficiências pessoais ao grupo. Fazendo todos assim, formar-se-á o quadro geral do que precisamos aprender. Essa matéria não há de ser mais difícil do que temos estudado até agora. Basta acreditar que temos condições de amar o trabalho e iremos amar também a quem se apresentar ávido por crescer nos conhecimentos. Concordamos com Onofre no aspecto das inúteis pregações, quando o discípulo oferecer resistências. Mas contamos com o amigo para nos explicar como é que tais pessoas reagem...

A brincadeira surtiu efeito. O ambiente tenso pela série de conclusões pendentes de encaminhamento aos superiores se desanuviou. Carlos Ênio conseguira o intento de resumir as diferentes posturas diante do tema. E o fizera com felicidade, tanto que os demais se manifestaram apenas para confirmar que os seus grupos tinham chegado a resultados muito parecidos.

Mário solicitou que a formação se desfizesse. Rapidamente nos dispusemos em fileiras, para ouvir-lhe a preleção.

— Meus amigos, não vamos perder-nos pela imposição das opiniões pessoais. Enquanto se discutiam os principais resultados, percebi que muitos se desgostavam do desempenho dos selecionados, havendo até o caso de um deles se esquecer de que fora voto vencido na reunião particular e ter exposto seu próprio ponto de vista. Quanto à discussão dos termos para a fixação das diretrizes metodológicas, na apreciação das leis cósmicas, não discordarei de que seja de alta relevância a definição dos conceitos, através de nomenclatura especialíssima. No entanto, no que concerne à designação da entidade que estará sob amoroso amparo intelectual, não vejo a transcendência da necessidade de absoluta coerência. Na verdade, dado que cada qual mantém personalidade própria, é compreensível que se utilizem de vocábulos diferentes, segundo o prisma em que se colocam seja mais ou menos emotivo, mais ou menos racional, mais ou menos humano, mais ou menos angélico, mais ou menos divino. Espero que finde esse discurso de quem não se interessa, realmente, em auxiliar os que estão em momentânea inferioridade cármica.

Desconfiava eu de que Maria tinha vontade de desaparecer. Enviei-lhe palavras de conforto, pedindo para voltar a levantar o problema na próxima reunião da turminha. Queria comprovar que havia aspectos do seu discurso em que tinha inteira razão. Perguntou-me, imediatamente, quais aspectos seriam aqueles. Percebi que fora afoito, que não pensara direito no que dizer. Fora levado pelo interesse em não vê-la arrasada. Pedi-lhe para prestar atenção à aula. Não queria perder nada das explicações. Notei que o aparelho da companheira se desligara. Teria ficado brava também comigo? Como são estranhos os espíritos femininos! E eu que desejava ter Leocádia como orientanda!

Mário prosseguia:

— ... todos receberão instruções minuciosas a respeito do comportamento habitual, bem como resumo extraído da memória. Não se esqueçam de que estamos aparelhados para gravações completas, segundo o influxo vibratório das mentes. O tempo se condensa ou se alarga pela necessidade psíquica. O mais virá com o desenvolvimento da próxima tarefa. Cada grupo receberá três históricos ilustrados de diferentes desempenhos de instrutores como vocês. Num, o sucesso foi total; noutro, parcial; no terceiro, houve completo fracasso. Vocês vão analisar o que aconteceu e propor modificações para melhorar o processo de aconselhamento. Não se prendam a problemas particulares. Vejam o trabalho do ponto de vista da organização socorrista, como se estivessem gerenciando a formação evangélica dos instrutores.

Quis conversar imediatamente com Maria. Achava que tinha sido indelicado. Encontrei-a em animada discussão com o Professor. Deixei-os em paz. Mário daria rumo certo aos implementos de rancor da aluna. Honorato me teria sugerido prudência e recolhimento espiritual. E uma prece, em favor de todos os que se retiravam frustrados.

Era entre estes que me incluía. Mais que nunca, não me senti competente para instruir a quem quer que fosse, muito menos Leocádia. Se o curso levava ao aperfeiçoamento na área da assistência doutrinal, estava conseguindo remar contra a corrente, com extraordinária facilidade.

## A LIÇÃO LITERÁRIA

Não foi difícil entender-me com Maria, a respeito das intenções de acalmá-la. Após a conversa com Mário, a companheira de estudos voltou disposta a efetuar o trabalho de benemerência espiritual, sem rigores conceituais. Nunca soube exatamente quais os argumentos do mentor, mas admiráveis foram os resultados.

Naquele final de tarde, voltamos a confabular no pequeno grupo, sem o ritmo intenso do trabalho. Era como que o desafogo das pressões da responsabilidade. Cada qual ficou de ler os casos de administração das noções da cartilha, deixando para a manhã seguinte a discussão.

Eu mesmo não queria mergulhar nas peripécias dos aconselhamentos. Evitava chegar-me aos textos com o espírito prevenido. Queria estar isento de qualquer emoção. Sendo assim, pus-me diante do computador para refazer a redação da noite anterior.

Assim que digitei a sigla do programa, apareceu-me na tela a informação de que o primeiro texto fora considerado insatisfatório. Desejaria o consulente adiar a entrega do trabalho?

Estranhei que houvesse sido analisado simples rascunho, rejeitado pelo autor como pobre e infeliz. Em todo caso, como gostaria de chegar logo à lição seguinte, assinaliei que, no próximo texto, imprimiria o que pensava sobre o anterior e dei título à segunda redação: *De como cheguei à conclusão de que muito deverei aprender para conquistar o direito de elaboração de texto literário.*

Antes de me precipitar na escrita, estabeleci como critério de desenvolvimento esquema flexível, de maneira que, conforme as ideias fossem surgindo, poderia ir implementando novos tópicos e subtópicos. Achei que o texto corresponderia a uma dissertação, contudo, para efeito de atração literária, imaginei história em que me via personagem-autor às voltas com a necessidade de apresentar romance para editoração, tendo sofrido *pane* mental, não conseguindo organizar o escrito. Era muito pretensioso, mas o final permaneceria em aberto, de modo que, ao me ver em apuros, poderia livrar-me dos perigos redacionais, fazendo com que remédio salvador pusesse tudo no lugar. Poderia, também, acordar de pesadelo, encharcado de suor, estando o livro pronto e entregue. O que importava era fazer ver ao examinador que compreendia as minhas dificuldades de escrever, o que redundara no fracasso da primeira tentativa.

Parei para pensar sobre o beco em que me metera, mas foi-me possível lucubrar situação em que a personagem volve aos primeiros tempos, quando se deparava com extraordinárias deficiências de vocabulário e de ritmo frásico.

Estabeleci hora e meia como tempo máximo em que poderia ficar escrevendo, até o momento de me dirigir ao magistério voluntário e embrenhei-me nas aventuras psicológicas, como se estivesse a par de todas as mutações cerebrais da confecção textual. Esquecido de mim, levei a personagem ao ponto de se dar conta de que a obra não mereceria publicação.

Reli a redação e julguei o trabalho muito fraco, se bem que melhorzinho em relação ao anterior. Como se tratava de obra da imaginação, passei a fantasiar o mais que pude, para ressaltar os contornos do drama, tornando absolutamente inverossímil a personagem. Introduzi uma esposa e uma amante e queimei os originais, em momento de rara clarividência da impotência do autor. Fiz com que se arrependesse, mediante o contrato cobrado pelo editor, e salvei-o de ser processado, quando a esposa surgiu com cópia que havia feito para demonstrar que o livro estava sendo dedicado à amante. Terminei com o escritor ajoelhado aos pés da mulher, da amante e do editor, pedindo perdão por ser quem era. Oportunamente, fiz com o que o nome do coitado se alterasse para Roberto e despachei a redação, porque estava na hora de trabalhar.

Durante o tempo em que estive na companhia do amigo Xavier, no hospital, ficou-me, como pano de fundo da consciência, a martelar-me a mente, a absurda história que resultara no segundo exercício. O que mais me azucrinava a paciência era o fato de não ter dado cunho de seriedade à tarefa. Parecia-me que demonstrara contundente irresponsabilidade e que iria provocar mera perda de tempo do examinador. Imaginei-me a escrever para o público e o sangue me cobriu o rosto.

Xavier percebeu que me distraía. Quis saber o que se passava. Expliquei, candidamente:

— Estou na sua situação. Tenho de elaborar dez textos, para adquirir capacidade de redigir literariamente, e não fui capaz de me manter sério no que escrevi hoje. Será que você esteve em semelhante situação?

— Ora, Professorzinho, eu não sabia escrever, lembra-se? Cheguei analfabeto. Com sua ajuda, hoje escrevo cartas a seres imaginários, versando sobre temas desconhecidos. Não foi assim que você me explicou? Pergunte-me se gostaria de estar em sua situação.

— Que situação? A de estar preocupado por não ter realizado bom trabalho?

— Não. A de estar buscando fazer algo de nível superior.

— Você gostaria, Xavier, de estar em minha situação?

— É pra já. Vamos trocar de lugar...

A graça do companheiro me desanuviou. Não fora capaz de seguir-lhe a peripécia do raciocínio, de forma que realmente fui surpreendido. Como vingança intelectual, determinei-lhe que relatasse a conversa. Poderia ser escrevendo ao pai, à mãe ou ao irmão. Mas que o fizesse deslocando o foco narrativo para outra personagem. Não queria que o acontecimento fosse reproduzido em primeira pessoa.

Xavier pensou um pouco e resolveu protestar:

— Sei que o amigo Roberto quer texto para exercer o encargo de examinador, como se estivesse analisando o próprio trabalho. Sabe que meu desempenho irá deixar a desejar. Quer cascar sobre o aluno como julga que vai ser cascado. Não está direito!

Sorri e concluí:

— Não queira ser espertinho. Você é muito inteligente e lhe passei trabalho a altura. Veja, nesse exercício, grande elogio e esforce-se para realizá-lo de acordo com os roteiros. Você tem dez segundos...

— Em outro tempo, mandava-o passear. Mas vou lhe dar a *grande* satisfação de encontrar a redação pronta, amanhã.

— Então, Xavier, até amanhã!

— Vá com Deus, Roberto!

No ambiente comum do alojamento, encontrei os companheiros de grupo discutindo a respeito dos desempenhos dos orientadores, conforme determinação de Mário. Quis saber se havia grande dificuldade para se chegar à conclusão do que melhorar para salvar o conselheiro desastrado.

João, sem estragar a novidade, deu uma *dica*:

— Você não imagina quem se confundiu...

Maria interferiu:

— Você não vai contar a ele, senão perde a graça.

Foi suficiente para espicaçar-me a curiosidade sobre a tarefa.

— Vou ler os textos, imediatamente. Se der tempo, venho participar da reunião.

Junto ao computador, acionei as teclas relativas aos exercícios. Dado o rigor com que os trabalhos eram organizados, deveria ler primeiro o caso do sucesso total: *Relatório de Marcelo sobre os trabalhos de orientação de catecismo. Aluno do internato: Juvenal. Supervisão: Frederico.*

A descrição dos eventos era minuciosíssima. Havia, em separata, a história do orientando. Comecei a julgar-me incapacitado para boa leitura naquela hora. A aridez do texto técnico me aborrecia. Pensei em que Marcelo não se interessara por aprender redação literária. Dei preferência à história de Juvenal. Pelo menos, havia ilustrações em que episódios das lembranças se projetavam na tela. Fora ele desportista profissional, na área das artes marciais. As longas projeções das competições oficiais tinham por escopo determinar-lhe o interesse principal. A ação remetia o espectador para o século dezenove. A violência transcendia o esporte e o amigo se via às voltas com armas mortíferas, em escaramuças verdadeiras. Percebi que o trabalho do conselheiro não iria ser fácil. Voltei ao texto principal mas não fui capaz de passar da primeira página.

Morria de sono. Poderia acionar o sistema de transmissão subliminar, para conhecer mecanicamente os dizeres. Tudo ficaria na memória e não precisaria mais consultar o computador. Na manhã seguinte, bastaria concentrar-me para evidenciar os pontos nevrálgicos dos socorros prestados. Todavia, não desejei bloquear as evoluções inconscientes do espírito, no sentido de progredir nas soluções dos problemas da redação literária. Programei o despertador para bem cedo e fui dormir. Se me dedicasse com afinco à leitura dos textos, conforme os elementos constantes nas informações de capa, duas

horas seriam suficientes para desincumbir-me da tarefa. Perdoassem-me os colegas a desatenção.

Acenaram-me, compreensivos.

Antes de dormir, veio-me à ideia o fato de que o tempo melhor aproveitado será sempre o que carrega consigo o nosso interesse. Enviei saudações telepáticas a Honorato e adormeci imediatamente.

## TRABALHO PELA METADE

Acordei na hora que registrara no despertador. Tinha passado a noite desassossegado, como se me pesasse o fato de não ter demonstrado maior responsabilidade ao elaborar o texto encaminhado ao centro de análise das manifestações dos aprendizes. Sonhei muito e, por incrível que pareça, sentia-me plenamente recompensado pelos esforços em todos os setores em que me aplicava. Acordado, era capaz de censuras gravíssimas.

Para não dar motivo de me chamarem a atenção, fui diretamente ao computador, a fim de conhecer os serviços de atendimento evangélico.

Precisava ler o relatório de Marcelo. Era extenso estudo das reações psíquicas do violento Juvenal. Sentia-me antipatizado com os dizeres demasiado técnicos. Conhecia o significado da maioria deles, mas, frequentemente, interrompia a leitura para consultar o dicionário. O procedimento era o mais simples possível: marcava a palavra ou expressão com o dedo na tela e o significado correspondente surgia abaixo do campo do texto. Se quisesse mais que sinônimos, ou seja, definições e exemplos abonatórios, insistia na tela. A bem da verdade, regozijava-me com a facilidade das elucidações paralelas e passei a chauscar a redação de observações sobre possíveis melhores configurações frasais. *Sinto-me tentado a fazer o mesmo com este...* E lá ia o dedo a apontar, inclusive, para termos de absoluto domínio da minha parte.

No final, as conclusões foram favoráveis a que Juvenal se considerasse curado dos impulsos agressivos, condição que o colocava junto a uma turma, para as aulas de preparação para o socorrismo.

O segundo caso, também ilustrado, era bem mais simples. O entrevistado se definiu como ser pacato, de caráter dócil, mas tremendamente inflexível quanto aos conceitos adquiridos na religião que lhe formara a personalidade. Heitor, o acompanhante, não conseguiu ultrapassar os conceitos de reencarnação, a ponto de as teses espíritas quedarem sem desenvolvimento. A recomendação final encaminhava o irmão para serviços fora da área da educação. Algo como a manufatura do tecido com que se fazem os escafandros para imersão no Umbral e nas Trevas.

Estranhei que o caso tivesse tido a classificação de *sucesso parcial*. No meu modo de ver, Heitor fizera o possível. Fracassara em abrir a mente do discípulo, mas cumprira, com responsabilidade, as tarefas que lhe foram atribuídas.

Chegara ao terceiro caso, mas perdera muito tempo. Faltava pouco mais de cinco minutos para uma leitura dinâmica. A surpresa do orientador que se dera mal não me despertou a curiosidade. Poderia ser quem fosse. Já estava eu supondo que há criaturas tão renitentes nas opiniões, tão cheias de si nos conceitos, tão...

Dei com o nome de Honorato. Todos menos meu querido avozinho. Poderia esperar o Conselheiro de Onofre, o Professor Mário, meu advogado, Homero, o Comissário Educacional Petrarca e até Maciel, há tempos atrás. Mas expor o meu orientador ao escárnio dos colegas... Senti-me desapontado e magoado. Achei falta de consideração. Naqueles últimos anos, aprendera a gostar da figura austera e equilibrada do protetor, mais ainda, do conselheiro e amigo...

la por essas considerações, quando soou o aviso do encontro com o pessoal do alojamento.

Assim que me encontrei com eles, dei a perceber que a manifestação da noite não repercutira bem. Que *graça* havia para perder? Será que Maria estava alegrando-se com o meu desapontamento?

De maneira muito seca, avisei os colegas:

— Ainda estou jejuo. Vocês podem começar que daqui a, no máximo, quinze minutos estarei de volta.

Saí sem esperar nenhum comentário.

Quando retornei, meia hora depois, a discussão ia animada. Mas os colegas esfriaram, ao me verem arredio.

Reginaldo percebeu a *mancada* e se desculpou, em nome da turma:

— Não pensávamos que você fosse ficar tão abalado. Queira perdoar-nos ter-lhe dado a impressão de que estávamos...

— Tudo bem! Tudo bem! Acho que minha atitude foi muito pior do que a de vocês, perdendo a *esportiva*. Afinal de contas, ninguém está imune de fracassar, mais ainda, se insistirmos em não perceber que as pessoas tendem a crescer com o exame científico, isento de emotividade, dos erros. Em geral, é assim que os homens, como lemos na cartilha, costumam aprender. Da minha parte, sempre foi por esse meio que obtive os resultados positivos. Vamos ao que interessa. Vocês já apreciaram o trabalho de Marcelo?

Enquanto os companheiros expunham o que haviam feito, pus-me a analisar a reação que me levara a falar tão desprendidamente. No primeiro *tudo bem*, estava rancoroso. No segundo, dei com a atitude de defesa. O mais foi um crescendo de constatações de que errara. Ao final, encontrei justificativa para perdoar e aceitar ser perdoado. Era a segunda ou terceira vez que conseguia alterar, durante o discurso, o tônus emocional em desarmonia. Alegrei-me com a descoberta, mas não atinei com a pergunta que Valdemar estava fazendo-me:

— Você viu alguma falha no relatório?

— Que relatório?

— O relatório de Marcelo, claro. Sobre o que estamos falando?

— Desculpem-me, mas meu pensamento ia muito longe. Achei o relatório muito técnico, muito justificado cientificamente. Precisei vasculhar o significado de muitos vocábulos, para entender os mecanismos dos ajustamentos psíquicos às frustrações. Para cada palavra procurada, as notações Psicologia, Medicina Psiquiátrica, Antropologia e outras. Para mim foi muito bom, pois me interessei por ampliar o vocabulário...

Maria interveio:

— Para todos foi muito bom. Não chegamos ao ponto de buscar todos os termos no dicionário, por termos ficado mais preocupados...

O restante das explicações perdi, envolvido na repetição *termos... termos...* Positivamente, estava por demais dispersivo.

Marlene deve ter-se condoído de minha postura alienada dos problemas e propôs que se analisasse o segundo caso.

Maria insistiu:

— Como Roberto não participou da discussão do aprendizado de Juvenal, vamos dar-lhe prioridade para apreciar a atuação de Heitor.

Intimamente, agradei a lembrança, pois, se me pedisse para abrir a discussão sobre Honorato...

Reginaldo fez a pergunta diretamente:

— Caríssimo Roberto, acha que a tecnicidade redacional atrapalhou a leitura do segundo relatório?

— Absolutamente, não. Por ter sido caso de aparente ou transparente rebeldia intelectual, não houve necessidade de conceituações vinculadas aos estudos psíquicos de caráter patogênico. — Estava fazendo valer a pesquisa vocabular, em revide claro à observação de Maria. — Heitor redigiu texto agradável, tendo observado o desenvolvimento mental do assistido, em função de arraigadas concepções no terreno religioso, com redundâncias nos aspectos científicos do saber humano, ainda introjetado no cérebro com poderes restritivos. A vontade do discípulo, poderosa e abrangente, impediu que os esforços do mentor espiritual surtisserem efeito, tendo ficado de lado a programação espiritual, como resultante da observação empírica da realidade espiritual.

— Bravos, queridíssimo Professor! — Era João querendo entender o porquê da demonstração erudita. — Queira pôr em miúdos.

Antes que me manifestasse, Marlene obtemperou:

— O desapontamento do irmãozinho está a traduzir-se, sutilmente, em reações camufladas de instigação dos colegas. Nada que uma ducha de água fria não resolva. Como teve a capacidade de discorrer tão proficientemente a respeito de simples caso de encaminhamento para área de trabalho consentânea com os atributos intelectuais e morais do aconselhado...

Enquanto notava que Marlene empregara o termo que Maria me censurara, ela completava a alocação:

— ... nada mais justo do que proporcionar-lhe a oportunidade de examinar, com a mesma desenvoltura, por favor, o fracasso de Honorato.

Criou-se mortal silêncio. A expectativa de minha reação transformou rotina reunião de estudos em filme de *suspense*, podendo descambar para o *terror*. Olhei cada colega bem dentro dos olhos. Nenhum fugiu de sustentar o longo colóquio visual. Ao cabo

de uns bons dois minutos de arrepios, no reconhecimento dos envoltimentos sentimentais, considerei a película cômica e desatei num riso franco e debochado. Todos relaxaram e, com exceção de Maria, corresponderam alegremente às minhas gargalhadas.

— Vocês estão rindo, mas sem saber por quê.

E eu ria mais ainda. Quando os ânimos serenaram, pude esclarecer:

— Foi ótima a lembrança de Marlene. Foi o meio mais eficaz de me fazer calar. Enfiou a viola no saco e vou cantar noutra freguesia. Pensava que iria livrar-me do vexame de não ter lido o terceiro relatório e me surpreendi no meio da roda. Ou muito me engano ou há alguém aqui sabendo ler e interpretar as emanações das auras. Não é verdade queridíssima...

Marlene foi quem me provocou:

— Diga Sebastiana, vamos lá...

— Sebastianinha querida... O que prova o que afirmei.

— Sabe o que está acontecendo, Roberto? Você não está nem aí com o trabalho escolar. O seu interesse está concentrado em aprender as lições literárias...

Quis completar as observações de Marlene:

— ... e em ministrar as aulas no hospital...

Maria interferiu:

— Quanto a esta última atividade, sustenta a saudade da vida terrena, tão somente. Revela personalidade nostálgica, não inteiramente integrada no campo da espiritualidade. Sendo assim, vai levando as pesquisas programáticas, curriculares, na flauta, com certeza para adiar o mais que possa a hora da responsabilidade do acompanhamento dos aprendizes evangélicos. Se suspeitarmos de que esteja malbaratando o tempo, irá, sem dúvida, defender-se brilhantemente, tanto que está aplicando-se em área onde a retórica ocupa lugar de destaque. Quer projetar-se em área social e espiritualmente superior, para poder *abafar*, com ponderações ou argumentos intrincados, rebuscados, para colocar-se dentro de círculo energizado cultural ou eruditamente, com o que objetiva manter distanciados os companheiros menos apaniguados intelectualmente.

Maria me deixava absolutamente boquiaberto. Não a tinha em conta, realmente, de ser capaz de me responder à altura, conforme a provocação que lhe fizera. Fui coerente e confessei-lhe a surpresa:

— Como a amiga conseguiu chegar a resultado tão agudo sobre minha maneira de ser?

Reginaldo quis colocar o assunto em ordem:

— Se você tivesse lido o relatório de seu bisavô, teria tido condições de saber que o processo utilizado por ele levou o pupilo, exatamente, a desconsiderar a oportunidade de crescimento no campo do auxílio socorrista. O que Maria fez foi transferir para a sua personalidade as conclusões de seu antigo benfeitor. E, ao que parece, alcançou sucesso, pelo que todos podemos constatar em suas emanações vibratórias.

Valdemar contemporizou:

— Segundo o que pude depreender dos caminhos pedagógicos do Professor Mário, foi bom que fôssemos nós que lhe chamássemos a atenção. Maria sofreu na pele a reprimenda de ontem e, ainda por cima, teve de aturar longo sermão pela voluntariedade

incontrolada. Não veja, pois, na atitude da colega, agressividade além da que a amizade naturalmente prescreve.

Pelo tom dos discursos, avaliei o interesse dos colegas em evitar que me envolvesse demasiado com os tópicos extracurriculares. Reconheci que estavam preocupados com razão e enfatizei o alto nível evolutivo dos que compartilhavam do alojamento:

— Agradeço muito os conselhos que se subentendem nas diferentes manifestações de apreço e conscientização. Dou a mão à palmatória e peço-lhes que se mantenham atentos para outros possíveis desvios meus quanto ao objetivo principal. Sou capaz de entender que estão aplicando os conhecimentos relativos à orientação que vão exercer em breve, de modo que, sem onerar o curso, também me ensinaram a abrir a mente para aspectos sutis de meus ajustamentos às frustrações. Valeu, amigos!

Deu tempo, ainda, para emocionada oração, em que Marlene, emitindo fluidos de extraordinária serenidade, harmonizou as vibrações da amizade, transformando o momento de união em agradável assembleia místico-religiosa de submissão à vontade do Senhor.

Todos déramos importante passo em direção do despojamento de outra grossa camada de entulho terrestre.

A reunião geral receberia uma equipe de mãos dadas.

## SOB O AMPARO DA CLASSE

Quando entramos no salão das reuniões gerais, notei que havia maior conagração entre todas as equipes, tal como ocorrera com a nossa. O comentário geral era sobre as conquistas de benfeitorias, através das discussões sobre os casos reais. Alguns companheiros estavam particularmente esfuziantes, por terem sido alvo das apreciações dos colegas. Eu também deveria sentir-me confortado, mas, na verdade, estava ainda confuso com as revelações íntimas. Acostumado à reflexão distante do bulício natural dos grupos, punha-me resguardado, para poder, mais tarde, avaliar a extensão e a propriedade das observações que me diziam respeito. Mesmo quando sob a tutela direta de Honorato, esperava a calma da noite para pôr em ordem os pensamentos.

Quando Mário chegou, um pouco atrasado, havia dado tempo de conversar com os antigos colegas de grupo, para sondar a respeito de quanto tinham avançado no estudo dos procedimentos assistenciais. A maioria reclamava de que houvera superficialidade nas pesquisas, devido ao primeiro texto ter sido por demais complexo.

Mário começou a preleção:

— O atraso do professor foi proposital. Quis dar aos amigos oportunidade de, informalmente, trocarem impressões. Sei que há algumas disparidades quanto ao aproveitamento, porque, enquanto uns se dedicaram às pesquisas vocabulares e conceituais, outros buscaram comparar as personalidades dos assistentes e dos assistidos com a própria ou com as dos colegas. Não é isso mesmo?

Ninguém se atreveu a questionar as observações. Mário prosseguiu:

— Como estão os computadores individuais ligados à central de organização curricular, as estatísticas das consultas se montam à medida que os estudantes vão levando adiante o projeto. Assim, os professores podem tomar o pulso da classe, sem necessidade de consultar um a um, em longos interrogatórios. Alguém deseja perguntar?

Olhei para Maria e para Reginaldo, os que, no meu modo de entender, poderiam levantar algum ponto para reflexão do grupo. Maria indicou-me o receptor de mensagens com os olhos, pois queria comunicar-se comigo. Li o que lá se encontrava:

*Você não acha que deveria perguntar ao Professor a respeito de suas atividades extracurriculares?*

Achei interessante, mas não me atrevi. Devolvi-lhe o recado:

*Mais tarde.*

Como ninguém se tivesse manifestado, Mário prosseguiu:

— O pessoal pode não ter gostado cem por cento do desenvolvimento dos trabalhos de reflexão, entretanto, os que tiveram ensejo de se verem debaixo do aconselhamento devem ter impressões indeléveis para transmitir aos demais. Que se reúnam no centro os que foram objeto desse estímulo adicional.

Tínhamos decidido que o representante do grupo seria Reginaldo, mas me vi forçado a me revestir da função.

Maria insistiu:

*Aproveite a oportunidade!*

Olhei para ela e sorri. Parecia que me empurrava para a boca hiante do dragão da consciência culpada. Mas não me preocupei, dado que todos iríamos, um dia ou outro, nos vermos sob as lentes perquiridoras da classe reunida. Era fatal que alguém viesse a ser o primeiro e esse alguém poderia ser eu mesmo.

Mário determinou que falasse em primeiro lugar quem não tivesse certeza de ter sido bem analisado e aconselhado. Dada a euforia dos demais, precisei ser coerente com o procedimento habitual. Puxei a sardinha para minha brasa:

— Não sei se deverei ser eu o mais indicado para estar nesta situação. Contudo, como não pude digerir totalmente as informações que os colegas me passaram, não me sinto tão alegre e saltitante quanto eles.

Na roda em destaque, não poderia faltar Onofre. Foi quem colocou ordem no debate:

— Vamos ouvir o que Roberto nos tem para dizer. Se alguém se considerar mais necessitado, interrompe e expõe.

Aceito o roteiro, inicie:

— Os meus amigos resumiram minhas atividades na classe como insuficientes. Julgaram que estou dedicando-me mais profundamente às ações extracurriculares, em prejuízo do interesse em me tornar socorrista. Dado ter sido avaliado insucesso de meu benfeitor, transferiram para minha conduta o modo de ser do antigo pupilo, como resultante do desvio do procedimento do instrutor.

Na telinha do comunicador, lia-se:

*Está você de acordo?*

— Penso que estejam razoavelmente próximos da verdade. Em matéria de conclusões no campo psicológico, qualquer palpite pode conter pontos da realidade, dado que o indivíduo é sempre um ser complexo e qualquer coisa que se diga já passou pelo seu intelecto, pelo menos, quando não experimentou na vida de relações.

*Não dá para ser menos professoral?*

— Não domino a terminologia científica correspondente a esses setores dos estudos espirituais. Portanto, busco dar tonalidade às expressões que esteja no meio caminho entre o que diria um médico, um psicanalista, um psiquiatra e um professor de primeiras letras. Fui daqueles que pesquisou o sentido de cada vocábulo, terminando por não concluir o trabalho determinado, tendo ficado sem exame o caso mesmo do fracasso de meu bisavô.

*Considera essa atitude como dar primazia ao menos importante?*

— Tendo em vista o rigor metodológico da técnica descritiva aplicada por Marcelo, na apreciação dos resultados obtidos com o companheiro Juvenal, não sei como ir fundo na compreensão de seu relatório, sem entender, minimamente, os fundamentos doutrinários aplicados para que se alcançasse sucesso. Reconheço ser igualmente importante refletir sobre os fracassos dos outros dois orientadores. Foi por isso que dei a mão à palmatória e agradei aos colegas a boa vontade de terem destinado a reunião de hoje cedo para enriquecimento de minha personalidade. Sendo assim, deverei reorganizar o tempo, determinando-me a cumprir tudo o que não for verdadeiramente do programa, após ter realizado os trabalhos estabelecidos para o dia.

*Sente-se envolvido emocionalmente, sendo objeto da investigação psíquica?*

— Tenho muita segurança, principalmente, pela ajuda incondicional das duas equipes de que participei. Se me perguntarem a respeito dos graves deslizes da minha vida, com certeza irei declará-los, sem estremecimentos.

*Você já amou alguém?*

A pergunta parecia ler no fundo de minha alma. Era a maior das minhas preocupações.

— Jesus nos pediu para que nos amássemos uns aos outros, como ele mesmo nos amou. Os mandamentos maiores regem: *Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo*. Mais ainda, em seu evangelho, o Cristo perdoou os inimigos e pediu ao Pai que fizesse o mesmo, porque *eles não sabiam o que estavam fazendo*. A lição faz constar o item importantíssimo da reconciliação em vida. Ora, todos nós, discípulos, abandonamos a liça terrena por conta própria, o que me faz concluir que todos obramos exatamente de modo oposto ao determinado pela lei do amor e por todas as outras. *Se fora da caridade não existe salvação*, como concluiu Kardec, à luz dos ensinamentos do *Espírito de Verdade* e da plêiade enviada por Jesus para a Terceira Revelação, tendo eu e quase todos os demais vivido após o advento do Espiritismo e tendo eu e uns poucos condições de entrar em contacto com a Doutrina, posso afirmar que, se algum amor tive na vida, foi sentimento claudicante, egoísta, impositivo, próprio dos indivíduos não complacentes, cheios de si, orgulhosos, prepotentes, como me reconheço, afinal. Se me permitirem estender a observação para o período que estive sob a tutela de Honorato, posso dizer que comecei a entender o que significa amar depois de ter verificado o quanto de dedicação meu avozinho destinou a mim. Tanto que me senti constrangido, ao deparar-me com o seu nome na capa do relatório.

*Como suspeita tenham sido suas encarnações anteriores?*

— Facilmente, os companheiros perceberam que não sei quem fui em pregressos encarnes. Suspeito que tenha sido muito mau e que tenha provocado a morte, após muito sofrimento, dos que se tornaram, na derradeira peregrinação, os meus pais, irmãos, esposa, filhos e demais parentela.

*Sentiu rejeição familiar? Rejeitou os filhos?*

— Não gostaria de referir-me aos progenitores como adversários que me agasalharam fisicamente, sem dar-me o conforto moral correspondente. Senti, sim, forte rejeição, mas estou incapacitado para avaliar até que ponto não se tratava de simples revide aos meus sentimentos de desamor, de frustração... Pensando bem, poderia até ser

o reflexo das vibrações que eu mesmo emitia e que voltavam contra mim, por não serem absorvidas pelos contendores.

*Você não acha que deveria ter resolvido esse problema nas sessões de reflexão?*

— Acho que tive muito medo de encontrar-me único vilão nessa história. Dado o sofrimento nas Trevas, busquei relaxar as tensões para equilibrar as reações sentimentais. Acredito que poderia ter conhecido melhor o que ocorreu comigo no ventre materno, na primeira e segunda infâncias e na adolescência. Mas parti do princípio de que era mais importante cuidar de avançar nos conhecimentos para poder aparelhar-me evangelicamente no enfrentamento da terrível condição espiritual que ostento. E também para oferecer aos desafetos (se é que realmente são, pois podem ter progredido, enquanto eu marcava passo) a segurança de digna amizade, caso me fosse impossível amá-los desde logo.

*Você está respondendo ao questionário completamente isento de emotividade? Como acha que está sua aura neste instante?*

— Sinto-me à vontade. Creio que esteja prestando um serviço aos colegas, pois demonstro como deverão postar-se perante o grupo. Faço-o sem falsa modéstia, respondendo aos impulsos do coração, no ardente desejo de ser útil. Aprendi a conviver com todos os bons amigos, tendo-os conhecido em suas fraquezas e em seus empenhos de melhoria. Sei que fariam o mesmo por mim. Apenas sou obrigado a reconhecer que não tenho o cabedal energético mais propício para abranger a todos com as vibrações adequadas, para transportar-lhes por inteiro tudo o que sou, as falhas, as qualidades, o que lhes daria razões para argumentar com autonomia e precisão sobre a melhor maneira de evitar os mesmos erros ou de facilitar a aquisição das mesmas virtudes. Não sei se descrevi o que penso da aura neste momento, mas deve estar francamente aberta para a percepção de que estou sendo absolutamente verdadeiro, naquilo que compreendo como sendo a realidade psíquica dominada pelo consciente. Perdoem-me, se não lhes passo noções superiores. Aguardarei, pacientemente, que chegue o momento feliz em que serei considerado socorrista. Até lá, prometo que irei trabalhar com afinco.

*Gostaria de acrescentar mais alguma informação de valor para o grupo?*

— Cumpri dois exercícios do curso livre a respeito de composição literária. Recomendo aos que foram aluninhos meus no hospital que passem pelos mesmos sofrimentos, para entenderem melhor como se dá a construção frásica e textual. Saibam que o *insigne* professorzinho está apanhando de dois a zero. Não bastasse não ir bem no curso principal, também estou *pererecando* no extracurricular. E ainda tenho de reconhecer que as atividades como instrutor de redação estão camuflando a saudade do orbe, naquilo que julgava dominar com maior eficácia. Eis que todos os objetivos que considerava nobres, em que fazia valer a cartilha, que sei de cor e salteado, estão a pressionar-me para a avaliação mais pejorativa do momento presente. Entretanto, estou firme como uma rocha. Como? Por ter a convicção de que nunca antes estive tão próximo de realizar algo positivo. Consagrem-se, amigos, o mais que puderem, ao conhecimento da personalidade, e não liguem muito para o resultado, considerando de antemão que não poderá ser muito agradável. Pensem em mudar para melhor, sob o amparo dos companheiros, dos professores e dos que se encontram em outras esferas a enviar emanações de amor, de compreensão e de entusiasmo pelas pequeníssimas vitórias que

vamos acrescentando ao modesto acervo, a cada dia. Jesus velará por todos nós, sob o manto misericordioso do Pai.

Percebi que estava amparado fluidicamente. Seria por Mário? Por Honorato? Por Homero? Por Maciel?

Ao terminar a longa peroração, a classe manteve-se em silêncio. Mário solicitou a Reginaldo que entoasse uma canção para encerramento da aula. A belíssima voz do companheiro, mais pura que nunca, modulou, em harpejos suavíssimos, a prece de *Cáritas*:

*Deus, nosso Pai, que sois todo poder e bondade, dai força ao que passa pela provação, dai luz ao que procura a verdade, ponde no coração do homem a compaixão e a caridade...*

Quedei-me absorto sob a impressão de que as bênçãos de Deus recaíam sobre todos. Foi, então, que compreendi que os fluidos amoráveis que me inspiraram e me sustentaram durante todo o tempo da sabatina provinham de cada condiscípulo. Se, na vida, me faltara o amor das pessoas, se não propiciara felicidade a ninguém, estava obtendo de tantos generosa quota de reconhecimento e de companheirismo. Perguntava-me se teria condições para manter acesa a rica chama da solidariedade. Abaixei a cabeça, para que não me vissem chorar. Estava com muito medo de mim mesmo mas absolutamente confiante em que não seria nunca mais abandonado à própria sorte. Era o sentimento do amor, aplicado de maneira tão suave, tão delicada, tão terna. Eram as primícias da verdade evangélica.

## SEIS MESES DEPOIS

Terminei o curso de redação literária. Não alcancei louvor, mas obtive aprovação para exercer o direito de elaborar mensagens a serem transmitidas mediunicamente, aos irmãos encarnados.

Em relação às aulas de primeiras letras, considerei que as implicações psicológicas não deveriam afetar o desenvolvimento dos amigos internos, tanto que, através dessa atividade, muitos se distraíam dos problemas que os mantinham presos. Importante meio de ajuda terapêutica, foram os próprios pupilos que deliberaram que não poderia afastar-me. Por outro lado, capacitei-me a ministrar cursos mais completos, chegando a orientar pessoas formadas, para reciclagem voltada aos temas da moralidade cristã. Atualmente, tenho cinco alunos às voltas com ***A Arte de Escrever***.

As reuniões de análise individual prosseguiram, uma por dia, por mais trinta e nove dias, até que todos tivessem perpassado pelo crivo da corporação estudantil. Ninguém deu mais trabalho que Reginaldo, criatura extremamente complexa, cuja história mereceria narrador de melhores recursos. Onofre, ao contrário das expectativas, após aceitar o ponto de vista crístico, se tornou ferrenho defensor da categoria dos socorristas, tendo sido difícil controlá-lo, no sentido de aguardar que todos fossem examinados, para ir em ajuda de seu primeiro aprendiz do evangelho.

Após mais dez sessões, em que revisamos todos os pontos da cartilha, recebemos as diretrizes de atendimento primário. Cada aluno pôde escolher, dentre seis personalidades, aquela com a qual melhor se daria. Eu fui apaniguado por especial consideração: poderia eleger um dos alunos do hospital, desde que em condições mentais e emocionais adequadas. Submeti o nome de Xavier à apreciação de Mário. Este, após haver consultado aos médicos, deu-me o alvará, com a condição de que viesse a ser aprovado pelo atendido.

— Com o máximo prazer! — foi a resposta pronta do inteligente discípulo.

Dessa forma, o sonho de ter como orientanda a prima Leocádia se esvaiu completamente.

Xavier vem demonstrando-se muito mais competente que eu mesmo, que passei três anos até que adquirisse condições de frequentar o curso regular. Pelo andar da carruagem, dentro de seis meses, irá poder libertar-se do *orientador*.

Ainda não me encontrei com nenhum dos familiares. Tive notícia de que meus pais se encontram reencarnados. Só isso. Meus filhos conseguiram registrar saudade de mim, em faixa de onda compatível com minha frequência. Enviei-lhes fervorosos votos de breve reencontro. Leonor desapareceu-me quase completamente da lembrança. Cheguei à conclusão que nosso conúbio servira para a realização material do reencarne das três entidades. É mistério a ser resolvido. Seu amante, pelo que tudo indica, foi o *acaso* que fez cruzar nossos caminhos, para a prova em que ambos nos perdemos.

Proseguimos, presentemente, o curso, ainda sob a tutela do Professor Mário, dedicando-nos aos problemas decorrentes da orientação da cartilha. Tive a satisfação de haver partilhado da convivência com todos os colegas, no pequeno grupo.

Quando dá tempo, redigimos a história de nossas vidas ou, como no meu caso, do processo que nos trouxe em contínuo crescimento espiritual desde as Trevas.

Embora seja momento de muita glória, não criamos expectativa quanto ao recebimento do diploma pelas mãos de Maciel. Com certeza, se continuarmos a nos dedicar como até aqui, chegaremos a completar o curso com bom aproveitamento, haja vista a grata oportunidade que nos foi dada desta transmissão.

Devo dizer que vários colegas escreveram textos bem mais interessantes e mais completos. Contrariando o meu voto, a maioria, no entanto, como homenagem ao professorzinho do hospital, resolveu que a composição a ser divulgada seria esta.

Impus aos colegas a necessidade de que exercessem o direito de revisão, dado que muitos foram citados, até em circunstância desabonadora.

Maria abençoou a obra:

— Graças a Deus, fui retratada como realmente sou. Se, no futuro, viermos a contar o restante da jornada, com certeza minha personalidade será apresentada de modo bem mais agradável, pois terei evoluído. Não é isso que se espera de todas as criaturas?

Antes de encerrar, beijo reverentemente a mão de meu avozinho Honorato, em quem reconheço meu ideal de socorrista. Abraço o Professor Mário, cuja lucidez nos tem proporcionado progressos rápidos e significativos. É, para todos nós, verdadeiro Mestre. Agradeço, comovido, a cada irmãozinho da classe pelo estímulo e pela cooperação, porque, sem sua ajuda no campo da imantação e da sustentação fluídica, durante as transmissões ao médium, não chegaria a efetuar tão extenso ditado. Rendo homenagem a todos os professores e mentores da ***Escolinha de Evangelização***, especialmente a Petrarca, cuja orientação me permitiu trilhar, desde logo, o caminho mais adequado. Aos enfermeiros e médicos, com destaque para o Doutor Castro, tenho agradecido quotidianamente. Quanto a Homero, pude contactá-lo várias vezes, havendo iniciado juntos o projeto que me levará a visitar os parentes e amigos. Por enquanto, fizemos algumas visitas ao plano material terrestre, com a finalidade de atualização de conhecimentos. Prometeu-me ele que presidirá também à abertura da memória relativa aos dois encarnes anteriores, para o que deverei estar melhor preparado, sentimental e intelectualmente. Encanta-me sua companhia de cicerone.

Muito obrigado ao médium.

*Senhor, atendei-me quando vos peço pelos amigos. Atendei-me ainda mais quando rogo pelos inimigos, pois gostaria que me désseis força para dobrar a cerviz do egoísmo.*

*Pai de misericórdia, abençoei os que transformam as lições em conhecimento, a serviço da comunidade. Abri a mente dos empedernidos e favorecei-lhes a compreensão da verdade. Fazei a todos o que vindes fazendo a mim: estendei o vosso manto protetor, para que os conselheiros, na qualidade de anjos tutelares, consigam trazê-los das trevas para a claridade. Enviai-nos Jesus, através de vosso manancial de amor, para nos tornarmos dignos de trabalhar pelo evangelho. Amparai esta mensagem, para que obtenha dos leitores encarnados simpatia e respeito, tornando-a o veículo do nosso desejo de despertar para as virtudes. Assim seja.*

Indaiatuba, de 18 de julho a 6 de setembro de 1994.

Este título foi publicado pela EDITORA ESPÍRITA “MENSAGEM DE ESPERANÇA”. [www.editoraeme.com.br](http://www.editoraeme.com.br)